

1905 - JORNADAS REVOLUCIONARIAS

Handwritten signature

Faint handwritten signature

V.I. LENIN

1905 — JORNADAS REVOLUCIONÁRIAS



1ª EDIÇÃO

EDITORA HISTÓRIA

1980

JORNADAS REVOLUCIONÁRIAS

Handwritten signature

Í N D I C E

I — Petrogrado — Jornadas Revolucionárias e suas Experiências	9
1. Jornadas Revolucionárias	11
— O que ocorre na Rússia	11
— O padre Gapon	12
— O plano de batalha de Petrogrado	13
— Complemento ao artigo "O plano de batalha de Petrogrado"	15
— O "paizinho czar" e as barricadas	15
— Os primeiros passos	17
— A véspera do "domingo sangrento"	19
— O número de mortos e feridos	21
— Os combates nas barricadas	21
— Petrogrado depois do 9 de janeiro	22
2. Os Primeiros Ensinamentos	25
3. Um Acordo de Luta para a Insurreição	29
4. Devemos Organizar a Revolução?	37
II — Moscou — Jornadas Sangrentas e suas Experiências	45
1. As Jornadas Sangrentas de Moscou	47
2. A Greve Política e a Luta de Rua em Moscou	51
3. Ensinamentos dos Acontecimentos de Moscou	57
4. Os Ensinamentos da Insurreição de Moscou	65
III — Informe de 1905 e o Significado da Primeira Revolução Russa	71
1. A Primeira Vitória da Revolução	73
2. Nossas Tarefas e o Soviete de Deputados Operários	79
3. Informe sobre a Revolução de 1905	87

TRADUÇÃO: José Pedro da Silveira

CAPA: João Batista

Impresso **BARVALLE**  **INDÚSTRIAS GRÁFICAS LTDA.**
LIVROS • REVISTAS • JORNALS
Rua Taperl, 108 — Fone: 333-3036

Editora História
Rua Pau Ferro, 1889
Cap 32.000 — Contagem-MG

**PETROGRADO
JORNADAS
REVOLUCIONARIAS
E SUAS EXPERIENCIAS**

1. JORNADAS

que informan a Comissão de Organização das Jornadas Revolucionárias Petrogrado, apresentando o programa de trabalho a ser desenvolvido durante o período de 1935 a 1937.

Índice

1. JORNADAS 01

2. Informe sobre o Revolução de 1935 03

3. Moises Tardes e o Governo de Lacerda 09

4. A Primeira Vitória da Revolução 13

III — Informe de 1935 e o Significado da Revolução 21

4. Os Ensinamentos da Revolução 26

5. Ensinamentos dos Acontecimentos de 1935 33

6. A Grande Política e o Trabalho do Partido 37

7. As Jornadas Revolucionárias Petrogrado 41

II — Moções 42

4. Documentos, Debates e Proposições 33

5. O Programa da Revolução 38

6. O Trabalho do Partido 44

7. O Trabalho do Partido 44

8. O Trabalho do Partido 44

9. O Trabalho do Partido 44

10. O Trabalho do Partido 44

11. O Trabalho do Partido 44

12. O Trabalho do Partido 44

13. O Trabalho do Partido 44

14. O Trabalho do Partido 44

15. O Trabalho do Partido 44

16. O Trabalho do Partido 44

17. O Trabalho do Partido 44

18. O Trabalho do Partido 44

19. O Trabalho do Partido 44

20. O Trabalho do Partido 44

21. O Trabalho do Partido 44

22. O Trabalho do Partido 44

23. O Trabalho do Partido 44

24. O Trabalho do Partido 44

25. O Trabalho do Partido 44

26. O Trabalho do Partido 44

27. O Trabalho do Partido 44

28. O Trabalho do Partido 44

29. O Trabalho do Partido 44

30. O Trabalho do Partido 44

31. O Trabalho do Partido 44

32. O Trabalho do Partido 44

33. O Trabalho do Partido 44

34. O Trabalho do Partido 44

35. O Trabalho do Partido 44

36. O Trabalho do Partido 44

37. O Trabalho do Partido 44

38. O Trabalho do Partido 44

39. O Trabalho do Partido 44

40. O Trabalho do Partido 44

41. O Trabalho do Partido 44

42. O Trabalho do Partido 44

43. O Trabalho do Partido 44

44. O Trabalho do Partido 44

45. O Trabalho do Partido 44

46. O Trabalho do Partido 44

47. O Trabalho do Partido 44

48. O Trabalho do Partido 44

49. O Trabalho do Partido 44

50. O Trabalho do Partido 44

51. O Trabalho do Partido 44

52. O Trabalho do Partido 44

53. O Trabalho do Partido 44

54. O Trabalho do Partido 44

55. O Trabalho do Partido 44

56. O Trabalho do Partido 44

57. O Trabalho do Partido 44

58. O Trabalho do Partido 44

59. O Trabalho do Partido 44

60. O Trabalho do Partido 44

61. O Trabalho do Partido 44

62. O Trabalho do Partido 44

63. O Trabalho do Partido 44

64. O Trabalho do Partido 44

65. O Trabalho do Partido 44

66. O Trabalho do Partido 44

67. O Trabalho do Partido 44

68. O Trabalho do Partido 44

69. O Trabalho do Partido 44

70. O Trabalho do Partido 44

71. O Trabalho do Partido 44

72. O Trabalho do Partido 44

73. O Trabalho do Partido 44

74. O Trabalho do Partido 44

75. O Trabalho do Partido 44

76. O Trabalho do Partido 44

77. O Trabalho do Partido 44

78. O Trabalho do Partido 44

79. O Trabalho do Partido 44

80. O Trabalho do Partido 44

81. O Trabalho do Partido 44

82. O Trabalho do Partido 44

83. O Trabalho do Partido 44

84. O Trabalho do Partido 44

85. O Trabalho do Partido 44

86. O Trabalho do Partido 44

87. O Trabalho do Partido 44

88. O Trabalho do Partido 44

89. O Trabalho do Partido 44

90. O Trabalho do Partido 44

91. O Trabalho do Partido 44

92. O Trabalho do Partido 44

93. O Trabalho do Partido 44

94. O Trabalho do Partido 44

95. O Trabalho do Partido 44

96. O Trabalho do Partido 44

97. O Trabalho do Partido 44

98. O Trabalho do Partido 44

99. O Trabalho do Partido 44

100. O Trabalho do Partido 44

I - JORNADAS REVOLUCIONÁRIAS

O QUE OCORRE NA RÚSSIA?

Motim ou revolução? É a pergunta que se fazem os jornalistas europeus que informam o mundo inteiro sobre os acontecimentos de Petrogrado e tentam interpretá-los. Estas dezenas de milhares de proletários contra os quais atuaram vitoriosamente as tropas do Czar são amotinados ou são insurgentes? E os jornalistas estrangeiros que estão melhor colocados para julgar os acontecimentos "de fora", com imparcialidade de cronistas, vêm-se em dificuldade para responder esta pergunta. Mudam constantemente de terminologia. E nada tem de estranho que assim seja. Não é à-toa que se diz que uma revolução é um motim triunfante e um motim é uma revolução fracassada. Quem assiste ao início de grandes e grandiosos acontecimentos e só de um modo muito incompleto e impreciso, de terceira mão, pode verificar alguma coisa sobre o que acontece, não se decide, certamente, a expressar em seguida uma opinião definida. Os jornais burgueses que continuam falando como sempre de revoltas, motins e distúrbios, não podem deixar de reconhecer, contudo, a importância nacional e inclusive internacional dos fatos. E contudo essa importância é a que lhes confere o caráter de revolução. E aqueles que escrevem sobre os últimos dias do motim, referem-se, de vez em quando, aos primeiros dias da revolução. Estamos diante de um momento de transformação na história da Rússia. Este fato não o negam nem sequer os mais cautelosos conservadores europeus, fervorosos partidários e admiradores do poder ilimitado da autocracia da Rússia. Não existe a menor possibilidade de uma paz entre a autocracia e o povo. A revolução não está só na boca de uns poucos insensatos, dos "nihilistas", que é a concepção que a Europa continua tendo dos revolucionários russos, mas de todas as pessoas capazes de interessar-se, por pouco que seja, pela política mundial.

O movimento operário russo elevou-se em poucos dias a uma etapa superior. Converte-se diante de nossos olhos numa insurreição de todo o povo. É claro que aqui, em Genebra, tão longe, é muito mais difícil para nós manter-nos no compasso dos acontecimentos. Mas, enquanto estivermos obrigados a sofrer esse afastamento, teremos que esforçar-nos em manter-nos sintonizados com os fatos, fazer balanços e extrair conclusões, em tirar, da experiência da história atual, ensinamentos que amanhã poderão ser-nos úteis em outros lugares, onde hoje "o povo ainda cala" e em que num futuro imediato, de uma ou de outra forma, se levantarão as chamas da revolução. Temos que fazer o que constitui um dever constante do jornalista: escrever a história do presente e esforçar-nos por escrevê-la de tal modo que nossas crônicas prestem a maior ajuda possível aos que participam diretamente do movimento e aos heróicos*proletários que

lutam no local da ação; de modo tal que contribuamos para ampliar o movimento, escolher conscientemente os meios, os caminhos e os métodos de luta adequados para conseguir os maiores e mais duradouros resultados com o menor gasto de forças.

Na história das revoluções surgem à luz contradições que amadureceram ao longo de décadas e até séculos. A vida adquire uma riqueza sem precedentes. Aparecem na cena política, como combatente ativo, as massas que sempre se mantiveram na sombra e que por isto passam com frequência despercebidas para os observadores superficiais e, inclusive, em certas ocasiões, são desprezados por eles. Estas massas aprendem na prática, ensaiam seus primeiros passos à vista de todos, examinam o caminho, fixam-se objetivos, põem à prova suas próprias forças e as teorias de todos os seus ideólogos. Realizam heróicos esforços para elevar-se à altura das tarefas gigantescas, de envergadura universal, que a história lhes impõe, e por grandes que possam ser as derrotas isoladas, e por muito que possam comover-nos os rios de sangue e as milhares de vítimas, nada pode comparar-se em importância com o que representa esta educação direta das massas e das classes, no transcurso da luta revolucionária direta. A história desta luta precisa ser medida dia-a-dia. Não é sem razão que alguns jornais estrangeiros já iniciaram um "diário da revolução russa". Também nós o faremos.

O PADRE GAPON

O fato de que o padre Gapon tenha sido membro e dirigente da associação zubatovista parece confirmar a suposição de que é um agente provocador. Além disto, os jornais estrangeiros assinalam, do mesmo modo que nossos correspondentes, que a polícia deixou intencionalmente que o movimento grevista adquirisse um desenvolvimento amplo e sem entaves, porque o governo em geral (e o grão-duque Vladimir, em particular) desejava provocar uma represália sangrenta nas condições mais favoráveis para ele. Os correspondentes estrangeiros assinalam inclusive que, considerada esta circunstância, necessariamente teria que beneficiar ao governo de modo especial a enérgica participação que tiveram no movimento os partidários de Zubatov. A intelectualidade revolucionária e os proletários com consciência de classe, que provavelmente tinham sido os primeiros a armar-se, não podiam fazer outra coisa senão manter-se afastados do movimento zubatovista. O governo tinha, portanto, as mãos livres e seu jogo era absolutamente seguro: à manifestação, calculava, acorreriam os operários mais pacíficos, os menos organizados e menos conscientes; a nossas tropas nada lhes custaria esmagá-los, e com isso se daria uma boa lição ao proletariado; o pretexto seria excelente para abater a tiros os que se encontrassem na rua; a vitória do partido reacionário da Corte (ou do grão-duque) sobre os liberais seria completa; e depois disso viriam as mais ferozes represálias.

Os jornais conservadores ingleses e alemães atribuem francamente este plano de ação ao governo (ou ao grão-duque Vladimir). É muito provável que estejam certos. Os acontecimentos do sangrento 9 de janeiro são uma notável confirmação disso. Mas a existência de semelhante plano não exclui de nenhum modo a

possibilidade de que o padre Capon fosse seu instrumento inconsciente. Não há dúvida de que em certo setor do jovem clero russo existe um movimento liberal e reformador, que encontrou porta-vozes, tanto nas reuniões da associação filosófico-religiosa, como nas publicações da Igreja. Tem até o nome específico de movimento "neo-ortodoxo". Não se pode, portanto, descartar por completo a idéia de que o padre Gapon fosse, talvez, um sincero socialista cristão e de que o Domingo Sangrento o tenha impellido para um caminho verdadeiramente revolucionário. Inclino-nos tanto mais em direção a essa hipótese, quanto as cartas escritas por Gapon depois da matança de 9 de janeiro, em que disse que "já não temos czar", sua convocação à luta pela liberdade, etc., constituem outros tantos fatos que falam em favor de sua honradez e sinceridade, já que uma ação tão vigorosa para levar a insurreição à frente de nenhum modo pode fazer parte da missão de um provocador.

Mas, em todo o caso, a tática dos social-democratas em relação a este novo dirigente é óbvia. É preciso manter uma atitude cautelosa, desconfiada e de expectativa diante deste zubatovista. De qualquer modo, é preciso participar com energia do movimento grevista iniciado (embora um zubatovista o tenha começado) e desenvolver uma enérgica propaganda das idéias e das palavras-de ordem social-democráticas. Como se depreende das cartas publicadas acima, é esta precisamente a tática seguida por nossos camaradas do comitê do Posdr⁽¹⁾ em Petrogrado. Por mais "astutos" que tenham sido os planos da reacionária camarilha palaciana, mostrou-se muito mais astuta a realidade da luta de classes e de protesto político dos proletários como vanguarda de todo o povo. É um fato que os planos da polícia e do exército se voltaram contra o governo, que o pequeno começo que foi o movimento de Zubatov converteu-se num grande e amplo movimento revolucionário que abarca toda a Rússia. A energia revolucionária e o instinto revolucionário da classe operária abriram caminho com força incontida, apesar de todos os subterfúgios e ardis policiais.

O PLANO DE BATALHA DE PETROGRADO

À primeira vista, pode parecer estranho falar de uma batalha, já que se tratava de operários desarmados que desfilavam pacificamente para entregar uma petição. O que ocorreu foi uma matança. Mas o governo fez seus cálculos contando com uma batalha e procedeu, sem dúvida, de acordo com um plano bem meditado. Considerou a defesa de Petrogrado e do Palácio de Inverno do ponto de vista militar. Tomou todas as medidas militares oportunas. Tirou o comando às autoridades civis e colocou a capital e seu milhão e meio de habitantes à mercê dos generais sedentos do sangue do povo, com o grão-duque Vladimir à frente.

O governo incitou deliberadamente o proletariado à insurreição de barricadas, para afogar esta insurreição num mar de sangue. O proletariado deverá aprender estas lições militares do governo. E já que começou a revolução, aprenderá também a arte da guerra civil. A revolução é uma guerra. É, de todas as que conhece a história, a única guerra legítima, legal, justa e realmente grande

Uma guerra que não se trava, como as demais, pelo interesse egoísta de um punhado de governantes e exploradores, mas no interesse das massas do povo contra os tiranos, no interesse dos milhões e milhões de trabalhadores explorados, contra o abuso e a violência.

Todos os observadores imparciais coincidem agora em reconhecer que na Rússia esta guerra já foi declarada e iniciada. O proletariado se levantará de novo e em massas ainda maiores. Os restos da fé infantil no czar desaparecerão agora com a mesma rapidez com que os operários de Petrogrado passaram da rebelião às barricadas. Os trabalhadores se armarão em qualquer lugar. Não importa que a polícia se dedique a vigiar com decuplicado vigor os depósitos e locais de venda de armas. Não haverá medidas draconianas nem proibições capazes de conter as massas das cidades, logo que se derem conta de que, sem armas, se verão condenadas a ser metralhadas em multidão pelo governo, ao menor pretexto. Cada qual se esforçará por todos os meios em conseguir um fuzil, ou pelo menos um revólver, por ocultar suas armas à polícia e por estar preparado para oferecer resistência aos sanguinários lacaios do Czarismo. O começo, diz o provérbio, é sempre difícil. Os operários tiveram trabalho em passar à luta armada. Mas o governo obrigou-os agora a isto. Deu-se o primeiro passo, o mais difícil de todos.

Um correspondente inglês conta uma conversa característica entre operários, numa rua de Moscou. Um grupo de operários discutia abertamente os ensinamentos do dia. "Machado? — disse um. Não, contra os sabres de nada valem os machados. Com o machado é impossível chegar a eles, e menos ainda com a faca. Não, o que precisamos são, pelo menos, revólverese, melhor ainda, fuzis". Conversas iguais ou parecidas mantêm-se hoje em toda a Rússia. E depois do "dia de Vladimir" em Petrogrado, estas conversas não ficaram mais no simples papo.

O tio do czar, Vladimir, que dirigiu as matanças, traçou em seu plano de guerra o objetivo de não deixar penetrar no centro da cidade o povo do subúrbio, das barricadas operárias. Não economizou esforços para fazer crer aos soldados que os operários tentavam destruir o Palácio de Inverno (esgrimindo ícones, cruzes e petições!) e matar o czar. O objetivo estratégico consistia em controlar as pontes e as principais avenidas que desembocam na praça do Palácio.

Os pontos básicos das "operações militares" eram as praças que estão junto às pontes (ponte de Tróitsky Sampsonievski, Nikolarivski e do Palácio), as ruas que comunicam as barricadas operárias com o centro (a Porta de Narva, a estrada de Schliisselburge a avenida Nievski) e, por último, a praça do Palácio, até onde, apesar de tudo, a despeito das concentrações de tropas e de todas as medidas defensivas conseguiram avançar milhares e milhares de operários. Certamente, facilitou extraordinariamente o êxito dos planos militares o fato de que todo o mundo sabia perfeitamente para onde se encaminhavam os operários, sabia que havia um único ponto de concentração e uma meta. Os valentes generais operaram "vitoriosamente" contra um inimigo que desfilava sem armas e que antecipadamente tinha feito saber a todos para onde se dirigia e com que fins. Foi o mais infame e frio assassinato cometido contra as desarmadas e pacíficas massas do povo. Agora, as massas meditarão longamente sobre tudo o que

ocorreu, e tornarão a vivê-lo em suas recordações e conversações. E o resultado único e inevitável dessas reflexões, a interpretação que a consciência da massa dará à "lição de Vladimir", será a conclusão de que na guerra se deve agir segundo as regras da guerra. As massas operárias e, depois delas, as massas dos pobres do campo, vão dar-se conta de que são combatentes numa guerra, e então... então as batalhas futuras de nossa guerra civil já se ajustarão a "planos" que não serão somente obra do grão-duque e do czar. O grito "às armas", que o 9 de janeiro ecoou entre a multidão operária na avenida Nievski, não cairá então no vazio.

Complemento ao Artigo "O Plano de Batalha de Petrogrado"

No número 4 de Vperiod descrevemos "O plano de batalha de Petrogrado". Nos jornais ingleses encontramos agora alguns detalhes sobre este plano que não carecem de interesse. O grão-duque Vladimir havia nomeado comandante-em-chefe do exército de operações ao general príncipe Vasilchicov. Toda a capital foi dividida em setores, cada um dos quais se entregou ao comando de um oficial. O czar tratava muito seriamente da guerra, como se tratasse de defender-se contra a invasão de um inimigo armado. Durante as operações militares, o estado-maior permaneceu reunido em torno de uma mesa coberta de verde na ilha de Vasilievski, de onde recebia a cada meia-hora os informes de cada comandante de setor.

Para conhecimento dos operários de Petrogrado!

Escrito no final de janeiro (começo de fevereiro) de 1905.

Publicado pela primeira vez em 1926

Publicado de acordo com o manuscrito.

O "PAIZINHO CZAR" E AS BARRICADAS

Se dermos uma olhada nos acontecimentos do Domingo Sangrento, o que mais nos surpreende é essa mistura de ingênua fé patriarcal no czar e de encarniçada luta nas ruas com as armas na mão, contra o poder Czarista. A primeira jornada da revolução russa colocou frente à frente, com assombroso vigor, a velha e a nova Rússia, e revelou a agonia da tradicional fé dos camponeses no "paizinho czar", e o nascimento do povo revolucionário personificado pelo proletariado urbano. Não é estranho que os jornais burgueses da Europa declarem que a Rússia do 10 de janeiro não é mais a de 8 de janeiro. Não é estranho que o jornal social-democrata alemão, que citamos acima⁽²⁾, recorde como começou o movimento operário inglês há setenta anos, como em 1834 os operários ingleses protestaram em manifestações de rua contra a proibição das associações operárias e como em 1838, próximo de Manchester, redigiram em gigantescos comícios a "Carta do Povo" e o pregador Stephens proclamou que "todo

homem livre que respira o ar livre de Deus e pisa a divina terra livre tem direito a possuir um lar próprio". E este mesmo pregador incitou os operários ali reunidos a empunhar as armas.

Também na Rússia vimos um padre colocar-se à frente do movimento, passando no espaço de um só dia, da exortação de fazer chegar ao czar uma petição pacífica, para a convocação à revolução. "Camaradas, operários russos! — escrevia o padre Gapon depois do dia sangrento, numa carta lida num comício de liberais. Já não temos czar. Um rio de sangue o separa hoje do povo russo. Chegou a hora do povo russo travar sem ele a luta pela liberdade do povo. Envio-lhes hoje minha bênção! Amanhã estarei com vocês. Hoje estou muito ocupado, trabalhando por nossa causa".

Quem assim fala não é o padre Gapon. São milhares e milhares, milhões e milhões de operários e camponeses russos que, até agora, acreditavam com fé cega e ingénua no "paizinho czar", pessoalmente o alívio de sua insuportável situação, que acusavam de todas as vilanias e desaforos, da arbitrariedade e do roubo somente os funcionários que enganavam o czar. Esta fé tinha sido fortalecida pela vida que o camponês levou durante séculos, humilhado e intimidado, isolado do mundo exterior. Cada um dos meses de vida da nova Rússia, urbana e industrial, que havia aprendido a ler, ajudou a solapar e destruir esta fé. A última década do movimento operário produziu milhares de proletários social-democratas de vanguarda, que romperam com essa fé, plenamente conscientes do que faziam. Educou dezenas de milhares de operários em que o instinto de classe, fortalecido na luta grevista e na agitação política, minou todos os fundamentos de semelhante fé. Mas atrás destes milhares e dezenas de milhares havia centenas de milhares e milhões de trabalhadores e explorados, de oprimidos e humilhados, de proletários e semi-proletários em que esta fé poderia arraigar-se novamente. Estas massas não estavam ainda preparadas para rebelar-se; sabiam somente implorar e suplicar. O padre Gapon expressou seus sentimentos e seu estado de ânimo, o grau de seus conhecimentos e de sua experiência política, e nisto consiste a importância histórica do papel desempenhado, a começar a revolução russa, por um homem que ainda ontem era perfeitamente desconhecido e que hoje converteu-se no herói do dia em Petrogrado e na figura central de toda a imprensa européia.

Agora se compreende por que os social-democratas de Petrogrado, cuja carta publicamos acima, mantiveram-se no início numa atitude receiosa em relação a Gapon e não poderia ser de outro modo. Um homem que vestia a batina, acreditava em Deus e atuara sob o patrocínio de Zubatov e da polícia secreta forçosamente tinha que inspirar suspeitas. Se havia sido sincero ou não ao abandonar a batina e maldizer o fato de pertencer a esse estamento vil, o dos padres, que roubam e corrompem o povo, ninguém poderia dizê-lo com segurança, fora talvez do pequeno grupo de pessoas que o conheciam pessoalmente. Os únicos que podiam dizê-lo eram os fatos históricos, à medida que iam desenvolvendo-se; fatos, fatos e somente fatos. E os fatos se pronunciaram em favor de Gapon.

Estará a social-democracia em condições de tomar em sua mão esse movimento espontâneo?, perguntavam-se preocupados nossos camaradas de

Petrogrado, ao ver a rapidez incontrolável com que crescia e se estendia a greve geral, incorporando camadas extraordinariamente extensas do proletariado e ao observar a influência irresistível que Gapon exercia sobre massas tão "incultas", que poderiam deixar-se seduzir também por um agente provocador. E o social-democrata não só não deram asas às cândidas ilusões sobre a possibilidade de apresentar pacificamente uma carta de petições, mas discutiram com Gapon e defenderam com franqueza e decisão todas as concepções e a tática da social-democracia. Os resultados, obra das massas operárias sem intervenção da democracia, vieram confirmar a justeza dessas idéias e dessa tática. A lógica da posição de classe do proletariado demonstrou ser mais forte que os erros, as ingenuidades e as ilusões de Gapon. O grão-duque Vladimir, agindo em nome do czar, e investido dos plenos poderes que este lhe outorgou, demonstrou às massas operárias, com sua proeza de verdugo, exatamente o mesmo que os social-democratas lhe disseram e lhe dirão sempre, de palavra e por escrito.

As massas de operários e camponeses, agarradas ainda a um resto de fé no czar, não estavam preparadas para a insurreição, dissemos. Depois do 9 de janeiro, temos razões para afirmar: agora estão preparadas, e se levantarão. O próprio "paizinho czar, com sua matança de operários desarmados, lançou-os às barricadas e deu-lhes as primeiras lições na luta das barricadas. E as lições do "paizinho czar" darão seu fruto.

A social-democracia deverá preocupar-se em que as notícias sobre as sangrentas jornadas de Petrogrado se difundam com a maior amplitude possível para que as forças social-democratas se organizem e tornem-se mais coesas, e se propague com energia ainda maior a palavra-de-ordem há muito lançada por ela: insurreição armada de todo o povo!⁽³⁾

OS PRIMEIROS PASSOS

A fâsca que iniciou o incêndio foi um dos choques mais comuns entre o trabalho e o capital: uma greve numa fábrica. É interessante, contudo, que esta greve de 12.000 operários de Putilov, que estourou na segunda-feira, 3 de janeiro, era, principalmente, uma greve de solidariedade proletária, motivada pela dispensa de quatro operários. "Quando se rechaçou a reivindicação de que fossem readmitidos — escrevia-nos a 7 de janeiro um camarada de Petrogrado — começou imediatamente a paralisação, com grande unanimidade. A greve apresenta um caráter perfeitamente disciplinado; os operários deixaram alguns homens encarregados de guardar as máquinas e demais instalações, para evitar que elementos pouco conscientes as estragassem. Depois enviaram uma delegação a outras fábricas, para dar conhecimento de suas reivindicações e convidá-las a unir-se a eles". Milhares e dezenas de milhares somaram-se ao movimento. A associação operária legal zubatovista, criada com apoio do governo para corromper o proletariado com uma propaganda sistemática a favor da monarquia, prestou um serviço bastante apreciável ao movimento em sua fase inicial e ajudou-o a desenvolver-se em extensão. Ocorreu o que os social-democratas haviam previsto há muito tempo, ao dizer aos zubatovistas que o instinto

revolucionário da classe operária e seu espírito de solidariedades triunfariam de todas as mesquinhas astúcias policiais. Que os operários mais atrasados seriam arrastados ao movimento pelos zubatovistas, e que o próprio governo czarista se encarregaria depois de que os operários marchassem à frente, que a própria exploração capitalista os afastaria do pacífico rebanho de Zubatov, hipócrita dos pés à cabeça, ao campo da social-democracia revolucionária. Que a prática da vida e da luta proletária seria mais forte que todas as "teorias" e todos os esforços dos senhores Zubatov.

E assim ocorreu, de fato. Um camarada, operário e membro do comitê de Petrogrado do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, conta-nos suas impressões, em carta de 5 de janeiro, nos seguintes termos:

"Escrevo sob a impressão recente de um comício dos operários da fábrica Semiannikov, que acaba de realizar-se na porta de Nievski. Direi inicialmente duas palavras sobre o estado de ânimo reinante entre os operários de Petrogrado. Como se sabe, nos últimos tempos, surgiram aqui, ou melhor, ressurgiram organizações "zubatovistas", sob direção do padre Gapon. Em pouquíssimo tempo, multiplicaram-se e consolidaram-se. Hoje já existem onze seções da chamada "Associação de operários fabris russos". E como era de esperar, os resultados dessas associações foram os mesmos que no sul".

"Começa agora em Petrogrado um grande movimento grevista, podemos afirmá-lo com segurança. Quase diariamente ouvimos falar de uma nova greve nesta ou naquela fábrica. As fábricas Putilov já estão paradas há dois dias. Há duas semanas interrompeu-se o trabalho na fábrica de fiação de algodão do Schau no bairro de Vilborg. A greve durou uns quatro dias. Os operários não conseguiram nada. Esta greve pode recommençar a qualquer momento. O espírito é bom em todas as partes, embora não se possa dizer que seja a favor da social-democracia. Grande parte dos operários se manifesta a favor da luta puramente econômica e contra a luta política. É preciso esperar e confiar, contudo, em que o estado de ânimo mude e que os operários se deem conta que sem luta política não podem obter-se melhoras econômicas. Hoje começou a greve na campanha dos estaleiros do Neva (semiannikov). A seção local da "Associação dos operários fabris russos" tenta apoderar-se da direção da greve, mas, certamente, não o conseguirá. A social-democracia a dirigirá, apesar de ser tremendamente débil aqui.

"O comitê de Petrogrado editou volantes: dois dirigidos à fábrica de fiação de Schau e um aos operários de Putilov. Hoje realizou-se um comício dos operários dos estaleiros do Neva. Reuniram-se cerca de 500 operários. Falaram pela primeira vez vários membros da seção local da "Associação". Estes oradores evitaram as reivindicações políticas e apresentaram, no fundamental, reivindicações de caráter econômico. Entre o público se escutaram vozes de descontentamento. Então, tomou a palavra Stroiiev, colaborador da Gazeta Russa,⁽⁴⁾ publicação que goza de grande prestígio entre os operários de Petrogrado. Stroiiev propôs uma resolução, redigida por ele e por representantes da Social-democracia. Nela se sublinha, é certo, o antagonismo entre os interesses de classe do proletariado e a burguesia, mas não com a força necessária. Em continuação, falaram diversos camaradas, operários social-democratas, que

apelaram em princípio a resolução, mas assinalaram seu caráter limitado e insuficiente. Nesse momento, ocorreu um tumulto, pois alguns descontentes com os discursos dos social-democratas tentaram fazer fracassar o comício. A assembleia pronunciou-se por maioria de votos contra o presidente, que era um dos que tentavam fazer fracassar o comício, e elegeu um novo presidente, socialista. Mas, os membros da "Associação" (de Zubatov) continuaram gritando e perturbando o comício. Embora a imensa maioria da assembleia (90 por cento) fosse partidária dos socialistas, o comício dissolveu-se sem chegar a qualquer resultado, adiando-se para o dia seguinte a decisão. De todo modo, pode-se afirmar que os social-democratas conseguiram virar em seu favor a opinião dos operários. Amanhã, haverá uma grande assembleia. Talvez se reúnam de duas a três mil pessoas. Nos próximos dias, deve-se esperar uma grandiosa manifestação, no estilo da manifestação de julho de 1903, no sul. A fábrica da Companhia Franco-Russa — de quatro a cinco mil homens — encontra-se em greve. Há notícia de que começou uma greve na fábrica de fiação de algodão de Stieglitz, em que trabalham aproximadamente cinco mil operários. E é de esperar que salam também em greve os da fábrica Obujov, de cinco a seis mil homens".

Se compararmos estes informes de um social-democrata, membro do comitê local, (que como é claro, só pode conhecer em detalhe os acontecimentos que se desenrolam numa pequena parte de Petrogrado), com as notícias que os jornais estrangeiros publicam, especialmente os ingleses, devemos assinalar a notável precisão que as caracteriza.

A greve cresceu dia-a-dia, com uma rapidez vertiginosa. Os operários realizaram grande número de comícios e elaboraram sua "Carta", suas reivindicações econômicas e políticas. Em geral, umas e outras expressam, apesar da direção zubatovista, as reivindicações do programa do Partido Social-Democrata, inclusive a convocação de uma assembleia constituinte sobre a base do sufrágio universal, igual, direto e secreto. A extensão espontânea de uma greve sem precedentes por sua envergadura ultrapassou muito, muitíssimo, a participação planificada no movimento, por parte dos social-democratas organizados. Mas deixemos-lhes a palavra.

A VÉSPERA DO DOMINGO SANGRENTO

Em nosso relato do desenvolvimento do movimento nos detivemos no momento em que, por iniciativa de Gapon, fixou-se para domingo, 9 de janeiro, a marcha das massas operárias até o Palácio do Inverno, para entregar ao czar a "petição" para convocar a assembleia constituinte. No sábado, 8 de janeiro, a greve de Petrogrado se convertera já em greve geral. Mesmo os informes oficiais calculam em cem ou cento e cinquenta mil o número de grevistas. Jamais a Rússia presenciara uma explosão tão gigantesca da luta de classes. Ficaram paralizados toda a indústria, todo o comércio e toda a vida pública da gigantesca

cidade de um milhão e meio de habitantes. O proletariado demonstrava por fatos que a civilização moderna está sustentada por ele e só por ele, que é o seu trabalho o que cria a riqueza e o luxo, que toda nossa "cultura" descansa sobre seus ombros. A cidade ficou sem jornais, sem água e sem luz. E esta greve geral apresentava um caráter político altamente marcado, era o prelúdio direto de acontecimentos revolucionários.

Uma testemunha ocular nos descreve numa carta, do seguinte modo, a véspera da histórica jornada:

"Desde 7 de janeiro, a greve de Petrogrado se havia transformado em greve geral. Pararam não só todas as grandes fábricas e empresas, mas também muitas oficinas. Hoje, 8 de janeiro, não saiu um só jornal, com exceção do "Mensageiro do Governo"⁽⁵⁾ e de "Notícias da Administração de Petrogrado"⁽⁶⁾. Até agora, a direção do movimento está nas mãos dos zubatovistas. Contemplamos um quadro nunca visto em Petrogrado e muita gente sente que o coração se contrai de medo diante da incerteza de se a organização social-democrata estará em condições de colocar-se à cabeça do movimento num prazo previsível. A situação é muito grave. Durante os últimos dias, realizaram-se nos bairros da cidade comícios operários de massas nas sedes da "União dos Operários Russos". Milhares de operários agrupam-se durante todo o dia nas ruas, diante dos locais em que se realizam os comícios. De vez em quando, os social-democratas pronunciam discursos e distribuem volantes. Em geral, são acolhidos com simpatia, embora os zubatovistas tratem de organizar a oposição. Logo que se fala da autocracia, começam a gritar: "Isso não nos interessa, a autocracia não nos atrapalha!" Contudo, nos discursos que pronunciam no interior das sedes da "União", os zubatovistas apresentam todas as reivindicações dos social-democratas, desde a jornada de oito horas, até a convocação de uma assembleia de representantes do povo, sobre a base do sufrágio igual, direto e secreto. Mas os zubatovistas asseguram que por em prática estas exigências não equivale a derrotar a autocracia, mas aproximar o povo do czar, eliminar a burocracia que se interpõe entre o czar e o povo.

"Nas sedes da "União" intervem também oradores social-democratas, e seus discursos são recebidos com simpatia, mas a iniciativa das propostas práticas parte dos zubatovistas. Estas propostas são aprovadas, apesar das objeções dos social-democratas. Seu conteúdo é, em essência, o seguinte: no domingo, 9 de janeiro, os operários desfilarão até o Palácio de Inverno para entregar ao czar, através do padre Gapon, uma petição escrita em que se enumeram todas as reivindicações operárias, e que termina com as seguintes palavras: "Concede-nos tudo isto ou morreremos". Os dirigentes dos comícios acrescentam o seguinte: "Se o czar não concede o que pedimos, teremos as mãos livres, pois isto significará que é nosso inimigo, e então lutaremos contra ele e levantaremos a bandeira vermelha. Se nosso sangue é derramado, cairá sobre sua cabeça". A petição é aprovada em todas as partes. Os operários juram que no domingo virão todos à praça, com suas mulheres e seus filhos". Hoje, a petição será assinada nos diferentes bairros da cidade e até as 2 horas todos se reunirão na "Casa do Povo", para realizar um comício final.

"Tudo isto se realiza sem que a polícia, que foi retirada de todas as

partes, atrapalhe em nada, mesmo quando a polícia montada se esconde nos pátios de alguns edifícios.

"Hoje apareceram nas ruas proclamações do juiz da cidade, proibindo aglomerações e ameaçando com emprego das armas. Os operários as arrancam. Concentram-se na cidade tropas trazidas dos arredores. Os empregados dos bondes (cobradores e condutores) foram obrigados pelos cossacos, de espada na mão, a voltar ao trabalho".

O NÚMERO DE MORTOS E FERIDOS

As notícias diferem em relação ao número de mortos e feridos. Como é natural, não é possível nem falar de uma estatística exata, e torna-se muito difícil estabelecer um cálculo aproximado. É evidente que o informe do governo, que fala de 96 mortos e 330 feridos, é falso e ninguém lhe dá crédito. Segundo as últimas informações da imprensa, os jornalistas entregaram ao ministro do interior em 13 de janeiro, uma lista de 4.600 mortos e feridos, organizada pelos repórteres. Certamente, também esta lista não pode ser completa, já que, inclusive durante o dia, (e não falemos da noite), tinha sido impossível contar todos os mortos e feridos que houve nos diversos choques.

A vitória da autocracia sobre o povo desarmado custou tantas baixas quanto as grandes batalhas da Manchúria. Não é à-toa que os operários de Petrogrado gritavam aos oficiais - segundo informam todos os correspondentes estrangeiros - que tinham mais êxito em sua luta contra o povo russo do que contra os japoneses.

OS COMBATES NAS BARRICADAS⁽⁷⁾

Como vimos, os informes dos correspondentes se referem com particular frequência às barricadas na ilha Vasilievski e, em parte, na avenida Nievski. Num comunicado do governo divulgado na segunda-feira, 10 (23) de janeiro, lemos: "na estrada de Schliisselburg, e depois na porta de Narva, na ponte de Troitski, nos jardins de Alexandre e nos parques da avenida Nievski, a multidão levantou barricadas com arame farpado em que tremulavam bandeiras vermelhas. Das janelas das casas vizinhas lançavam-se pedras e se disparava contra as tropas. A multidão arrancava as armas à polícia. Foi saqueada a fábrica de armas de Schoff. No primeiro e no segundo setores da Ilha de Vasilievski, a multidão cortou os fios do telégrafo e derrubou os postes. Foi destrocado o quartel da polícia".

Um correspondente francês telegrafava às 2,50 hs do domingo: "Continua o tiroteio. Pelo que parece, as tropas perderam a cabeça por completo. Ao cruzar o Neva, vi várias luzes de sinalização e escutei o crepitar da descarga da fuzilaria. Na ilha Vasilievski, as barricadas aparecem iluminadas pelas fogueiras acesas pelos grevistas. Não consegui ir mais à frente. O som sinistro de uma trombeta deu o sinal de abrir fogo. Um batalhão de soldados com

baioneta calada tomou de assalto uma barricada levantada com trenós amontoados. Produziu-se verdadeira carniceria. Perto de cem operários ficaram estendidos no local do combate. Passaram diante de mim uns cinquenta prisioneiros feridos. Um oficial me ameaçou com uma pistola, ordenando-me que me fosse dali”.

Os correspondentes oferecem muito poucas descrições detalhadas dos combates de barricadas. Compreende-se já que não tinham o menor desejo de aproximar-se demais dos locais perigosos. E como é natural são muito poucos, pouquíssimos, os participantes desses combates que saíram ilesos. Num informe, chegou-se inclusive a dizer que a artilharia tinha disparado contra as barricadas, mas não parece que se tenha confirmado.

“Publica-se de acordo com o manuscrito”.

PETROGRADO DEPOIS DO 9 DE JANEIRO

Segunda-feira, 10 de janeiro. Petrogrado apresenta o espectro de uma cidade que acaba de ser conquistada pelo inimigo. Patrulhas de cossacos a cavalo percorrem constantemente as ruas. Aqui e ali, grupos de operários excitados. Ao cair a noite, muitas ruas aparecem cobertas pela escuridão. Não há eletricidade nem gás. Grupos de porteiros guardam as casas aristocráticas. As chamas das bancas de jornais incendiadas projetam estranhos reflexos sobre os grupos de pessoa.

Na avenida Nievski, houve choques entre o povo e as tropas. Estas voltaram a disparar sobre a multidão. Nas proximidades do Palácio de Anichkov ouviram-se três descargas de fuzilaria. A polícia ordenou o fechamento das casas de armas e a guarda das armas nos sótãos; é evidente que adota todas as medidas possíveis para evitar que os operários se armem. Inquietação entre os funcionários das repartições do governo, que temem os incêndios e as explosões, e fogem de Petrogrado, tomados pelo pânico.

Na ilha Vasilievski, as barricadas capturadas domingo pelas tropas foram levantadas de novo na segunda-feira, e retomadas pelos soldados.

Não há jornais. Os estabelecimentos de ensino permanecem fechados. Os operários discutem os acontecimentos em inumeráveis comícios, assim como as medidas de resistência. Multidões de pessoas que simpatizam com o movimento, especialmente estudantes, se agrupam junto aos hospitais.

Informa-se que, na manhã de terça-feira, saíram de Kolpino, em direção a Tsarskoie Sielo, de 20.000 a 30.000 operários, portadores de uma petição. A guarnição de Tsarskoie Sielo enviou contra eles um regimento de infantaria e uma bateria de campanha. A cinco versts de Kolpino, ocorreu um choque, as tropas abriram fogo, e até as quatro da tarde os operários foram definitivamente

rechaçados e dispersados. Houve muitos mortos e feridos. Os operários atacaram duas vezes a linha ferroviária de Tsarskoie Sielo, mas tiveram que retroceder. Foram arrancados os trilhos num trecho de sete versts e na manhã seguinte os trens não puderam circular.

O governo ordenou que as vítimas do sangrento domingo de Vladimir fossem enterradas em segredo, à noite. Enganam-se os parentes e amigos dos mortos para impedir manifestações por ocasião dos enterros. Carregamentos inteiros de cadáveres são transportados ao cemitério de Preobrazhenski. Contudo, em alguns lugares e apesar de todas as precauções adotadas pela polícia, a multidão tenta organizar manifestações em favor dos combatentes mortos pela causa da liberdade.

A ira da população contra as tropas é muito grande. Jornais estrangeiros publicam relatos de testemunhas oculares, segundo os quais, terça-feira, 11 de janeiro, os cossacos detiveram um bonde puxado a cavalo cheio de operários. Um deles gritou aos cossacos: “Verdugo!” Os cossacos obrigaram todos os passageiros a descer do bonde e os golpearam a sabre. Um dos homens assim maltratado ficou ferido. Os vizinhos das casas próximas abriram as janelas e gritaram aos cossacos: “Assassinos! Bandidos!” Os telegramas de sexta-feira informaram que durante este incidente os cossacos obrigaram também uma mulher a descer do bonde. Esta, aterrorizada, deixou cair sua criança, que morreu pisoteada pelos cavalos (The Times). Estas vitórias das tropas sobre os operários são verdadeiras vitórias de Pirro.

Vperiod, n.º 5, 7 de fevereiro (25 de janeiro de 1905)

Publica-se de acordo com o texto do jornal

2- OS PRIMEIROS ENSINAMENTOS.

A primeira maré da tempestade revolucionária vai decrescendo. Estamos em véspera da segunda, inevitável e incontrolável. O movimento proletário se expande cada vez mais, e chegou já até as regiões mais afastadas do país. O descontentamento e a eferescência afetam as mais diversas camadas da sociedade, inclusive as mais atrasadas. O comércio e a indústria estão paralizados, os centros de ensino fechados, os membros dos zemstvos seguem o exemplo dos operários e declaram-se em greve. Como ocorre sempre, quando uma onda do movimento de massas encontra-se em descenso e ainda não desencadeou a seguinte, multiplicam-se os atos de terrorismo individual: o atentado contra o chefe de polícia de Odessa, o assassinato no Cáucaso e a eliminação do procurador do senado em Helsingfors. O governo passa da política do chicote ensanguentado à política das promessas. Trata de enganar pelo menos uma parte dos operários com essa comédia da delegação recebida pelo czar. Tenta desviar a atenção pública com notícias da guerra e ordena a Kuropatkin que desencadeie uma ofensiva em Humbo. A 9 de janeiro ocorreu a matança de Petrogrado; dia 12 iniciou-se esta ofensiva, absolutamente disparatada do ponto de vista militar, terminando com uma nova e grave derrota dos generais czaristas. Os russos foram rechaçados e tiveram inclusive, segundo os informes do correspondente do Novoie Vremia, cerca de 13.000 baixas, quase o dobro dos japoneses. Em matéria de direção militar, na Mandchúria, reinam corrupção e desmoralização iguais à de Petrogrado. Na imprensa estrangeira alternam-se os telegramas que tanto desmentem como confirmam as dissensões entre Kuropatkin e Grippenbergh, com os despachos em que tanto se desmente como se confirma que o partido do grão-duque se dá conta do perigo que a guerra representa para a autocracia e deseja obter a paz tão cedo quanto possível.

Nada tem de estranho que, em tais condições, até os jornais burgueses mais serenos da Europa falem continuamente da revolução na Rússia. A revolução cresce e amadurece com rapidez desconhecida antes do 9 de janeiro. Que a segunda maré apareça amanhã, depois de amanhã ou dentro de alguns meses dependerá de grande número de circunstâncias, que não é possível prever. Tanto mais premente é então a tarefa de recapitular os acontecimentos das jornadas revolucionárias e extrair os ensinamentos que possam ser-nos úteis muito antes do que certas pessoas supõem.

Para valorizar de forma correta as Jornadas Revolucionárias, devemos lançar uma olhada retrospectiva à história mais recente de nosso movimento operário. Há quase vinte anos, em 1885, ocorreram as primeiras grandes greves operárias na zona industrial central, na fábrica Morozov e outras empresas. Nessa época, Katkov escreveu que na Rússia havia surgido o problema operário.

E com que assombrosa rapidez se desenvolveu o proletariado, passando da luta econômica às manifestações políticas, e destas ao assalto revolucionário! Recordemos os pontos mais importantes do caminho percorrido. 1885: amplas greves, de que participou um número insignificante de socialistas, completamente isolados e não reunidos em qualquer organização. A comoção produzida na opinião pública pelas greves leva Katkov, o fiel cão de guarda da autocracia, a falar, com relação ao processo, "das 101 salvas de honra em homenagem ao problema operário, que surge na Rússia". O governo faz concessões econômicas. 1891: os operários de Petrogrado participam da manifestação organizada por causa do enterro de Shelgunov; discursos políticos na festa do Primeiro de Maio, em Petrogrado. Foi uma manifestação social-democrata de operários avançados, mas não existia um movimento de massas. 1896: greve de várias dezenas de milhares de operários, em Petrogrado. Movimento de massas e começo da agitação de rua, desta vez com a participação de toda uma organização social-democrata. E, por pequena que fosse, comparada com nosso atual partido, esta organização, formada quase exclusivamente por estudantes, sua atuação e sua direção social-democráticas, conscientes e sistemáticas, conseguiram que o movimento adquirisse gigantescas proporções e importância, em comparação com o que havia sido a greve de Morozov. O governo torna a outorgar concessões econômicas. O movimento grevista tem sólidas bases em toda a Rússia. Quase toda a intelectualidade revolucionária afluí

para a social-democracia. Funda-se o Partido Social-Democrata. 1901: os operários acorrem em ajuda aos estudantes. Inicia-se um movimento de manifestações. O proletariado leva à rua seu grito de "Abaixo a autocracia!" A intelectualidade radical se divide definitivamente em três ramos: liberal, revolucionário-burguesa e social-democrática. A participação de organizações da social-democracia revolucionária nas manifestações se faz cada vez mais ampla, ativa e direta. 1902: a enorme greve de Rostov se converte numa impressionante manifestação. O movimento político do proletariado já não se apóia, como antes, no movimento dos intelectuais, dos estudantes, mas surge diretamente da greve. A participação da social-democracia organizada se faz ainda mais ativa. O proletariado conquista para si e para os social-democratas revolucionários de seu comitê o direito de realizar comícios públicos de massas. Pela primeira vez, enfrenta-se como classe a todas as demais classes e ao governo czarista. 1903: as greves voltam a fundir-se com as manifestações políticas, mas sobre bases ainda mais amplas. As greves abarcam uma região inteira, arrastando mais de cem mil operários, e em toda uma série de cidades se efetuam reiteradamente, no transcurso das greves, assembleias políticas de massas. Existe o sentimento de que estamos em vésperas dos combates de barricadas (opinião dos social-democratas de Kiev, sobre o movimento ocorrido nessa cidade, em 1903) (8). As vésperas tornam-se, contudo, relativamente longas, como se quisessem ensinarnos que às vezes as classes poderosas acumulam forças durante meses e anos inteiros, como se tratassem de por à prova os céuticos intelectuais que aderiram à social-democracia. E, de fato, a ala intelectual de nosso partido, os neo-iskristas ou (o que dá na mesma) os novos partidários de Rabocheie Dielo, busca

já um tipo superior de manifestações, em forma de acordos entre operários e os mestros para não provocar o terror pânico. Com a falta de princípios que simboliza todos os oportunistas, os neo-iskristas chegam à incrível tese de que, na arena política, enfrentam-se (!) duas forças: a burocracia e a burguesia (veja-se a segunda carta da redação de Iskra, relacionada com a campanha dos zemstvos). Os oportunistas da nova Iskra, lançados à busca e conquista de êxitos momentâneos, esqueceram que o proletariado constitui uma força independente! Chega o ano de 1905 e o 9 de janeiro se encarregou de colocar em evidência uma vez mais os esquecidos intelectuais. O movimento proletário se elevou de um golpe a uma de suas fases mais altas. A greve geral mobilizou em toda a Rússia, seguramente, não menos de um milhão de operários. As reivindicações políticas da social-democracia abriram caminho até chegar às camadas da classe operária que ainda confiavam no czar. O proletariado rompeu os marcos do movimento de Zubatov, patrocinado pela polícia, e toda a massa de filiados à associação operária legal, fundada para lutar contra a revolução, lançou-se junto com Gapon pelo caminho revolucionário. As greves e manifestações começaram a transformar-se diante de nossos olhos numa insurreição. A participação da social-democracia revolucionária organizada era agora incomparavelmente mais evidente do que nas fases anteriores do movimento, embora ainda débil, comparada com a enorme necessidade que a massa proletária ativa sente de uma direção social-democrata.

Em geral e em seu conjunto, os dois movimentos, greves e manifestações, combinados com diversas formas e motivos, cresceram em extensão e profundidade, tornaram-se cada vez mais revolucionários e se aproximaram, mais e mais, na prática, da insurreição armada geral do povo, de que a social-democracia vinha falando há longo tempo. Tal é a conclusão que extraímos dos acontecimentos do 9 de janeiro e publicamos nos números 4 e 5 do Vperiod. E à mesma conclusão chegarão também, diretamente e em seguida, os próprios operários de Petrogrado. Dia 10 de janeiro, invadiram uma gráfica legal, compuseram o manifesto que se reproduz em seguida, e que nos foi enviado pelos camaradas, imprimiram mais de 10 mil exemplares e o difundiram na capital. Este admirável manifesto diz o seguinte:

"Proletários de todos os países, uni-vos!

Cidadãos! Presenciarão ontem a ferocidade do governo autocrático! Viram correr o sangue pelas ruas. Viram centenas de combatentes mortos pela causa operária, viram morrer e ouviram gemer mulheres feridas e crianças indefesas! O sangue e os cérebros dos operários salpicaram os paralelepípedos colocados por mãos operárias. E quem dirigiu as tropas contra os peitos dos operários, quem apontou contra eles seus fuzis e suas balas? O czar, os grão-duques, os ministros, os generais e a camarilha palaciana.

Eles são os assassinos! Morte a eles! Às armas, camaradas! Tomemos os arsenais, os depósitos de armas e as oficinas de armeiros! Destruamos as prisões e retiremos delas os combatentes pela liberdade! Derrubemos os quartéis da polícia e dos gendarmes, e todas as instituições oficiais! É preciso derrotar o governo czarista e instituir nosso próprio governo! Viva a revolução! Viva a assembleia constituinte dos representantes do povo!

O Partido Operário Social-Democrata da Rússia”.

Esta convocação não precisa de comentários. Expressa-se perfeitamente nela o espírito de iniciativa do proletariado revolucionário. O pedido dos operários de Petrogrado não encontrou resposta com a rapidez que desejavam; terá de repetir-se ainda mais de uma vez e a tentativa de levá-lo à prática tropeçará inevitavelmente em mais de um fracasso. Mas é indiscutível a gigantesca importância do fato de que os próprios operários se tracem este objetivo. E nada nem ninguém poderá arrebatar ao proletariado a conquista que obteve o movimento revolucionário, quando fez entender a urgência prática deste objetivo e converteu-o na tarefa mais premente, para todo movimento popular.

Vale a pena dedicar um comentário à história da idéia de insurreição. A nova Iskra, começando pelo esquecível editorial do número 62, acumulou em torno deste problema tantas futilidades nebulosas, tal cúmulo de confusão oportunista, digna em todo sentido de nosso velho conhecido Martinov, que se torna de particular importância reconstruir com exatidão a antiga formulação do problema. De todo modo, não é possível seguir todas as vulgaridades e toda a confusão da nova Iskra. Será muito mais proveitoso mencionar com maior frequência a velha Iskra e desenvolver do modo mais concreto possível suas velhas palavras-de-ordem positivas.

Ao final do folheto “Que Fazer”, de Lenin, na página 136, coloca-se a palavra de ordem da insurreição armada de todo o povo. Sobre isto, no princípio de 1902, faz três anos, se dizia o seguinte: “Imaginemos uma insurreição popular. Agora, é provável que todo mundo esteja de acordo em que devemos pensar nela e preparar-nos para ela...”⁽⁹⁾

Escrito antes de 1.º (14) de fevereiro de 1905

Publicado pela primeira vez em 1926

Publica-se de acordo com o manuscrito.

3 - UM ACORDO DE LUTA PARA A INSURREIÇÃO

Revolutsionnaia Rossia (n.º 58) escreve: “Oxalá, ao menos agora, o espírito de unidade de luta abra caminho, afinal, nas frações revolucionárias socialistas, divididas pelas dissensões fratricidas, e faça reviver a consciência, crimosamente solapada, da solidariedade socialista... Procuremos, na medida do possível, não esbanjar as forças revolucionárias e fortalecer sua ação por meio de uma ofensiva coordenada!”

Mais de uma vez tivemos que protestar contra o predomínio da fraseologia no campo dos socialistas revolucionários e agora nos vemos obrigados a fazê-lo outra vez. Para que servem, senhores, essas amedrontadoras palavras sobre as “dissensões fratricidas”, etc? São dignas de revolucionários? Precisamente agora quando se desencadeou a verdadeira luta e corre o sangue, do qual Revolutsonnaia Rossia fala também com frases tão ribombantes; precisamente agora soam falso esses grotescos exageros sobre as “dissensões fratricidas”. Não desperdiçar as forças, dizem? O caminho para isto é uma organização unitária, coerente e coincidente nas questões de princípio, e não o conglomerado do heterogêneo. As forças se desgastam quando se repetem as tentativas infrutíferas de manter tais conglomerados. Para criar uma “unidade de luta” real e efetiva, e não puramente verbal, é necessário saber com clareza e de forma definida, e além disso por experiência, concretamente em que e até onde podemos marchar juntos. De outro modo, as conversações sobre unidade de luta não serão mais do que palavras, palavras, e palavras; e esse saber se adquire, entre outras coisas, por meio dessa polémica, essa luta e essas dissensões de que vocês falam com palavras tão “terríveis”. Ou acaso seria melhor que guardássemos silêncio sobre essas discrepâncias que separam vastos setores da opinião pública e o pensamento socialista russos? Acaso, o “culto à discórdia” foi o único que provocou a inflamada luta entre o populismo, essa confusa ideologia, transbordante de sonhos socialistas, da democracia burguesa, e o marxismo, ideologia do proletariado? Bobagens, senhores; não fazem mais do que colocar-se em ridículo quando se empenham em afirmar essas coisas, quando insistem em considerar como “ofensiva” a concepção marxista sobre o caráter democrático-burguês do populismo e o “social-revolucionarismo” de vocês. Não há dúvida de que também nos futuros comitês revolucionários da Rússia discutiremos, divergiremos e lutaremos entre nós, mas temos que aprender da história. Devemos procurar que, no momento da ação, não surjam entre nós disputas inesperadas e confusas, que ninguém compreende; é preciso acostumar-se a discutir no terreno dos princípios, conhecer os pontos de partida de cada tendência, para poder determinar de antemão as possíveis coincidências e as inevitáveis dissensões. A história das épocas revolucionárias nos ministra muitos, demasiados exemplos

dos enormes danos que causam as experiências precipitadas e imaturas de uma "unidade de luta" em que se juntam com cola os elementos mais heterogêneos para formar comitês do povo revolucionário, com o que só se obtém o inevitável resultado de fricções mútuas e amargos desenganos.

Queremos aproveitar esses ensinamentos da história. O marxismo, que vocês consideram um dogma estreito, é para nós a síntese dessas lições históricas, dessa orientação que a história nos oferece. Vemos no partido independente e inconciliavelmente marxista do proletariado revolucionário a única garantia da vitória do socialismo e o caminho que está mais livre de vacilações para a vitória. Por essa razão, não renunciaremos jamais, nem mesmo nos momentos mais revolucionários, à total independência do partido social-democrata, nem à absoluta intransigência de nossa ideologia.

A vocês lhes parece que isto exclui a unidade de luta? Enganam-se. Pela resolução do II Congresso de nosso partido, podem ver que não rechaçamos os acordos para a luta nem em seu decorrer. No número 4 do Vperiod, assinalamos que o começo da revolução na Rússia aproxima, indubitavelmente, o momento em que tais acordos vão adquirir uma realidade prática. A luta conjunta da social-democracia revolucionária e dos elementos revolucionários do movimento democrático é, na época do aniquilamento da autocracia, necessária e inevitável. cremos que serviremos melhor à causa dos futuros acordos de luta se, em vez de dedicar-nos a pronunciar frases amargas e cheias de censuras, avaliarmos serenamente e com sangue frio em que condições podem chegar a estabelecer-se tais acordos e quais são os prováveis limites de sua "jurisdição", por assim dizer. Isto é o que começamos a fazer no número 3 do Vperiod, ao analisar o passo à frente que deu o "partido dos socialistas-revolucionários", do populismo ao marxismo.

"A massa empunhou as armas por seu próprio impulso", escreve Revolucionária Rússia, falando do 9 de janeiro. "Não há dúvida de que o problema do armamento das massas se resolverá, cedo ou tarde". "E então se manifestará finalmente com a maior clareza e se levará a cabo essa fusão do terrorismo e do movimento de massas a que aspiramos, com as palavras e os fatos, em conformidade com todo o espírito de nossa tática de partido". (Digamos, entre parênteses, que de boa vontade teríamos colocado uma interrogação junto a "fatos", e continuemos a citação). "Contudo, não faz tanto tempo que estes dois fatores do movimento apareciam separados diante de nossos olhos, o que fazia com que ambos carecessem da força necessária".

O que é verdade, é verdade. Assim, exatamente, são as coisas. O terrorismo da intelectualidade e o movimento operário de massas apareciam separados o que fazia que ambas carecessem da força necessária. Precisamente isso é o que sempre disse a social-democracia revolucionária. E por isto lutou sempre mais de uma vez revelaram os representantes da ala intelectual de nosso partido. (10) Por isto se manifestava a velha Iskra contra o terrorismo quando publicava no número 48: "A luta terrorista à maneira antiga era a forma mais arraigada da luta revolucionária, e os homens que a praticavam tinham fama de ser combatentes intrépidos e abnegados (...). Mas agora que as manifestações

se convertem numa resistência aberta contra o poder público (...) o velho terrorismo deixou de ser um método de luta que requeria uma valentia excepcional (...). O heroísmo saiu agora à praça pública: os verdadeiros heróis de nosso tempo são, hoje, os revolucionários que se colocam à frente da massa do povo que se rebelou contra seus opressores (...). O terrorismo da grande revolução francesa (...) começou em 4 de julho de 1789, com a tomada da Bastilha. Sua força era a força do movimento revolucionário do povo (...). Esse terrorismo não surgiu porque as pessoas se sentissem decepcionadas com a força do movimento de massas, mas ao contrário porque cria inalteravelmente em sua força (...). A história desse terrorismo é extraordinariamente instrutiva para os revolucionários russos". (11)

Sim, mil vezes sim! A história desse terrorismo é extraordinariamente instrutiva. E também o são em citações tiradas de Iskra, das edições de ano e meio atrás. Estas citações nos expõem em toda a sua magnitude as idéias a que poderiam chegar também os socialistas revolucionários sob influência dos ensinamentos revolucionários. Recordam-nos a importância de fé no movimento de massas; recordam-nos a firmeza revolucionária que só se atinge pela consequência nos princípios e que é a única coisa que pode precaver-nos contra as "decepções" produzidas por uma prolongada paralisação aparente do movimento. Agora, depois do 9 de janeiro, torna-se impossível, à primeira vista, sentir-se decepcionado do movimento de massas. Mas só à primeira vista. É preciso distinguir entre a fascinação momentânea produzida pelo admirável heroísmo da massa, bombas contra Serguei, nos momentos em que a massa, (em Petrogrado) sem pioneiros, sem armas, sem comandos nem estado-maior revolucionário, "se lançava com furiosa ira contra as afiadas pontas das baionetas", para dizê-lo com as mesmas palavras de Revolucionária Rússia. A separação de que falamos mais acima continua existindo e a ineficácia do terrorismo individual, intelectualista, percebe-se com tanto maior clareza, pois agora todo mundo se dá conta de que "a massa se colocou à altura dos heróis individuais, de que despertou nela o heroísmo de massa" (Revolucionária Rússia, n. 58). Os pioneiros devem, de fato, ser absorvidos pela massa, isto é, desenvolver sua abnegada energia em verdadeiro e indissolúvel vínculo com a massa rebelada; devem marchar com a massa, mas não no sentido simbólico e figurado, mas no sentido literal da palavra e a convicção firme e profundamente meditada que une de forma indissolúvel toda a atividade do partido com o movimento de massas, dada a particular importância que se atribui ao princípio da luta de classes. Não se deve esquecer que o movimento revolucionário, por elevado que seja o nível que possa ter alcançado depois do 9 de janeiro, terá que percorrer ainda muitas etapas até que nossos partidos socialistas e democráticos ressurgam sobre novas bases numa Rússia livre. E devemos saber manter no alto, ao longo de todas essas etapas e através de todas essas vicissitudes da luta, os vínculos indissolúveis entre a social-democracia e a luta de classes do proletariado, e velar para que estes vínculos se fortaleçam e firmem continuamente.

Por isso, parece-nos um exagero manifesto a seguinte afirmação de Revolucionária Rússia: "Os pioneiros da luta armada foram absorvidos pelas fileiras da massa excitada..." Isto tem mais de futuro desejável do que de

presente realizado. O assassinato de Seguei, levado a cabo em Moscou em 17 (4) de fevereiro, cuja notícia telegráfica acaba de receber-se, é evidentemente um ato terrorista da velha escola. Os pioneiros da luta armada ainda não foram absorvidos pelas fileiras da massa excitada. Não há dúvida de que foram esses pioneiros os que em Moscou lançaram as bombas contra Sergei, nos momentos em que a massa (em Petrogrado) sem pioneiros, sem armas, sem comandos nem estado-maior revolucionários, "se lançava com furiosa ira contra as afiadas pontas das baionetas", para dizê-lo com as mesmas palavras de Revolutsonnaia Rossia. O divórcio de que falamos acima continua existindo, e a ineficácia do terrorismo individual, intelectualista, se percebe com tanta clareza, pois agora todo mundo se dá conta de que "a massa se colocou à altura dos heróis individuais, de que despertou nela o heroísmo de massa" (Revolutsonnaia Rossia, n.º 58). Os pioneiros devem, de fato, ser absorvidos pela massa, isto é, desenvolver sua abnegada energia em indissolúvel e verdadeiro vínculo com a massa rebelada; devem marchar com a massa, mas não no sentido simbólico e figurado, mas no sentido literal da palavra. Agora, já ninguém pode duvidar de que isso é essencial. E que, além disto, é possível, demonstram-no o 9 de janeiro e o surdo e profundo fermento que ainda se observa nas massas operárias. O fato de que se trate de uma tarefa nova e mais alta, mais difícil do que as anteriores, não pode nem deve ser razão para não tentar na prática sua solução sem mais demora.

A unidade de luta do partido social-democrata com o partido revolucionário democrático, o partido dos socialistas revolucionários, poderia ser um dos meios para facilitar essa solução. E esta unidade se obterá tanto mais facilmente quando antes se deixem os pioneiros da luta armada "absorver" pelas fileiras da massa rebelada, quanto mais resolutamente marchem os socialistas-revolucionários pelo caminho que eles menos assinalam nas seguintes palavras: "Oxalá que esta fusão já iniciada entre o terrorismo revolucionário e o movimento de massas cresça e se fortaleça; oxalá que a massa se lance quanto antes à praça pública, armada dos pés à cabeça dos meios terroristas de luta"! Para contribuir a fim de que os intentos encaminhados a criar essa unidade de luta se convertam quanto antes em realidade, incluímos com prazer a seguinte carta que recebemos de Gueorgui Gapon:

"Carta aberta aos partidos socialistas da Rússia.

As sangrentas jornadas de janeiro em Petrogrado e no resto da Rússia fizeram com que se enfrentassem, cara a cara, a classe operária oprimida e o regime autocrático, com o sanguinário czar à frente. A grande revolução russa começou. Todos aqueles para quem a liberdade do povo é realmente cara devem estar dispostos a triunfar ou morrer. Consciente da importância do momento histórico atual, e dado o presente estado de coisas, como revolucionário e homem de ação, que sou acima de tudo, exorto todos os partidos socialistas da Rússia a colocar-se imediatamente em acordo e a iniciar a insurreição armada contra o czarismo. Todas as forças de cada partido devem ser mobilizadas. O

plano técnico da luta deverá ser o mesmo para todos. Bombas e dinamite, terror individual e terror de massas, tudo quanto possa impulsionar a insurreição do povo. A meta imediata é a derrubada da autocracia e um governo revolucionário provisório que conceda imediatamente a anistia a todos os combatentes pela liberdade política e religiosa; que arme imediatamente o povo e convoque em seguida uma assembléia constituinte eleita sobre a base do sufrágio universal, igual, direto e secreto. Mãos à obra, camaradas! Avante, à luta!

Repitamos a palavra de ordem dos operários de Petrogrado em 9 de janeiro: Liberdade ou morte! Toda demora, toda dissensão, seria um crime contra o povo, cujos interesses vocês defendem. Depois de pôr todas as minhas energias a serviço do povo, de cujas entranhas (como filho de camponês) venho, depois de haver unido irrevogavelmente minha sorte à luta contra os opressores e os exploradores da classe operária, me colocarei certamente com todo o coração e toda a alma ao lado daqueles que se entreguem como seu trabalho efetivo à causa de libertar realmente o proletariado e toda a massa trabalhadora da opressão capitalista e da escravidão política.

Gueorgui Gapon"

Diante desta carta, consideramos necessário de nossa parte pronunciarmos com toda franqueza e clareza possíveis. Cremos possível, útil e necessário chegar ao "acordo" que Gapon propõe. Parece-nos positivo que Gapon fale em forma explícita de um "acordo", já que só mediante a manutenção da total independência de cada partido no plano da organização e dos princípios poderá conseguir-se que as tentativas de selar uma unidade de luta entre esses partidos não sejam uma empresa condenada ao fracasso. Devemos proceder com suma cautela nessas tentativas, para não prejudicar a causa com uma inútil mistura de elementos heterogêneos. Devemos inevitavelmente marchar separados, mas podemos mais de uma vez, e em particular agora, golpear juntos. De nosso ponto de vista, seria de desejar que esse acordo abrangesse, não só os partidos socialistas, mas também os partidos revolucionários, já que a meta imediata da luta nada tem de socialista, e não devemos confundir nem jamais permitiremos que se confundam os objetivos democráticos imediatos com nossas metas finais de revolução socialista. Seria de desejar e é, de nosso ponto de vista, necessário para chegar a um acordo, que em vez de convocação geral ao "terror individual e de massas" se formulasse direta e claramente como tarefa a fusão efetiva e imediata do terrorismo com a insurreição das massas. Por certo as palavras que Gapon coloca em continuação: "Tudo quanto possa impulsionar a insurreição do povo" mostram com clareza seu desejo de sujeitar a esta tarefa o terror individual; mas este desejo, inspirado pela mesma idéia que assinalamos no número 58 de Revolutsonnaia Rossia, deve expressar-se com maior precisão e traduzir-se em acordos práticos absolutamente inequívocos. Por último, assinalaremos que, com independência da possibilidade do acordo proposto, consideramos também como fator negativo o fato de que Gapon não pertença a um partido. É claro que um homem que evolui com tanta rapidez da fé no czar

e da apresentação de petições ao monarca até as metas revolucionárias, não podia forjar da noite para o dia uma clara concepção revolucionária. Isto é inevitável e quanto mais rápido e extenso seja o desenvolvimento da revolução, com tanta maior frequência se repetirá este fenômeno. Mas uma clareza e precisão absoluta nas relações entre os partidos, tendências e matizes é premissa absolutamente necessária para todo acordo provisório mais ou menos fecundo entre eles. A clareza e a precisão são necessários em todo passo prático que se dê, constituem a condição prévia para se obter a precisão e a firmeza no trabalho prático real. O começo da revolução na Rússia fará provavelmente com que apareçam na cena política muitas pessoas e também tendências inclinadas a pensar que a palavra-de-ordem da "revolução" é, para os "homens de ação", uma definição suficiente de suas metas e seus meios de ação. Nada mais falso do que semelhante opinião. A posição extra-partidária, em aparência mais elevada ou mais cômoda, ou mais "diplomática", é na realidade, uma posição mais vaga, mais confusa, que conduz inevitavelmente, na atividade prática, à inconseqüência e à vacilação. No interesse da revolução, nosso ideal não pode consistir, de modo algum, em fundir todos os partidos políticos, tendências e matizes num caos revolucionário. Pelo contrário, o crescimento e a extensão do movimento revolucionário, sua penetração cada vez mais profunda nas mais diversas classes e camadas do povo, fará brotar sempre, inevitavelmente (e é bom que assim seja) novas tendências e matizes. E só uma clareza e precisão completas em suas relações recíprocas e em sua atitude diante da posição do proletariado revolucionário poderão assegurar ao movimento revolucionário o melhor dos êxitos. Só a total clareza nas relações mútuas poderá garantir o êxito de um acordo encaminhado a alcançar a meta comum imediata.

Em nossa opinião, esta meta imediata se acha esboçada com perfeita correção na carta de Gapon: 1) derrubada da autocracia; 2) um governo revolucionário provisório; 3) imediata anistia para os combatentes pela liberdade política e religiosa e também, naturalmente, em favor da liberdade de greve, etc.; 4) armamento imediato do povo; 5) imediata convocação de uma assembleia constituinte de toda a Rússia, sobre a base do sufrágio universal, igualitário, direto e secreto. Gapon dá por suposto, é claro, que o governo revolucionário garantirá imediatamente a todos os cidadãos e equiparação total de direitos e a plena liberdade política nas eleições, mas devia tê-lo assinalado de forma expressa. Também seria conveniente incluir no programa do governo provisório a formação em todas as partes de comitês revolucionários de camponeses, com o fim de apoiar a revolução democrática e levar à prática suas distintas medidas. O êxito da revolução depende muito, muitíssimo, da iniciativa revolucionária dos camponeses e uma palavra de ordem como a que propomos, provavelmente uniria os distintos partidos socialistas e democrático-revolucionários.

Oxalá que Gapon, cuja evolução, de concepções comuns a um povo carente de consciência política, aos conceitos revolucionários, obtenha a clara visão revolucionária do mundo necessária para um político! Oxalá que sua convocação para um acordo de luta para a insurreição se veja coroada pelo êxito e que o proletariado revolucionário, unido à democracia revolucionária, consiga

derrotar e abater a autocracia em pouco tempo, de modo seguro e à custa dos menores sacrifícios possíveis!

*Escrito em 4(17) de fevereiro de 1905
Publicado em Vperiod, n.º 7, 8(21) de fevereiro de 1905
Publica-se de acordo com o texto do jornal.*

4 - DEVEMOS ORGANIZAR A REVOLUÇÃO?

Há muito, muito tempo, mais de um ano, no seio do partido russo haviam surgido, segundo o testemunho de um conhecido social-democrata alemão, Parvus, "divergências fundamentais". A tarefa política mais premente do proletariado era a luta contra os excessos do centralismo, contra a idéia de "mandar" nos operários desde uma Genebra qualquer, contra o exagero da idéia de uma organização de agitadores, de uma organização de dirigentes. Tal era a profunda, firme e inalterável convicção do menchevique Parvus, expressa no boletim intitulado "Em torno da política mundial", de 30 de novembro de 1903, publicação que aparecia semanalmente em alemão.

Ao bom Parvus se disse então (veja a carta de Lenin à redação de Iskra, de dezembro de 1903)^(1,2) que havia sido vítima da intriga, que aquilo em que ele via uma divergência fundamental não era mais do que o produto de mesquinhas querelas e que a mudança ideológica de nova Iskra, que começava já a manifestar-se, era uma mudança em direção ao oportunismo. Parvus silenciou, mas suas "idéias" sobre o exagerado conceito do papel de uma organização de dirigentes foram recolhidas e mastigadas e tornadas a mastigar sob cem formas distintas pelos neo-iskristas.

Quatorze meses passaram desde então. A desorganização do trabalho do partido causada pelos mencheviques e o caráter oportunista de sua propaganda se colocaram claramente. O 9 de janeiro de 1905 revelou a reserva gigantesca de energia revolucionária acumulada pelo proletariado e todas as insuficiências da organização dos social-democratas. Parvus pensou melhor. Enviou a Iskra um artigo, publicado no número 85, que representa, no fundo, uma mudança total, das novas idéias da nova Iskra oportunista até as idéias da velha Iskra revolucionária. "Havia surgido um herói — disse Parvus, referindo-se a Gapon — mas não um dirigente político, nem um programa de ação, nem uma organização (. . .) A falta de organização produziu trágicos resultados (. . .) Nenhuma coesão entre as massas, tudo se fazia sem plano, não havia um centro coordenador, nem um programa que orientasse a ação (. . .) O movimento declinou, por falta de uma organização coordenadora e dirigente". E Parvus propõe a palavra de ordem que já assinalamos no número 6 de Vperiod: "organizar a revolução". Chega, sob influência dos ensinamentos da revolução, à convicção de que "nas condições políticas que imperam, não podemos organizar centenas de milhares de pessoas (refere-se à massa disposta a lançar-se à insurreição). Mas podemos sim — disse com acerto, repetindo com isso uma velha idéia do livro "Que Fazer" — podemos sim criar uma organização que serviria de fermento aglutinante e que a hora da revolução agruparia a seu redor essas centenas de milhares de pessoas". "Devem organizar-se círculos de operários com a missão claramente definida de preparar as massas para a insurreição, agrupá-las a seu redor durante esta e

começar a insurreição quando se lance a palavra-de-ordem". Finalmente! exclamamos com alívio, ao nos encontrarmos com essas velhas e justas idéias, que jaziam cobertas de escumbros no lixo da nova Iskra.

Por fim, o instinto revolucionário de um militante se impôs, pelo menos momentaneamente, ao oportunismo de Rabocheie Dielo. Por fim, escutamos a voz de um social-democrata que não se põe de joelhos diante da retaguarda da revolução, mas que assinala sem temor a necessidade de apoiar a vanguarda revolucionária.

Como é natural, o neiskristas não podiam estar de acordo com Parvus. "A redação de Iskra não concorda com todas as idéias desenvolvidas pelo camarada Parvus" lernos numa nota da redação.

Certamente! Não faltaria senão que concordassem com idéias que dão bofetadas em todas as charlatanicidades oportunistas que vomitaram durante ano e meio!

"Organizar a revolução"! Mas nós temos e engenhoso camarada Martinov, e ele sabe que uma revolução é o produto da transformação operada nas relações sociais, que não é possível fixar a data de uma revolução. Martinov se encarregará de advertir Parvus e demonstrar que ainda quando este se refere à organização da vanguarda da revolução, trata-se, contudo, de uma "estreita" e "nociva" idéia jacobina. E a isto se deve acrescentar que nosso engenheiro Martinov guia Martov-Triapichkin, (13) que tem talento suficiente para aprofundar ainda mais do que seu mestre e que, sem dúvida, é capaz de substituir a palavra-de-ordem de "organizar a revolução" pela de "desencadear a revolução" (veja-se n.º 85, sublinhado pelo autor).

Sim, caro leitor, esta é a palavra-de-ordem que nos oferece um editorial da Iskra. Parece que nestes dias basta soltar a língua e lançar-se a uma incontrolável conversa-processo ou a um processo de conversa, para poder escrever artigos orientadores. O oportunista precisa sempre de palavras-de-ordem que, vistas de perto, contém apenas frases sonoras, como uma espécie de decadente acrobacia verbal.

Organizar e organizar, repete Parvus, como se de imediato se tivesse tornado bolchevique. Não compreende, o infeliz, que a organização é um processo (n.º 58 de Iskra, igual a todos os números anteriores da nova Iskra, os solenes artigos da solene Rosa). Não sabe, o probrezinho, que segundo todo o espírito do materialismo dialético, não só a organização, mas também a tática é um processo. Dá voltas e mais voltas em torno da organização-plano, como um "conspirador". Imagina, como um "utopista", que alguém pode lançar-se, sem mais nem menos, Deus nos livre!, no segundo ou terceiro congresso do partido, a organizar algo.

E a que colunas de Hércules de "jacobinismo" chegou este Parvus! Começar a insurreição quando se lançar a palavra-de-ordem, que horror! Isto é, na realidade, muito pior do que a idéia de "fixar a data" da insurreição, refutada por nosso famoso Martinov. De fato, Parvus precisa aprender como Martinov. Deve ler o n.º 62 de Iskra, em cujo editorial tomará conhecimento de quão funestas e "utópicas" idéias sobre a preparação da insurreição se difundiam em forma tão prematura em nosso partido nos anos de 1902 e 1904. Teria que ler o prólogo de Axelrod ao folheto de "Um Operário" para saber quão "profunda, maligna e diretamente aniquiladora para o partido é a "fulcra" (sic!) que ameaça

a social-democracia-de-parte-daquelles que "cifram todas as suas esperanças nas insurreições espontâneas dos elementos mais atrasados, ignorantes e francamente embrutecidos (1) das massas populares.

Parvus reconhece que é impossível organizar agora centenas de milhares, e põe em primeiro plano a tarefa de "criar uma organização que sirva de fermento aglutinante". Como não vão contorceer-se nossos neiskristas, quando tais coisas aparecem nas colunas de seu jornal? De fato, que é uma organização como fermento aglutinante, senão uma organização de revolucionários profissionais de que apenas a menção provoca desmaios em nossos neo-iskristas?

Como agradecemos a Iskra que tenha publicado seu editorial junto com o artigo de Parvus! Com quanto relevo se destacam o vazio e a confusa ideologia neboquista, junto às claras, nítidas, diretas e audazes palavras-de-ordem revolucionárias da velha Iskra! Não é acaso uma frase vazia e presunçosa essa de que "se retirou da cena a política da confiança, para não tornar a enganar nunca mais nem à Rússia nem à Europa? De fato, basta tomar qualquer número de um jornal burguês europeu para dar-se conta de que esse engano continua tendo efeito. "O liberalismo moderado russo sofreu um golpe mortal". Confundir com a morte do liberalismo seu desejo de ser "político" e de esconder-se constitui uma ingenuidade política realmente pueril. Na verdade, o liberalismo está vivo, vive e acumula forças. E precisamente agora se encontra nos umbrais do poder.

Por isso, esconde-se para esticar a mão em direção ao poder com maior segurança e sem perigo, no momento indicado. Por isso tem tanto interesse em agradar a classe operária. É preciso ser míope no mais alto grau para tomar estes agradados (cem vezes mais perigosos no momento atual) por moeda de boa lei e declarar com jactância que "O proletariado, libertador da pátria, o proletariado, vanguarda de toda a nação, foi reconhecido estes dias, em seu heróico papel, pela opinião pública dos elementos progressistas da burguesia democrático-liberal". Compreendam de uma vez, senhores neo-iskristas, que os burgueses liberais reconhecem o proletariado como herói, precisamente porque esse proletariado, embora tenha dado um golpe no czarismo, não é ainda bastante forte, não é ainda bastante social-democrata para conquistar a liberdade que ele quer. Compreendam que não temos razão alguma para gabar-nos dessas bajulações liberais, mas devemos prevenir o proletariado contra elas e fazê-lo ver quais são os motivos ocultos dessas lisonjas. É que não o vêem? Escutem então o que declaram os fabricantes, os comerciantes e os financistas da Bolsa sobre a necessidade de uma Constituição! É verdade que essas declarações falam com clareza da morte do liberalismo moderado? Enquanto os charlatões liberais tagarelam sobre o heroísmo dos proletários, os fabricantes exigem em voz alta e imperiosa uma Constituição moderada; assim estão as coisas, meus estimáveis "dirigentes"! (14)

Mas nada pode comparar-se com as considerações que a Iskra faz sobre o problema do armamento. O "trabalho de armar o proletariado e estruturar de modo sistemático uma organização que garanta que o ataque do povo contra o governo se realize em todas as partes e simultaneamente" é, dizem-nos, uma tarefa "técnica" (!?). Mas nós estamos, certamente, muito acima da desprezível técnica e vamos à raiz das coisas. "Por muito importantes que elas (as tarefas

técnicas) possam ser, não se encontra nelas o centro de gravidade de-nosso trabalho de preparar as massas para a insurreição (. . .) Todo esforço das organizações ilegais será vão, se não sabem equipar o proletariado com uma arma insubstituível, que é a ardente necessidade de atacar a autocracia e de armar-se com este fim. Para isto, deverão estar dirigidos nossos esforços — propagar na massa a necessidade de conseguir armas para a insurreição. (as duas últimas frases sublinhadas pelo autor).

Sim, este é um enfoque, de fato, profundo do problema, nada parecido com o do rígido, quase jacobino, Parvus. O centro de gravidade não consiste em armar-se, nem na estruturação sistemática de uma organização, mas em armar o povo com a ardente necessidade de armar-se e, concretamente, de armar a si mesmo. Que ardente sentimento de vergonha pela social-democracia sentem as pessoas diante destas trivialidades próprias de filisteus, que tratam de fazer retroceder nosso movimento! Armar o povo com a ardente necessidade de armar-se constitui uma tarefa permanente e geral da social-democracia, válida sempre e em todas as partes, aplicável da mesma forma no Japão como na Inglaterra, na Alemanha tanto como na Itália. Onde quer que existam classes oprimidas e em luta contra a exploração, a propaganda socialista as apetecha sempre, e antes de tudo com a ardente necessidade de armar-se, e esta necessidade existe já quando se inicia o movimento operário. A social-democracia só tem a missão de converter essa ardente necessidade numa necessidade consciente, para que aqueles que a sintam reconheçam a necessidade de organizar-se e atuar de acordo com um plano e aprendam a levar em conta toda a situação política. Observe, por favor, sr. redator de Iskra, qualquer comício dos operários alemães; veja que ódio, digamos contra a polícia, inflama os rostos, que sarcasmos cheios de ira se repetem, como se fecham os punhos. Pois bem, qual a força que refreia esta ardente necessidade de acabar imediatamente com os burgueses e seus lacaios, que zombam do povo? É a força da organização e da disciplina, a força da consciência, a consciência de que os assassinos individuais não têm sentido, de que ainda não sou a hora da luta popular revolucionária séria, de que não ocorre a conjuntura política propícia. Por isso, os socialistas, nessas circunstâncias não dizem nem dirão jamais ao povo: obtenham armas! mas em troca o apetrechem e apetrecharão sempre (de outro modo não seriam socialistas, mas charlatões vazios) com a ardente necessidade de armar-se e de atacar o inimigo. Mas as condições atuais da Rússia são diferentes das circunstâncias de trabalho cotidiano que acabamos de mencionar. Portanto, os social-democratas revolucionários, que até agora jamais gritaram “às armas!”, mas que sempre procuraram apetrechar os operários com a ardente necessidade de armar-se, portanto, todos os social-democratas revolucionários lançaram agora a palavra-de-ordem de “às armas!”, seguindo a iniciativa dos operários revolucionários. Pois bem, precisamente neste momento, quando afinal se lançou esta palavra-de-ordem, Iskra sentenciou: o centro de gravidade não consiste no armamento, mas na ardente necessidade de armar-se a si mesmos. Que é isto, se não uma estéril racionalização intelectualista, uma desesperada saída à Triapichkin? Por acaso essa gente não quer fazer retroceder o partido, tratando de levá-lo das prementes tarefas da vanguarda revolucionária à contemplação

do traseiro do proletariado? E esta incrível vulgarização de nossos objetivos não se deve às qualidades individuais de um ou outro Triapichkin, mas à posição de todos eles, tão inimitavelmente formulada nas palavras-de-ordem da organização como processo ou da tática como processo. Por si só, esta atitude condena o homem, de forma inevitável e irremediável, a retroceder ante qualquer iniciativa ordenada, a evitar todo “plano”, a proceder ante qualquer iniciativa revolucionária, a filosofar e mastigar a velha papa, a ter medo de adiantar-se demasiado, e tudo isto no momento em que é evidente que os social-democratas marcham na retaguarda da atividade revolucionária do proletariado. Bem se pode afirmar que, aqui, os mortos mandam sobre os vivos, que as teorias mortas de Rabocheie Dielo infundiram também irremediavelmente seu sopro de morte na nova Iskra.

Vejamos a argumentação de Iskra sobre “o papel politicamente dirigente da social-democracia como vanguarda da classe destinada a emancipar a nação”. Este papel — ensinam-nos — não podemos segui-lo nem mantê-lo com firmeza a menos que nos apoderemos por completo da organização técnica e da direção da insurreição” Pensem um pouco: não poderemos alcançar o papel de vanguarda até que consigamos apoderar-nos por completo da direção da insurreição! E esta gente ainda se atreve a falar da vanguarda! Tem medo de que a história lhes imponha o papel dirigente na revolução democrática, ficam aterrados com o pensamento de que possam ver-se obrigados a “dirigir a insurreição”. Têm escondida no cérebro a idéia — só que não se decidem ainda a expressá-la com franqueza nas colunas de Iskra de que a organização social-democrata não deve “dirigir a insurreição”, não deve esforçar-se por tomar por completo em suas mãos o passo revolucionário em direção à república democrática. Estes incorrigíveis girondinos do socialismo farejam aqui um monstruoso jacobinismo. Não compreendem que quanto maior for o afinco com que nos esforcemos para tomar em nossas mãos a direção da insurreição, maior será nossa participação nessa obra e que quanto maior for essa participação, menor será a influência da democracia anti-proletária ou não-proletária. Estão decididos a marchar na retaguarda e inventaram inclusive uma filosofia especial destinada a demonstrar que o carro de trás é o lugar adequado para eles. Martinov já começou a expor esta filosofia e é muito provável que não demore a levá-la à sua conclusão de Iskra.

Tratemos de analisar, passo a passo, sua argumentação.

“O proletariado consciente, governado pela lógica do processo espontâneo do desenvolvimento histórico, utilizará para seus fins todos os elementos de organização, todos os elementos de fermento que cria o momento da véspera da revolução. . .”

Magnífico! Mas utilizar todos os elementos significa assumir de forma total a revolução. Iskra dá bofetadas em si mesma e ao dar-se conta disto, apressa-se a acrescentar: . . . “sem deixar-se perturbar no mínimo pelo fato de que todos estes elementos lhes tiram uma parte da direção técnica da própria revolução, e desse modo, querendo ou não, contribuem a levar nossas reivindicações ao seio das camadas mais atrasadas da massa popular”.

Você compreende alguma coisa, leitor? Utilizar todos os elementos,

sem deixar-se perturbar pelo fato de que nos tiram uma parte da direção!? Mas, por favor senhores! Se utilizamos de fato todos os elementos, se nossas reivindicações, fazem-nas realmente suas aqueles a quem utilizamos, isto quer dizer que, longe de tomar-nos a direção, aceitam-na. E, pelo contrário, todos esses elementos nos tomam de fato a direção (e, certamente, não só a direção "técnica", pois separar o aspecto "técnico do aspecto político da revolução constitui o maior dos absurdos), então não os utilizamos, mas eles é que nos utilizam.

"Nos alegráramos se, depois do padre que popularizou entre as massas a separação entre a Igreja e o Estado, exigida por nós, e depois da associação operária monárquica que organizou a marcha do povo ao Palácio de Inverno, a revolução russa se visse enriquecida com um general que fosse o primeiro a conduzir as massas populares no último combate contra as tropas czaristas, ou com um funcionário que fosse o primeiro a proclamar a derrubada formal do czarismo".

Sim, isso também nos alegraria, mas desejaríamos que o sentimento de alegria inspirado pelos possíveis acontecimentos favoráveis não ofuscassem nossa lógica. Que quer dizer a revolução russa enriquecer-se com um padre ou um general? Quer dizer que o padre ou general se façam partidários e chefes da revolução. Estes "novatos" podem ser partidários totalmente conscientes ou não da revolução. No segundo caso, (que é o mais verossímil, tratando-se de novatos), não devemos alegrar-nos, mas sim lamentar-nos de sua falta de consciência e tratar de corrigi-la e superá-la com todas as nossas forças. E enquanto não fazamos isto, enquanto a massa siga chefes pouco conscientes, teremos que afirmar que não são os social-democratas que utilizam todos os elementos, mas o inverso. Um partidário da revolução, até ontem padre, general ou funcionário, pode ser um democrata-burguês cheio de preconceitos, e enquanto os operários marchem atrás dele, será a democracia burguesa que utilizará os operários. Está claro isto para vocês, senhores neokristas? Pois bem, se está claro, por que têm medo de que se apoderem da direção os partidários plenamente conscientes da revolução (isto é, os social-democratas)? Por que temem que um oficial social-democrata (escolho previamente um exemplo análogo ao de vocês) e por membro da organização social-democrata, por sua própria iniciativa e por mandato dessa organização, "se apodere por completo" das funções e tarefas do hipotético general de vocês?

Mas, voltemos a Parvus. Ele finaliza seu excelente artigo com o excelente conselho de "jogar para fora" os desorganizadores. A eliminação dos desorganizadores é, como se vê pelas notícias que publicamos na coluna "Do Partido",⁽¹⁵⁾ a palavra-de-ordem que com maior paixão e decisão defende a maioria dos social-democratas russos. Exato, camarada Parvus, "lançar fora" do modo mais implacável e antes de tudo a esses heróis da imprensa social-democrata que, com suas "teorias" sobre a organização como processo e a organização como tendência, incentivavam e incitavam a desorganização. Não basta falar disto: é preciso fazê-lo. É preciso convocar imediatamente um congresso de todos os militantes do partido desejosos de que ele se organize. Não devemos limitar-nos a exortar e persuadir, mas é preciso apresentar um

últimato direto e inexorável a todos os vacilantes, e a todos os pusilânimes, aos inseguros e aos cétricos. "Escolham"! Desde o primeiro número de nosso jornal, apresentamos esse ultimato em nome da redação do Vperiod, em nome da massa de militantes russos do partido, cuja cólera contra os desorganizadores é indescritível. Joguem-nos para fora quando antes, camaradas, e empreendam todos unidos o trabalho de organização! Vale mais contar com os social-democratas revolucionários que tenham aceitado a organização como plano, do que com mil Triapichkin intelectuais que falam sobre a organização como processo.

*Escrito entre 1.º e 8(14 e 21) de fevereiro de 1905
Publicado em Vperiod, n.º 7, 21(8) de fevereiro de 1905
Publica-se de acordo com o texto do jornal*

... e ...
... e ...
... e ...
... e ...
... e ...

... e ...
... e ...
... e ...

II - MOSCOU

JORNADAS SANGRENTAS
E SUAS EXPERIÊNCIAS

1 - AS JORNADAS SANGRENTAS DE MOSCOU

Genebra, 10 de outubro (27 de setembro) de 1905

Uma nova explosão da insurreição operária: greve de massas e luta nas ruas de Moscou. A 9 de janeiro, retumbaram os primeiros trovões da ação revolucionária do proletariado na capital. Seu eco se estendeu por toda a Rússia, lançando mais de um milhão de proletários, com uma rapidez sem precedentes, a uma luta gigantesca. Depois de Petrogrado, seguiram-se as regiões periféricas, em que a opressão nacional intensifica o já por si insuportável jugo político. Riga, Polónia, Odessa, o Cáucaso converteram-se consecutivamente em focos da insurreição, que foi crescendo em amplitude e profundidade a cada mês, a cada semana. Agora, as coisas chegaram até o centro da Rússia, até o coração dessas regiões "autênticamente russas" que enterneciam os reacionários por sua estabilidade. Uma série de circunstâncias explica essa relativa estabilidade, isto é, o atraso do centro da Rússia: as formas menos desenvolvidas da grande indústria que, embora tenha incorporado grandes massas operárias, não destruiu em maior grau a ligação com a terra, nem concentrou suficientemente os proletários em centros intelectuais; o estar muito afastado do estrangeiro; a falta de discórdias nacionais. O movimento operário, que aparecerá com força tão poderosa nessas regiões, já em 1885-1886, se diria que adormeceu por longo tempo, e os esforços dos social-democratas chocaram-se dezenas, centenas de vezes contra o obstáculo que significavam as condições locais de trabalho, especialmente difíceis.

Mas, afinal, também o centro se lançou em marcha. A greve de Ivanov-Voznesensk evidenciou de forma inesperada o alto grau de maturidade política dos operários. Depois desta greve, em toda a região industrial do centro, a efervescência foi aumentando e ampliando-se sem interrupção. Agora, essa efervescência começou a manifestar-se abertamente, até transformar-se em insurreição. Sem dúvida, os estudantes revolucionários de Moscou, que acabam de adotar uma resolução análoga à dos estudantes de Petrogrado, que condena a Duma do Estado e convoca à luta pela república, pela instauração de um governo provisório revolucionário, contribuíram para tornar mais vigorosa esta explosão. Os professores "liberais", que acabavam de eleger um reitor liberalíssimo, o famoso senhor Trubetskoi, fecharam a universidade sob pressão das ameaças policiais: temiam, segundo suas palavras, a repetição da matança de Tiflis dentro dos muros da Universidade; mas a única coisa que conseguiram foi acelerar o derramamento de sangue nas ruas, fora do recinto universitário. ... A julgar pelos lacônicos comunicados telegráficos dos jornais

estrangeiros, o curso dos acontecimentos em Moscou foi o "comum", um curso que respondeu, para dizê-lo assim, à norma já habitual depois do 9 de janeiro. Começou com a greve de tipógrafos que se estendeu rapidamente. No sábado, 24 de setembro (7 de outubro), já não funcionavam as gráficas, os bondes, as fábricas de cigarros. Não saíram os jornais. Esperava-se a greve geral dos operários de fábrica e dos ferroviários. Ao entardecer houve grandes manifestações, em que, além dos tipógrafos, participaram também operários de outras profissões, estudantes, etc. Os cossacos e policiais dispersaram muitas vezes os manifestantes, mas estes voltavam a reunir-se. Os manifestantes lançaram pedras e fizeram disparos de revólver. Foi gravemente ferido o oficial que comandava os policiais. Foram mortos um oficial cossaco, um polícia, etc.

No sábado, os padeiros uniram-se à greve.

No domingo, 25 de setembro (8 de outubro) os acontecimentos tomaram logo um rumo ameaçador. Desde as onze da manhã, começaram a juntar-se operários nas ruas, sobretudo na avenida Strastnoi e em outros lugares. A multidão cantava a Marselhesa. As gráficas cujo pessoal se negara a unir-se à greve foram destruídas. Os cossacos conseguiram dispersar os manifestantes só depois de vencer uma tenaz resistência.

Diante da loja de Phillipov, próximo da residência do governador-geral, reuniram-se 400 pessoas, principalmente padeiros. Os cossacos atacaram a multidão. Os operários penetraram na casa, subiram ao telhado, e dali lançaram pedras sobre os cossacos. Estes abriram fogo contra o telhado e, não podendo desalojar os operários, recorreram a um cerco completo. A casa foi cercada, um destacamento de polícia e duas companhias de granadeiros fizeram um movimento envolvente, penetraram na casa pela parte de trás e, afinal, ocuparam o telhado. Foram detidos 192 operários, com oito deles feridos; dois operários foram mortos (repetimos que todos estes dados têm como fonte exclusiva os comunicados telegráficos dos jornais estrangeiros que, naturalmente, estão longe da verdade e dão tão só uma idéia aproximada das proporções da batalha). Um importante jornal belga informa que os porteiros estiveram limpando com afã marcas de sangue das ruas; este pequeno detalhe — diz o jornal — mais do que longos comunicados, é um testemunho da gravidade da luta.

Pelo que parece, os jornais de Petrogrado foram autorizados a escrever sobre a matança da rua Iverskaia, mas já no dia seguinte a difusão de novas informações assustou a censura. A partir da segunda-feira, 26 de setembro (9 de outubro), os despachos oficiais comunicavam que, em Moscou, não havia ocorrido distúrbio sério; mas às redações dos jornais de Petrogrado chegaram por telefone notícias distintas. A multidão havia tomado a reunir-se diante da residência do governador geral. Os choques foram exasperados. Os cossacos dispersaram mais de uma vez. Quando desmontavam para abrir fogo, seus cavalos atropelavam muita gente. Ao entardecer, grande número de operários encheu as avenidas, com gritos revolucionários e bandeiras vermelhas desfraldadas. A multidão assaltou as padarias e as casas de armas, mas, no final, foi dispersada pela polícia e houve muitos feridos. A central de telégrafos está protegida por uma companhia de soldados. A greve de padeiros generalizou-se. A agitação entre os estudantes está aumentando, as reuniões públicas são cada vez mais

concorridas e adquirem um caráter mais revolucionário. O correspondente do Times em Petrogrado informa sobre a difusão nessa cidade de proclamações que convocam para a luta, sobre a efervescência reinante entre os padeiros, sobre o anúncio de uma manifestação para sábado 1(14) de outubro, sobre a extraordinária inquietação que se propagou entre o público.

Por incompletos que sejam, estes dados permitem extrair a conclusão de que a explosão insurrecional de Moscou não é, relativamente às outras, uma etapa relativamente elevada do movimento. Não intervêm destacamentos revolucionários preparados previamente e bem armados, nem se passam para o lado do povo unidades de tropas, nem se empregam os "novos" tipos de arma popular, as bombas (que em Tiflis, a 16 de setembro, infundiram tanto pânico nos cossacos e soldados). Ao faltar qualquer destas condições, não era possível contar nem com armas para um grande número de operários, nem com a vitória da insurreição. A importância dos acontecimentos de Moscou, como já assinalamos, é outra: marcam o batismo de fogo de um grande centro, a incorporação à luta séria de uma imensa zona industrial.

A insurreição na Rússia não segue, nem pode naturalmente seguir, uma linha ascendente, regular e reta. Em Petrogrado, a 9 de janeiro, o traço predominante foi o rápido e unânime movimento de grandes massas, que estavam desarmadas e não iam ao combate, mas que receberam uma grande lição de luta. Na Polónia e no Cáucaso, o movimento se distingue por sua enorme tenacidade, pelo emprego relativamente mais frequente de armas e bombas pela população. Em Odessa, o traço distintivo foi a passagem de uma parte das tropas para as fileiras insurgentes. Em todos os casos e sempre, o movimento foi proletário, no fundamental fundido indissoluvelmente com a greve de massas. Em Moscou, o movimento se deu dentro dos mesmos marcos que em toda uma série de outros centros industriais menos importante.

Agora interrogamo-nos se o movimento revolucionário se deterá na fase de desenvolvimento já alcançada, fase "habitual" e conhecida, ou se elevará a um grau superior. Se cabe aventurar-se na apreciação de acontecimentos tão complexos e colossais como os da revolução russa, não podemos deixar de admitir como muitíssimo mais provável a segunda resposta à pergunta. Certamente, a atual forma de luta já provada, se cabe expressar-se assim — a guerra de guerrilhas, as greves incessantes, o cansaço do inimigo na luta de rua, já num, já noutro confim do país — também deu e dá os resultados mais positivos. Nenhum Estado pode resistir por muito tempo a esta luta tenaz, que paralisa a vida industrial, que desmoraliza por completo a burocracia e o exército, que semeia o descontentamento pela situação vigente em todos os círculos do povo. E menos capaz de sustentar semelhante luta é o governo autocrático russo. Podemos estar plenamente seguros que a tenaz continuação da luta, mesmo que fosse somente naquelas formas já criadas pelo movimento operário, causará irremediavelmente a bancarrota do czarismo.

Mas é um extremo improvável que o movimento revolucionário na Rússia atual se detenha na fase alcançada até agora. Pelo contrário, tudo indica, muito mais, que esta é somente uma das fases iniciais da luta. No povo não repercutiram ainda, pelo contrário, todas as consequências de uma guerra

vergonhosa e funesta. A crise econômica nas cidades e a fome no campo acentuam terrivelmente a exasperação. O exército da Mandchúria, a julgar por todos os informes, tem um moral muito revolucionário e o governo, embora tema repatriá-lo, não pode deixar de fazê-lo sem correr o perigo de novas e mais sérias insurreições. A agitação política entre os operários e camponeses nunca foi na Rússia tão ampla, tão constante e tão profunda como agora. A comédia da Duma do Estado traz inevitavelmente novas derrotas para o governo, nova exasperação do povo. A insurreição teve um grande desenvolvimento nestes dez meses diante de nossos olhos, e não é uma fantasia, não é uma expansão de desejos, mas uma conclusão direta e obrigatória dos fatos, da luta de massas, que a ascensão da insurreição se aproxima de uma fase nova e superior, em que em ajuda da multidão virão destacamentos de combate revolucionários ou unidades de tropas sublevadas, em que esses destacamentos e unidades ajudarão as massas a conseguir armas e provocarão grandes vacilações nas fileiras do exército czarista (ainda czarista, mas não inteiramente czarista, muito pelo contrário), em que a insurreição culminará numa importante vitória, de que o czarismo não poderá recuperar-se.

As tropas czaristas conseguiram a vitória sobre os operários de Moscou; mas esta vitória não deixou os vencidos sem força, mas uniu-os mais estreitamente, aprofundou seu ódio, aproximou-os das tarefas práticas de uma luta séria. Esta vitória figura entre aquelas que não podem senão provocar vacilações entre as fileiras dos vencedores. Apenas agora o exército começa a saber, e a sabê-lo não apenas pelas leis, mas além disso por sua própria experiência, que o mobilizam total e exclusivamente para a luta contra o "inimigo interior". A guerra com o Japão terminou, mas a mobilização continua, uma mobilização contra a revolução. Semelhante mobilização não nos causa pavor, não tememos saudá-la, pois, quanto mais soldados sejam chamados à luta sistemática contra o povo, tanto mais rapidamente sobrevirá a educação política e revolucionária desses soldados. Ao mobilizar novas unidades militares para a guerra contra a revolução, o czarismo adia o desenlace, mas esta dilação mais do que tudo é vantajosa para nós, pois nesta prolongada guerra de guerrilhas os proletários aprenderão a combater, enquanto que as tropas atraídas inevitavelmente para a vida política, e o clamor desta vida, o chamado ao combate de jovem Rússia, penetra até os quartéis hermeticamente fechados e desperta os mais ignorantes, os mais atrasados e os mais intimidados.

Uma explosão revolucionária foi, mais uma vez, esmagada. Uma vez mais, viva a insurreição!

Escrito a 27 de setembro (10 de outubro) de 1905

Publicado pela primeira vez em 1926

Publica-se de acordo com o manuscrito.

2- A GREVE POLÍTICA E A LUTA DE RUA EM MOSCOU

Os acontecimentos revolucionários de Moscou são o primeiro relâmpago da tempestade que ilumina um novo campo de batalha. A promulgação da lei sobre a Duma do Estado e o acordo de paz marcaram o começo de uma nova fase na história da revolução russa. A burguesia liberal, já fatigada pela obstinada luta dos operários e intranquila diante do fantasma da "revolução ininterrompida", suspirou aliviada e aceitou com júbilo a esmola que lhe lançaram. Começou em toda a linha a luta contra a idéia do boicote, iniciou-se uma evidente viragem do liberalismo para a direita. É lamentável, mas até entre os social-democratas há determinados instáveis (no campo dos neo-iskristas), dispostos a apoiar em determinadas condições esses traidores burgueses à revolução e a "levar a sério" a Duma do Estado. Cabe esperar que os acontecimentos de Moscou envergonharão essas pessoas sem fé e ajudarão os vacilantes e apreciar devidamente o estado de coisas no novo campo de batalha. Diante da primeira ação revolucionária do proletariado dissiparam-se os sonhos dos intelectuais anêmicos sobre a possibilidade de eleições populares sob a autocracia e as ilusões dos liberais obtusos sobre a significação básica da Duma do Estado.

Nossas informações sobre os acontecimentos de Moscou são agora (12 de outubro, segundo o novo calendário) ainda muito escassas. Reduzem-se a comunicados breves e com frequência contraditórios dos jornais estrangeiros e as informações da imprensa legal que puderam filtrar-se através da peneira da censura, dando conta do início do movimento. Uma coisa é indubitável: a luta dos operários de Moscou, em sua fase inicial, seguiu o caminho já habitual neste último ano revolucionário. O movimento operário colocou seu selo em toda a revolução russa. Começando por greves dispersas, desenvolveu-se com rapidez até chegar, por um lado, às greves de massas e, por outro, às manifestações de rua. Em 1905, a forma plenamente cristalizada do movimento é a greve política, que está se transformando diante de nossos olhos em insurreição. Enquanto que o movimento operário da Rússia necessitou de dez anos para elevar-se até seu grau atual (que, por certo, está muito longe ainda de ser o definitivo), agora o movimento em diversas zonas do país se elevou em poucos dias, da simples greve a uma gigantesca explosão revolucionária.

Segundo nos informam, a greve dos tipógrafos de Moscou foi iniciada por operários politicamente atrasados. Mas o movimento escapou logo de suas mãos, transformou-se num amplo movimento sindical, a que se uniram os operários de outros grêmios. A ação inevitável dos operários na rua, embora somente fosse para comunicar a seus camaradas ainda não informados da greve, converteu-se numa manifestação política com cânticos e discursos revolucionários. Sobe à superfície a indignação, longo tempo contida, contra a vil comédia das eleições populares para a Duma do Estado. A greve de massas cresce até

converter-se numa mobilização maciça de lutadores pela verdadeira liberdade. Aparece em cena o estudantado radical, que também em Moscou aprovou há pouco uma resolução idêntica à do Petrogrado; com a linguagem de cidadãos livres e não de funcionários rasteiros, a resolução anatematiza a Duma do Estado como um insolente escárnio de que se quer fazer vítima o povo, e exorta a lutar pela república, pela convocação de uma assembléia verdadeiramente popular e verdadeiramente constituinte, por um governo provisório revolucionário. Começa nas ruas a luta do proletariado e das camadas avançadas da democracia revolucionária contra o exército e a polícia czarista.

O movimento de Moscou se desenvolveu assim: sábado, dia 24 de setembro, (7 de outubro) além dos tipógrafos, pararam as fábricas da indústria do tabaco e os bondes e começou a greve dos padeiros. À tarde, realizaram-se grandes manifestações em que, além dos operários e estudantes, participou grande número de pessoas "estranhas" (os operários revolucionários e os estudantes radicais já não se considera alheios entre si nas ações populares abertas). Os cossacos e polícias dispersavam sem cessar os manifestantes, mas estes se reagrupavam. A multidão opôs resistência à polícia e aos cossacos; fizeram-se disparos de revólver e ficaram feridos muitos policiais.

No domingo, 25 de setembro (8 de outubro) os acontecimentos adquiriram logo um caráter ameaçador. Às onze da manhã, começaram as concentrações operárias nas ruas. A multidão cantava a Marselhesa. Improvisaram-se comícios revolucionários. Foram destruídas as tipografias em que o pessoal se negou a apoiar a greve. O povo assaltou as padarias e casas de armas: os operários necessitam (tal como diz a canção revolucionária francesa) de pão para viver e armas para lutar pela liberdade. Os cossacos só conseguem dissolver as manifestações depois da mais tenaz resistência. Na rua Tverskaia, próximo da residência do governador geral, ocorreu verdadeira batalha. Junto à padaria de Filippov reuniu-se uma multidão de padeiros, que, como declarou depois a administração dessa padaria, haviam saído pacificamente à rua, depois de suspender o trabalho em sinal de solidariedade com os grevistas. Um destacamento de cossacos atacou a multidão. Os operários penetraram no edifício, subiram ao telhado e ao sótão e lançaram pedras contra os soldados. Ficaram cortadas todas as comunicações. A tropa abriu fogo contra os operários. Ficaram cortadas todas as comunicações. Duas companhias de granadeiros realizaram um movimento envolvente, penetraram na casa pela porta de trás e tomaram a posição inimiga. Foram detidos 192 operários, com oito feridos, dois foram mortos. Também na polícia e nas tropas há feridos, entre eles, mortalmente, o chefe de uma companhia de polícia.

Sem dúvida, estas informações são muito incompletas. Por telegramas particulares, reproduzidos em alguns jornais estrangeiros, sabemos que a ferocidade dos cossacos e soldados não teve limites. A administração da padaria de Filippov protestou publicamente contra os desaforos da tropa, totalmente injustificados. Um respeitável jornal belga informa que os porteiros estiveram ocupados em limpar as ruas das manchas de sangue: este pequeno detalhe — disse o jornal — mais que extensas informações, testemunha o caráter exasperado da luta. Vorwärts comunica, baseado em notícias não oficiais, recolhidas pelos

jornais, que na Tverskaia lutaram 10.000 grevistas contra um batalhão de infantaria. As tropas fizeram várias descargas. As ambulâncias não davam conta. O número aproximado de mortos se estima em 50 e o de feridos em 600. Informa-se que os detidos foram levados a quartéis, obrigados a passar entre fileiras de soldados e espancados de maneira desapiadada e bestial. Também se disse que, durante a luta nas ruas, os oficiais se distinguiram por sua crueldade inumana, inclusive com as mulheres (telegrama do enviado especial do jornal burguês conservador "Le Temps", datado de Petrogrado, 10 de outubro — 27 de setembro).

As informações sobre os acontecimentos das jornadas posteriores são ainda mais escassas. A indignação dos operários cresceu em proporções enormes e se estendeu o movimento; o governo tomou medidas para proibir e cortar todas as notícias. Os jornais estrangeiros assinalaram claramente as contradições entre os despachos tranquilizadores das agências oficiais (em que se acreditou durante certo tempo) e as notícias transmitidas a Petrogrado por telefone. Gaston Leñoux telegrafou ao jornal parisiense "Le Matin" que a censura estava fazendo prodígios para impedir a difusão de notícias, por pouco alarmantes que fossem. A segunda-feira, 26 de setembro (9 de outubro) — disse este jornalista — foi um dos dias mais sangrentos da história da Rússia. Lutou-se em todas as ruas principais e inclusive nas imediações da casa do governador geral. Os manifestantes desfaldaram uma bandeira vermelha. Houve muitos mortos e feridos. As informações de outros jornais são contraditórias. A única coisa certa é que a greve se amplia. A ela se incorporou a maioria dos operários das grandes fábricas e inclusive os da pequenas empresas. Pararam os ferroviários. A greve se faz geral (terça-feira 10 de outubro — 27 de setembro — e quarta-feira).

A situação é extremamente grave. O movimento se estende a Petrogrado; os operários da fábrica San-Galli já suspenderam o trabalho.

No momento, é claro, a isto se limitam nossas informações. Com base nelas não cabe nem pensar, é claro, numa apreciação completa dos acontecimentos de Moscou. Não se pode dizer ainda se constituem um ensaio geral de firme ofensiva proletária contra a autocracia ou o começo dessa ofensiva; se são uma simples propagação dos meios "correntes" de luta, que expusemos acima, a uma nova zona da Rússia central, ou o começo de uma forma superior de luta, de uma insurreição mais decidida.

A resposta a estas perguntas a dará um futuro provavelmente não distante. Uma coisa é certa: o crescimento da insurreição, a ampliação da luta, a agudização de suas formas é uma realidade permanente. O proletariado abre caminho em toda a Rússia através de esforços heróicos, mostrando aqui e ali em que direção pode desenvolver-se e, sem dúvida, se há de desenvolver a insurreição armada. Por certo, inclusive a forma atual de luta, produto do movimento das massas operárias, dá no czarismo golpes muito fortes. A guerra civil adquiriu a forma de uma guerra de guerrilhas que se trava em toda a parte e com a mais obstinada firmeza. A classe operária não dá tréguas ao inimigo, interrompe a vida industrial, paralisa constantemente a administração local, cria em todo o país um estado de alarma e mobiliza novas forças para a luta.

nenhum Estado pode resistir durante longo tempo a semelhante investida, e antes ainda o poder governo czarista, a que abandonam, um depois do outro, seus antigos partidários. E se, à burguesia monárquica liberal, a luta parece às vezes demasiado persistente, se a assusta a guerra civil e este estado de alarmante insegurança em que vive o país, para o proletariado revolucionário a continuação deste estado de coisas, a prolongação da luta, é uma necessidade vital. Se entre os ideólogos da burguesia começam a aparecer os que pretendem sufocar o incêndio revolucionário com sua pregação de progresso pacífico legal e se preocupam em amortecer a crise política em vez de agudizá-la, o proletariado com consciência de classe, que nunca duvidou da natureza traiçoeira do amor burguês à liberdade, seguirá à frente com firmeza, levantando e levando atrás de si os camponeses, semeando a decomposição nas fileiras do exército czarista. A luta terraz dos operários, as constantes greves e manifestações, as insurreições parciais, todas estas batalhas e escaramuças de prova, para dizê-lo assim, incorporam inevitavelmente o exército à vida política e, em consequência ao âmbito dos problemas revolucionários. A experiência da luta ensina com maior rapidez e profundidade do que anos inteiros de propaganda em condições distintas. A guerra externa terminou, mas é evidente que o governo teme o retorno dos prisioneiros e a repatriação do exército da Manchúria em cujas fileiras são cada vez mais frequentes os indícios de um espírito revolucionário. Os projetos de colônias agrícolas na Sibéria para os oficiais e soldados do exército da Manchúria não podem senão acentuar a efervescência, mesmo no caso de que esses projetos não passem do papel. A mobilização não cessa, apesar de ter-se assinado a paz. Cada dia é mais claro que o exército é necessário total e exclusivamente contra a revolução. E, nestas condições, os revolucionários nada têm contra a mobilização, estamos dispostos inclusive a aplaudir-la. Ao adiar o desenlace, à custa de incorporar à luta novas e novas unidades do exército, ao habituar à guerra civil um número cada vez maior de tropas, o governo, longe de destruir a fonte de todas as crises, amplia o terreno para elas. O governo obtém uma prorrogação à custa de ampliar inevitavelmente o campo de luta e agudizá-la. O governo empurra para a ação os mais atrasados e ignorantes, os mais submissos e inertes no sentido político, e a luta os instrui, coloca-os em movimento e os reanima. Na medida em que se prolongue este estado de guerra civil, no exército contra-revolucionários vão se destacando um grande número de pessoas neutras e um núcleo de combatentes da revolução.

O curso da revolução russa nos últimos meses testemunha que a fase à que se chegou agora não é, nem pode ser, a fase superior. O movimento está numa etapa ascendente, como esteve desde o 9 de janeiro. Então vimos, pela primeira vez, um movimento que assombrou o mundo pela unanimidade e coesão das grandes massas operárias na luta por reivindicações políticas. Mas esse movimento não tinha ainda um grau máximo de consciência e era impotente quanto ao armamento e à preparação militar. A Polónia e o Cáucaso ofereceram o modelo de uma luta já mais elevada, em que o proletariado começou parcialmente a atuar armado e a guerra adquiriu um caráter prolongado. A insurreição de Odessa se destacou pelo aparecimento de um novo e importante fator de êxito: a passagem de uma parte das tropas para o lado do povo. É certo

que não houve êxitos de imediato: contudo, não havia sido resolvido o difícil problema de "combinar as forças navais e terrestres" (uma das tarefas mais árduas até para um exército regular), mas foi colocado, e todos os sintomas indicam que os acontecimentos de Odessa não ficarão como um caso isolado. A greve de Moscou nos mostra a extensão da luta a uma zona "autenticamente russa", cuja estabilidade foi durante tanto tempo motivo de alegria para os revolucionários. A ação revolucionária nessa zona tem uma importância imensa pelo simples fato de que recebem seu batismo de fogo as massas de um proletariado menos ativo, concentrado numa região relativamente pequena e em quantidade que não tem igual em nenhuma outra parte da Rússia. O movimento começou em Petrogrado, incorporou a periferia de toda a Rússia, mobilizou Riga, a Polónia, Odessa e o Cáucaso, e agora o incêndio se propagou ao próprio "coração" da Rússia.

A vergonhosa comédia da Duma do Estado parece ainda mais odiosa ao lado dessa verdadeira ação revolucionária da classe autenticamente avançada e disposta à luta. Continua sendo uma realidade a união do proletariado com a democracia revolucionária, união de que reiteradas vezes temos falado. Os estudantes radicais, que tanto em Petrogrado como em Moscou aceitaram as palavras-de-ordem da social-democracia revolucionária, constituem a vanguarda de todas as forças democráticas, que despreza a vileza dos reformistas "democrata-constitucionalistas", claudicante diante da Duma do Estado e que tendem a uma luta verdadeira, decidida, contra o inimigo jurado do povo russo, e não à conciliação com a autocracia.

Observem-se os professores liberais, reitores, vice-reitores e toda essa companhia dos Trubetskoi, Manuilov e outros... São os melhores homens do liberalismo e do Partido Democrata-Constitucionalista, os mais instruídos homens de idéias, os mais desinteressados, os mais emancipados da pressão direta dos interesses e influência do dinheiro. E como se comportam esses melhores homens? Como utilizam o primeiro poder, o poder de administrar as universidades, que lhes foi conferido por eleição? Atemorizados pela revolução, temendo que o movimento se agudize e amplie, tratam de apagar o incêndio e de apaziguar, pelo que recebem insultos bem merecidos em forma de elogios dos príncipes Mescherski.

E foram bem castigados esses filisteus da ciência burguesa. Fecharam a Universidade de Moscou por temor de uma matança em seu recinto, mas com isso só provocaram uma matança incomparavelmente maior na rua. Quiseram sufocar a revolução na universidade, mas só conseguiram acendê-la na rua. Junto com os senhores Trepov e Romanov, a quem agora querem convencer de que é necessária a liberdade de reunião, meteram-se num atoleiro: se fecham a universidade, abrem o caminho para a luta nas ruas, se abrem a universidade, ela será uma tribuna para reuniões revolucionárias populares que formarão novos e ainda mais decididos combatentes pela liberdade.

O exemplo desses professores liberais é muito ilustrativo para avaliar nossa Duma do Estado! Não está claro, agora, depois da experiência das universidades que os liberais e cadetes temem pelo "destino de Duma", do mesmo modo que esses lamentáveis paladinos da ciência barata temeram pelo "destino

das universidades"? Não está claro, agora, que os liberais e cadetes não podem usar a Duma para outra coisa senão a pregação ainda mais ampla, ainda mais hedionda, do pacífico progresso legal? Não está claro, agora, quão ridículas são as esperanças de converter a Duma numa assembléia revolucionária? Não está claro agora que para "influir" sobre o velho regime autocrático em seu conjunto e não particularmente sobre a Duma nem sobre as Universidades há um só caminho, o caminho que assinalam os operários de Moscou, o caminho da insurreição popular? Por esse caminho se chegará a algo mais do que obrigar os Manuilov a pedir a liberdade de reunião nas universidades, e os Petrunkevich a pedir na Duma a liberdade para o povo: por esse caminho se conquistará a autêntica liberdade para o povo.

Os acontecimentos de Moscou mostraram o verdadeiro agrupamento das forças sociais: os liberais fizeram gestões em nome do governo diante dos radicais, exortando-os a desistir da luta revolucionária. Os radicais lutaram nas fileiras do proletariado. Não esqueçamos, pois, essa lição: também se relaciona diretamente com a Duma do Estado.

Que os Petrunkevich e outros cadetes se dediquem a brincar de parlamentarismo na Rússia autocrática; os operários continuarão a luta revolucionária por um autêntico poder soberano do povo.

Seja qual for o final da explosão insurrecional em Moscou, de qualquer modo o movimento revolucionário ressurgirá mais fortalecido, se estenderá a regiões mais amplas, reunirá novas forças. Suponhamos inclusive que, neste momento, as tropas czaristas estejam festejando em Moscou uma vitória completa; mais umas vitórias como essa e a derrubada da czarismo será um fato. E esse será então o desmoronamento verdadeiro, efetivo, de toda a herança da servidão, a autocracia e o obscurantismo, e não esse decrépito, covarde e hipócrita remendo de farrapos podres com que os burgueses liberais tratam de seduzir-se a si mesmos e aos demais. Suponhamos inclusive que o correio de amanhã nos traga a penosa notícia de que a explosão insurrecional foi reprimida uma vez mais. Exclamaremos, então, mais uma vez: viva a insurreição!

Proletari, n.º 21, 17 (4) de outubro de 1905

Publica-se de acordo com o manuscrito

3 - ENSINAMENTOS DOS ACONTECIMENTOS DE MOSCOU

A ascensão revolucionária do proletariado moscovita, que se tem manifestado com tanta força na greve política e na luta nas ruas, ainda não foi detida. A greve continua. Estendeu-se, em parte, a Petrogrado, onde os tipógrafos declararam uma greve de solidariedade a seus companheiros de Moscou. Ainda não se sabe se o atual movimento se aquietará até a próxima maré alta ou se deverá prolongar-se. Mas, já são evidentes alguns resultados dos acontecimentos de Moscou, sumamente instrutivos, valendo a pena deter-se neles.

Em termos gerais, o movimento de Moscou não chegou a transformar-se em combate decisivo entre os operários revolucionários e as forças czaristas. Ocorreram apenas pequenos choques nos postos avançados, talvez em parte uma manifestação militar em meio à guerra civil, mas não uma destas batalhas que decidem o resultado da guerra. Das duas suposições que levantamos há uma semana, parece que a primeira se justifica, ou seja: estamos contemplando não o princípio de um ataque decisivo, mas somente seu ensaio. Não obstante, o ensaio mostrou todas as personagens deste drama histórico em sua verdadeira estatura, derramando uma luz esclarecedora sobre o provável, quase inevitável, desenvolvimento do drama.

A primeira vista, foram fatos de caráter nitidamente acadêmico os que iniciaram os acontecimentos de Moscou. O governo havia outorgado uma "autonomia" parcial, ou suposta autonomia, às universidades. Os senhores professores obtiveram a auto-administração. Os estudantes conseguiram o direito de reunião. Deste modo, abriu-se uma pequena brecha no sistema geral de opressão da autocracia feudal. E, de imediato, precipitaram-se por esta brecha, com ímpeto inesperado, novas torrentes revolucionárias. Uma mísera concessão, uma minúscula reforma, outorgada com a finalidade de suavizar as contradições políticas e conciliar os assaltados com os assaltantes, provocou, na prática, uma enorme agudização na luta e um aumento do número de seus participantes. Os trabalhadores começaram a acudir em massa às reuniões estudantis. Houve comícios populares revolucionários, nos quais predominava o proletariado, a classe da vanguarda na luta pela liberdade. O governo indignou-se. Os "respeitáveis" liberais, que haviam obtido a auto-administração acadêmica, agitados, iniciaram suas idas e vindas entre os estudantes revolucionários e o chicote policial do governo. Os liberais se aproveitaram da liberdade para tra-la, para impedir que os estudantes ampliassem e intensificassem a luta; aproveitaram para pregar "a ordem" ante os *bashibuzuks* e as centúrias negras, para os senhores Trepov e Romanov. Os liberais se aproveitaram da autonomia para administrar os interesses dos verdugos do povo, para fechar a Universidade, esse imaculado santuário da "ciência", autorizada pelos que empunham açoites, e que os estudantes profanaram, ao permitir o acesso às suas douradas dependências

do "populacho vil", para discutir assuntos "não permitidos" pela camarilha autocrática. Os liberais com a auto-administração traíram o povo e a liberdade por temer uma matança na universidade. E receberam um castigo exemplar por esta vil covardia. Ao fechar a universidade revolucionária, eles abriram caminho para a revolução. Pobres pedantes, já cantavam vitória em coro com os canalhas como Glazov, por conseguirem apagar o incêndio nos institutos de ensino. Mas, na realidade, o que fizeram foi inflamar o incêndio numa imensa cidade industrial. Eles, esses homenzinhos enfáticos, haviam proibido os trabalhadores de ir aos estudantes; e só conseguiram levar os estudantes até os trabalhadores revolucionários. Apreciavam todos os problemas políticos do ponto de vista do seu galinheiro, impregnado por inteiro do "burocratismo" secular; imploravam aos estudantes que se apiedassem deste "galinheiro". Bastou a primeira brisa fresca, a ação do jovem e livre elemento revolucionário para que todos se esquecessem até de pensar neste "galinheiro", pois a brisa soprava mais forte, transformando-se num furacão dirigido contra a fonte de origem de todo o "burocratismo", de todo o escárnio exercido contra o povo russo: contra a autocracia czarista. E, inclusive agora, passado o primeiro perigo, quando é evidente que a tormenta amainou, os lacaios da autocracia tremem ainda de medo só de lembrar o abismo que se abriu ante eles nos sangrentos dias de Moscou: "por ora não é um incêndio, mas é uma indubitável tentativa incendiária" — grunhe o sr. Menshilov no servil, "Novoie Vremia" (de 30 de setembro) — ainda não é a revolução... mas já é o prólogo da revolução. Em abril, eu (o sr. Menshilov) alertava já vem, e desde então, que passos terríveis foram dados!... A massa popular tem sido sacudida até o mais profundo. . ."

Sim, os Trépo e os Romanov, junto com os traidores liberais-burgueses, meteram-se num bom aperto. Se abrem a universidade, oferecem uma tribuna às reuniões populares revolucionárias e fazem um grande favor à social-democracia. Se fecham a universidade, favorecem a luta nas ruas. E nossos paladinos do chicote vão e vêm, rilhando os dentes: abrem de novo a Universidade de Moscou, aparentemente permitem que os estudantes cuidem por si mesmos da ordem nas manifestações de rua, fazem vista grossa ante a auto-administração revolucionária dos estudantes, que formalizam a divisão em partidos: social-democrata, socialista revolucionário, etc, criando uma correta representação política no "parlamento" estudantil (e, estamos seguros, que não vão se limitar à auto-administração revolucionária, mas se dedicarão, imediatamente, e com seriedade, a organizar e armar os destacamentos do exército revolucionário). E, junto com Trépo, também vão e vêm os professores liberais, tratando de persuadir hoje os estudantes para que sejam mais modestos, e, amanhã, os que empunham o açoitador para que sejam mais suaves. As corridas de uns e outros nos causam enorme prazer: porque se, na cúpula, comandantes e desertores políticos estremeçam tanto, é sinal de que a brisa revolucionária sopra bem.

Mas, à parte o orgulho e o prazer legítimos, os revolucionários autênticos devem extrair algo mais dos acontecimentos de Moscou: a compreensão de quais são as forças sociais e como atuam na revolução russa e uma idéia mais exata das formas de ação destas forças. Pensando no processo político dos acontecimentos de Moscou, se terá um quadro completo da revolução russa, notavelmente típico

e característico no que se refere às relações de classe. Eis aqui este processo: abre-se uma pequena brecha na velha estrutura; o governo tapa-a com um remendo de pequenas concessões, "reformas" enganadoras, etc, em lugar da pacificação, resulta uma nova agudização e ampliação da luta; a burguesia liberal vacila, vai e vem, trata de dissuadir os revolucionários da revolução e os policiais da reação; o povo revolucionário, com o proletariado à frente entra em cena, a luta aberta cria uma situação política nova; abre-se uma brecha nas fortificações inimigas, mas, agora, em campo de batalha reconquistado, mais elevado e vasto; e o movimento vai crescendo, cada vez mais por esse caminho. Ante nossos olhos — observou, faz pouco, com razão, "Moskovskie Viedomosti" — opera-se em toda linha o retrocesso governamental. E um jornal liberal acrescentou não sem gênio: retrocesso com batalha de retaguarda (16). O correspondente em Patrogrado do jornal berlinense "Vossich Zeitung", um jornal liberal, telegrafou no dia 3 (16 de outubro) noticiando sobre a entrevista que fizera com o chefe de gabinete de Trépo. "Do governo" — disse ao jornalista a ratabana policial — "não se tem que esperar a realização de um plano consequente, pois cada dia traz fatos que não poderiam ser previstos. O governo se vê obrigado a manobrar; não é possível reprimir pela força o movimento atual, que tanto pode prolongar-se por meses, como por anos".

Sim, a tática do governo ficou completamente clara. Sem dúvida, consiste em manobrar e retroceder para travar uma batalha na retaguarda. O que é uma tática perfeitamente correta do ponto de vista dos interesses da autocracia seria um grandíssimo erro, uma ilusão fatal por parte dos revolucionários, esquecer que o governo pode retroceder um trecho bastante longo sem perder o essencial. O exemplo da semi-revolução incompleta híbrida, da Alemanha, em 1848 (exemplo a que voltaremos no próximo número de "Proletari" e que jamais cansaremos de recordar), demonstra que mesmo depois de haver retrocedido até convocar (de palavra) uma assembléia constituinte, o governo conservará forças para vencer a revolução na última e decisiva batalha. Por isto, ao estudar os acontecimentos de Moscou, a mais recente de uma série incontável de batalhas de nossa guerra civil, devemos contemplar com serenidade a marcha das coisas, devemos preparar-nos com a máxima energia e tenacidade para uma grande e exasperada guerra, devemos desconfiar dos aliados que já são aliados-desertores. Quando ainda não se conquistou nada de decisivo, quando o inimigo tem um vasto espaço para retroceder, com lucro e sem perigo, quando se estão realizando batalhas cada vez mais importantes, então, a confiança em tais aliados, as tentativas de firmar acordo com eles ou simplesmente de apoiá-los em determinadas circunstâncias, pode tornar-se não só uma idiotice, mas até uma traição ao proletariado.

De fato seria casual a conduta dos professores liberais antes e durante os acontecimentos de Moscou? Seria uma exceção ou a norma de todo o Partido "democrata constitucionalista"? Esta conduta expressa certas peculiaridades de um grupo determinado da burguesia liberal ou os interesses fundamentais de toda a classe em seu conjunto? Entre socialistas não pode haver duas opiniões a este respeito, mas nem todos os socialistas sabem aplicar de maneira consequente a autêntica tática socialista.

Para apresentar mais claramente a essência do problema, tomemos a exposição da tática liberal, feita pelos próprios liberais. Na imprensa russa, eles evitam falar abertamente contra os social-democratas e, inclusive, referem-se a eles com franqueza. Mas, eis uma informação interessante do "Vossische Zeitung" berlinense, que, sem dúvida, expressa com maior sinceridade os pontos de vista dos liberais.

"Os distúrbios estudantis renovaram-se nos Institutos de Ensino Superior, com extrema turbulência, tanto em Petrogrado como em Moscou, desde o início do ano letivo, apesar da concessão — muito tardia, por certo — de autonomia às universidades. Em Moscou, estas manifestações são ainda acompanhadas por um amplo movimento operário. Esses distúrbios assinalam, portanto, o princípio de uma nova fase do movimento revolucionário russo. O desenvolvimento das reuniões estudantis e suas resoluções demonstram que o estudantado adotou o lema dos líderes social-democratas: transformar as universidades em local de reuniões populares e, desta maneira, levar a revolução a vastas camadas da população. Como colocar em prática este lema, os estudantes moscovitas já demonstraram: convidaram trabalhadores e outras pessoas que nada tinham a ver com a universidade a comparecerem às suas dependências, além disto em tal número que os próprios estudantes ficaram em minoria. Sabe-se que tal fenômeno não pode continuar muito tempo nas condições atuais. O governo preferirá fechar as universidades a tolerar tais reuniões. Isto torna-se tão claro que à primeira vista parece incompreensível que os líderes social-democratas tenham proposto semelhante lema. Eles sabiam muito bem onde isto levaria, mas desejavam precisamente que o governo fechasse as universidades. E para quê? Simplesmente porque desejam dificultar, por todos os meios possíveis, o movimento liberal. Reconhecem que não são capazes de realizar, com suas próprias forças, numa ação política importante: pois, então, que tampouco os liberais e radicais se atrevam a fazer qualquer coisa porque aparentemente isto só prejudicará o proletariado socialista. Ele deve conquistar seus direitos por si mesmo. A social-democracia pode orgulhar-se desta tática inflexível, mas a todo observador imparcial ela parecerá muito míope: é duvidoso que ela proporcione vitórias à social-democracia russa. É impossível compreender o que pode ganhar com o fechamento das universidades, coisa inevitável caso esta tática continue. Enquanto isto, o prosseguimento dos estudos nas universidades e nos institutos de ensino superior é extremamente importante para todos os partidos progressistas. As prolongadas greves de estudantes e professores já causaram um grave prejuízo à cultura russa. A retomada dos trabalhos acadêmicos é extremamente necessária. A autonomia possibilitou aos professores o livre exercício de suas funções de ensino. Por isto, os professores de todas as universidades e institutos de ensino superior estão de acordo em que é imprescindível reiniciar com energia os estudos. Empregam toda a sua influência para impulsionar os estudantes para "que renunciem à realização do lema social-democrata".

Deste modo, a luta entre o liberalismo burguês (os democratas constitucionais) e os social-democratas se definiu por completo. Não impeçam o movimento liberal! Eis aqui a palavra-de-ordem, expressa magnificamente no artigo citado. Mas, em que consiste este movimento liberal? Num movimento

regressivo, pois os professores utilizam e desejam utilizar a liberdade da universidade, não para a pregação revolucionária, mas para a pregação anti-revolucionária; não para avivar o incêndio, mas para apagá-lo; não para ampliar o campo de luta, mas para atrás-lo da luta decidida para a colaboração pacífica com os Trepov. Quando se aguçou a luta, o movimento liberal se converteu (vimos isto na prática) numa deserção do campo revolucionário para o reactionário. Sem dúvida, os liberais são de certa forma úteis, já que introduzem a vacilação nas fileiras dos Trepov e demais servidores dos Romanov; mas esta utilidade está contrabalançada pela introdução de vacilações também em nossas fileiras, se não nos desligarmos completamente dos democratas constitucionais e os estigmatizarmos de maneira implacável por cada passo pouco firme. Os liberais, que conhecem, ou melhor intuem seu predomínio na atual estrutura econômica, desejam dominar também na revolução, qualificando de obstáculo para o movimento liberal toda a continuação, ampliação e intensificação da revolução que ultrapasse os limites de um simples remendo. Como temem pelo destino da pseudo-liberdade universitária permitida por Trepov, lutam hoje contra a liberdade revolucionária. Temendo pela "liberdade de reunião" legal que, deformada ao gosto policial, nos dará amanhã o governo, eles vão tratar de conter-nos para que não utilizemos as reuniões para fins verdadeiramente proletários. Temendo pela sorte da Duma do Estado, já manifestaram uma sábia moderação no congresso de setembro e manifestaram-na agora, quando combatem a idéia do boicote, como se dissessem: não impeçam nosso trabalho na Duma do Estado!

E para vergonha da social-democracia é preciso confessá-lo, em suas fileiras houve oportunistas que morderam o anzol por causa de sua doutrina e, portanto... é necessário retroceder na mesma medida em que a burguesia obtem êxito na conquista de concessões do czarismo. Se os neoisristas não percebem até este momento a verdadeira significação da Duma do Estado, é precisamente porque ao retroceder, tampouco eles presentem o movimento de retrocesso dos democratas constitucionais. Quanto ao fato de que os ikristas já tenham recuado desde que foi promulgada a lei sobre a Duma do Estado, é um fato indiscutível. Antes da Duma, eles não pensavam em colocar na ordem do dia o acordo com os democratas constitucionais. Depois da Duma do Estado, eles (Parvus, Cherevanin e Martov) colocaram esta questão não só teoricamente mas de forma bem concreta. Antes da Duma do Estado, eles propunham aos democratas condições bastantes rigorosas (inclusive a ajuda na tarefa de armar o povo, etc). Depois da Duma, diminuíram prontamente as condições, limitando-se a pedir a promessa de converter em revolução a Duma das centurias negras ou liberal. Antes da Duma do Estado, em resolução oficial, à pergunta "quem deve convocar a assembléia constituinte popular?", eles respondiam: o governo provisório revolucionário ou uma instituição representativa. Depois da Duma, eliminaram o governo provisório revolucionário e declararam: "as organizações democráticas (como, por exemplo, os democratas constitucionais?) do povo" (?) ou... ou a Duma do Estado. Deste modo, vemos, na prática, como os ikristas se guiam por seu magnífico princípio: é uma revolução burguesa;

Portanto, cuidado, camaradas, para que a burguesia não nos vire as costas! Os acontecimentos de Moscou, além de mostrar, pela primeira vez depois da Duma do Estado, como é na prática a tática dos democratas constitucionais em momentos políticos graves, mostrarão também que o apêndice oportunista da social-democracia, que descrevemos, se transforma infalivelmente em simples apêndice da burguesia. Acabamos de dizer: a Duma do Estado das centúrias negras ou liberal. Estas palavras pareceriam monstruosas a um *iskristas*, pois ele considera muito importante a diferença entre uma Duma do Estado das centúrias negras e uma liberal. Entretanto, os acontecimentos de Moscou provaram a falsidade desta idéia "parlamentar", colocada inoportunamente numa época pré-parlamentarista. Os acontecimentos de Moscou provaram que o desator liberal desempenhava na realidade papel de um Trepov. O fechamento da universidade que Trepov teria decretado ontem, hoje a determinaram os senhores Manuilov e Trubetskoi. Não é acaso evidente que também os liberais "dunistas" não farão mais que ir e vir entre Trépoov-Romanov e povo revolucionário? Não é por acaso evidente que o menor apoio aos desertores liberais só seria próprio de otários políticos?

Num sistema parlamentarista é freqüentemente imprescindível apoiar um partido liberal contra outro menos liberal. Mas apoiar, no transcurso da luta revolucionária por um regime parlamentar, desertores liberais que conciliam Trepov com a revolução, isso é uma traição.

Os acontecimentos de Moscou assinalavam nos fatos aquele agrupamento de forças sociais de que tantas vezes falou "Proletari": o proletariado socialista e o destacamento de vanguarda da democracia burguesa revolucionária lutam; a burguesia liberal monárquica negocia. Estudem então, camaradas operários, estudem com atenção as lições dos acontecimentos de Moscou. Deste modo, exatamente deste modo, as coisas vão evoluir em toda a revolução russa. Devemos unir-nos com maior coesão num sólido partido autenticamente socialista, que expressa de maneira consciente os interesses da classe operária e não um partido que se arraste com passividade atrás da massa. Na luta, devemos contar apenas com a democracia revolucionária, permitir acordos unicamente com ela, e levar à prática esses acordos somente no campo de batalha contra os Trepov e Romanov. Devemos procurar com todo o empenho que, além do destacamento de vanguarda da democracia — os estudantes-se levantem as grandes massas do povo cujo movimento não só é democrático em geral (hoje qualquer desertor se denomina democrata), mas também é verdadeiramente revolucionário: as massas do campesinato. Devemos lembrar que os liberais e os democratas constitucionais, ao introduzir vacilações nas fileiras dos defensores da autocracia, se esforçaram, sem dúvida, por introduzir, a cada passo, a vacilação também em nossas fileiras. Só a luta revolucionária franca, aquela que lança na lixeira todos os galinheiros e Dumas liberais, poderá alcançar resultados importantes, decisivos. Preparem-se, portanto, sem perder um minuto, para novos combates e lutas. Ameno-nos como possamos, formemos imediatamente destacamentos de combatentes dispostos a lutar com abnegação e energia contra a mal dita autocracia; recordemos que, amanhã ou depois os acontecimentos nos levarão inexoravelmente à insurreição e só se trata de sabermos atuar preparados e unidos, ou

confundidos e isolados!

Os acontecimentos de Moscou mais uma vez, pela centésima vez, desmentiram os cétricos. Demonstraram que ainda tendemos a subestimar a ação revolucionária das massas. Tornaram a convencer aqueles que já começavam a vacilar, aqueles que haviam perdido a fé na insurreição, depois de negociada a paz e concedida a Duma. Não, neste momento, precisamente, a insurreição cresce e se afirma com rapidez inaluta. Que a futura explosão nos encontre, pois, a todos, em nossos postos; em comparação com ela, o 9 de janeiro e os memoriais dias de Odessa parecerão bincadeira!

"Proletari", n.º 22, de 24 (11) de outubro de 1905

Publica-se de acordo com o texto do jornal, cotejado com o manuscrito.

4 - OS ENSINAMENTOS DA INSURREIÇÃO DE MOSCOU

O livro intitulado "Moscou em dezembro de 1905" (Moscou, 1906) não podia ter sido mais oportuno. Assimilar os ensinamentos da insurreição de dezembro é uma tarefa urgente para o partido operário. Lamentavelmente, este livro é como uma barrica de mel com uma colherada de breu: o material é interessantíssimo, apesar de ser incompleto; em troca, as conclusões são incrivelmente descuidadas, incrivelmente triviais. Delas trataremos em outra ocasião; agora abordaremos a questão política de palpante atualidade: as lições da insurreição de Moscou.

As formas principais do movimento de dezembro em Moscou foram as greves e as manifestações pacíficas. A imensa maioria dos operários só participou ativamente nestas formas de luta. Mas a própria ação de dezembro em Moscou demonstrou palpavelmente que a greve geral como forma independente e principal de luta está superada; que o movimento com espontânea e irresistível pujança ultrapassa este marco estreito e o engendra a forma mais alta de luta: a insurreição.

Todos os partidos revolucionários, todos os sindicatos de Moscou, ao declarar a greve, sabiam e também percebiam que ela se transformaria inevitavelmente em insurreições. No dia 6 de dezembro, o Soviete de Deputados Operários decidiu "esforçar-se por transformar a greve numa insurreição armada". Mas, na realidade, nenhuma das organizações estava preparada para isto; até o "Conselho de união dos grupos de combate" falava (em 9 de dezembro) de uma insurreição como de algo remoto e é evidente que não teve participação ou controle da luta de rua que se desenvolveu. As organizações haviam ficado à retaguarda da ascensão e da capacidade do movimento.

Antes de tudo, sob pressão das condições objetivas criadas depois de outubro, a greve se transformava em insurreição. Já não era possível surpreender o governo por meio de uma greve geral; este havia organizado as forças da contra-revolução e elas estavam preparadas para atuar militarmente. Tanto o curso geral da revolução russa depois de outubro como a sucessão dos acontecimentos de Moscou nas jornadas de dezembro são uma assombrosa confirmação de uma das profundas teses de Marx: a revolução, ao avançar, provoca uma contra-revolução forte e unida; em outras palavras, obriga o inimigo a recorrer a medidas de defesa cada vez mais extremadas e, por isto mesmo, cria meios de ataque cada vez mais poderosos(17).

Nos dias 7 e 8 de dezembro: greve e manifestações pacíficas das massas. Dia 8, à noite, o parque Aquário é cercado(18). Na manhã de 9, os dragões fazem carga contra a multidão na praça Strausnaja. À noite, assalto ao edifício Fidler(19). Os ânimos esquentam. A multidão nas ruas, não organizada, de modo completamente espontâneo e com vacilações ergue as primeiras barricadas.

No dia 10, a artilharia abre fogo contra as barricadas e contra a

multidão nas ruas. As barricadas são levantadas, agora deliberadamente e não isoladas, mas em grande quantidade. Toda a população está na rua; os principais centros da cidade cobrem-se de uma rede de barricadas. Durante vários dias se trava uma persistente luta de guerrilhas entre as unidades voluntárias de combate e as tropas, luta que as extenua e obriga Dubasov a implorar reforços. Somente em 15 de dezembro é total a superioridade das forças governamentais e, no dia 17, o regimento Smiounovski arrasa a barricada de Presnie, último baluarte da insurreição.

Da greve e das demonstrações às barricadas isoladas. Das barricadas isoladas às barricadas levantadas em massa e à luta nas ruas contra as tropas. Passando por cima das organizações, a luta proletária das massas transformou a greve em insurreição. Esta é a maior conquista histórica da revolução russa, alcançada em dezembro de 1905 e, como todas que a precederam, obtidas à custa de imensos sacrifícios. O movimento se elevou da greve política geral a uma etapa superior. Obrigou a reação a ir até o limite de sua resistência e assim aproximou, em proporções gigantescas, o momento em que a revolução chegará também até o limite no emprego de seus meios de ataque. A reação não pode ir além do bombardeio da artilharia aos edifícios, às barricadas e à multidão. Mas a revolução pode ir muito mais longe do que as unidades voluntárias de combate, muito, muitíssimo mais longe em amplitude e profundidade. E a revolução avançou muito desde dezembro. A base da crise revolucionária tornou-se infinitamente mais ampla agora só precisa afiar mais o fio da espada.

O proletariado sentiu antes de seus dirigentes a mudança nas condições objetivas da luta e a necessidade de passar da greve à insurreição. Como sempre ocorre a prática precedeu a teoria. A greve pacífica e as demonstrações deixaram logo de satisfazer os operários, que se perguntavam: "que fazer depois?" e exigiram ações mais resolutas. A indicação de levantar barricadas chegou aos bairros com enorme atraso, quando já se levantavam no centro da cidade. Os operários em massa puseram-se a erguê-la, mas isto não os satisfazia; queriam saber: o que fazer depois? E exigiam medidas ativas. Nós, dirigentes do proletariado social-democrata, comportamo-nos em dezembro como aquele chefe militar que dispusera suas tropas de um modo tão absurdo que a maior parte delas não participava ativamente da batalha. As massas operárias exigiam instruções para realizar ações resolutas, mas não as recebiam.

Portanto, nada podia ser menos perspicaz que a opinião de Plejanov, defendida por todos os oportunistas, de que a greve era inoportuna e não devia ter-se iniciado, que "não se deveria empunhar as armas". Pelo contrário, se deveria empunhá-las mais decididamente, com maior energia e combatividade; se deveria explicar às massas que era impossível limitar-se a uma greve pacífica e que uma luta armada, intrépida e implacável, era necessária. E, hoje, devemos afinal reconhecer abertamente a insuficiência das greves políticas; devemos levar a cabo a mais ampla agitação entre as massas em favor da insurreição armada, sem tratar de obscurecer esta questão com frases sobre "etapas preliminares" nem ocultá-la de qualquer forma. Esconder das massas a necessidade de uma guerra de extermínio encarniçada, sangrenta, como tarefa imediata da ação revolucionária que se avizinha, seria enganar a nós mesmos e ao povo.

Este é o primeiro ensinamento dos acontecimentos de dezembro. O segundo refere-se ao caráter da insurreição, à maneira de realizá-la, às condições que determinam que as tropas passem para o lado do povo. Sobre este ensinamento, encontra-se muito difundida na ala direita do nosso partido uma opinião extremamente unilateral. É impossível, dizem, lutar contra um exército moderno; é preciso que este se faça revolucionário. Como é natural, se a revolução não adquirir um caráter de massas e não influir nas tropas não se pode falar de uma luta séria. Compreende-se, facilmente, a necessidade do trabalho nas tropas. Mas não devemos pensar que passarão para nosso lado de uma vez, como resultado de um trabalho de persuasão ou por suas próprias convicções. A insurreição de Moscou demonstra claramente o que há de rotineiro e de inerte nesta concepção. Na realidade, a vacilação das tropas, fenômeno inevitável em todo o movimento autenticamente popular, conduz, ao aguçar-se a luta revolucionária, a uma verdadeira "luta pelas tropas". A insurreição de Moscou é precisamente um exemplo da luta encarniçada, furiosa, entre a reação e a revolução, pelas tropas. O próprio Dubasov declarou que só 5 mil homens, dos 15 mil da guarnição de Moscou, eram firmes. O governo continha os vacilantes recorrendo às medidas mais diversas e desesperadas: dirigia-lhes exortações, adulava-os, subornava-os com relógios, dinheiro, embebedava-os com vodka, mentia para eles, ameaçava, confinava-os nos quartéis e os desarmava. E os que eram considerados mais inseguros, eram destituídos com traição e violência. E precisamos ter a coragem de reconhecer de maneira franca e sem reservas que, neste aspecto, ficamos atrás do governo. Não soubemos utilizar as forças de que dispúnhamos para sustentar uma luta tão ativa e audaz, com tanto espírito de iniciativa e de ofensiva para atrair as tropas vacilantes, como a que o governo empreendeu e em que triunfou. Temo-nos dedicado e nos dedicaremos com a maior tenacidade à tarefa de "conquistar" ideologicamente as tropas, mas não passaríamos de lamentáveis pedantes se esquecêssemos que, num período de insurreição se necessita também travar uma luta física para atrair as tropas.

Durante as jornadas de dezembro, o proletariado de Moscou nos deu lições admiráveis a respeito de como "conquistar" ideologicamente as tropas; por exemplo, no dia 8 de dezembro, na Praça Strástrnaia, quando a multidão rodeou os cossacos, se misturou e confraternizou com eles e convenceu-os a voltarem atrás. No dia 10, no bairro de Présnia, quando duas jovens operárias, que levavam em meio a 10 mil pessoas, uma bandeira vermelha, foram ao encontro dos cossacos, gritando: "Matem-nos! Enquanto nos restar vida, não entregaremos a bandeira!" E os cossacos, bastante confusos, afastaram-se a galope, enquanto a multidão gritava: "Viva os cossacos!" Estes exemplos de arrojo e heroísmo devem ficar gravados para sempre na memória do proletariado.

Mas, vejamos agora alguns exemplos de como ficamos atrás de Dubasov. Em 9 de dezembro, soldados marcham pela rua Bolshia Serpújovskaia, cantando "La Marsellesa": vão reunir-se aos insurretos. Os operários enviam delegados para recebê-los. O próprio Malujov galopa desesperadamente até eles. Os operários chegam muito tarde; Malujov ancou-os primeiro, pronuncia inflamado discurso, consegue que os soldados titubem, depois cerca-os com os dragões e

faz conduzi-los até o quartel onde os prende. Malajov chegou a tempo e nos não, apesar de que em dois dias, respondendo ao nosso chamado, se levantaram 150 mil homens, que poderiam e deveriam organizar o patrulhamento nas ruas. Malajov cercou os soldados com os dragões, enquanto que nós não cercamos Malajov com operários armados de bombas. Podíamos e devíamos fazê-lo; tempos atrás, a imprensa social-democrata (a velha Iskra) assimalava que, durante uma insurreição, é nosso dever exterminar sem piedade os chefes civis e militares. Mas, pelo visto, o sucedido na rua Bolshia Serpujóvskaia repetiu-se em seus aspectos gerais diante dos quartéis Nésvezk e Krutitski, e também quando o proletariado tentou "subverter", o regimento de Elaterinoslav, quando se enviaram delegados aos sapadores de Alexandrov, quando fizeram voltar a artilharia de Rostov que marchava contra Moscou, quando desarmaram os sapadores de Kolona e assim sucessivamente. No momento da insurreição, demonstramos não estar à altura de nosso dever na luta por atrair as tropas vacilantes.

Os acontecimentos de dezembro confirmaram outra profunda tese de Marx, esquecida pelos oportunistas: a insurreição é uma arte, cuja regra principal é a ofensiva encarniçadamente audaz, implacavelmente decidida. Não as similamos suficientemente esta verdade. Nós mesmos não estudamos nem ensinamos às massas de forma adequada esta arte, esta regra de ofensiva a qualquer custo. Agora devemos corrigir energeticamente este descuido. Não basta tomar partido com relação às palavras-de-ordem políticas; é preciso tomá-lo também a respeito da insurreição armada. Quem esteja contra ela, quem não se se preparar para ela, deverá ser banido sem piedade das fileiras dos partidos da revolução, deve ser atirado para o campo dos inimigos, dos traidores dos covardes, pois aproximadamente o dia em que o peso dos acontecimentos e as condições de luta obrigarão a distinguir amigos de inimigos a partir deste princípio. Não devemos pregar a passividade nem a simples "espera" do momento em que as tropas passem para o nosso lado. Não! Devemos proclamar aos quatro ventos a necessidade de uma ofensiva audaz e de um ataque armado, a necessidade de exterminar em tais momentos aqueles que estão sob o comando do inimigo e de travar a luta mais enérgica pelas tropas vacilantes.

A terceira grande lição que nos trouxe Moscou refere à tática e à organização de forças para a insurreição. A tática militar depende do nível de técnica militar, simples verdade que Engels demonstrou e se esforçou para levar ao entendimento de todos os marxistas⁽²⁰⁾. A técnica militar não é hoje a mesma que a de meados do século XIX. É uma burocracia de forma concentrada contra a artilharia e defender as barricadas a tiros de revólver. Kautsky tinha razão ao escrever que já é hora, depois de Moscou, de rever as conclusões de Engels, e que Moscou possibilitou o surgimento de uma "nova tática de barricadas"⁽²¹⁾. Esta tática é a luta de guerrilhas. Ela requer uma organização de unidades móveis e extraordinariamente pequenas, unidades de dez, de três e até de duas pessoas. Podemos encontrar em nós, com frequência, social-democratas que zombam quando se fala de unidades de cinco e de três. Porém, zombar não é mais que um meio cômodo de fechar os olhos ante esta nova questão, de tática e organização levantada pela luta de rua, face à técnica militar moderna.

Estudem com atenção o relato da insurreição de Moscou, senhores, e compreenderão a relação existente entre as "unidades de cinco" e a questão da "nova tática de barricadas".

Moscou previu esta tática, mas não a desenvolveu suficientemente nem a aplicou de forma ampla, com alcance realmente de massas. O número de grupos voluntários de combate era escasso demais; não se deu às massas operárias a palavra-de-ordem de levar a cabo ataques audazes e elas não a aplicaram; o caráter dos grupos guerrilheiros era demasiadamente uniforme, suas armas e métodos eram inadequados, sua capacidade para dirigir a multidão quase não se havia desenvolvido. Devemos superar tudo isto e o faremos estudando a experiência de Moscou, difundindo-a entre as massas e estimulando seu esforço criador no desenvolvimento dessa experiência. E a guerra de guerrilhas, o terror de massas, que, desde dezembro, se estende por toda a Rússia, contribuirão indubitavelmente para que as massas aprendam a tática acertada da insurreição. A social-democracia deve admitir e incorporar à sua tática este terror de massas, naturalmente, organizando-o e controlando-o, subordinando-o aos interesses e condições do movimento operário e da luta revolucionária em geral, e, ao mesmo tempo, limitando e suprimindo sem piedade essa deformação "rufianesca" da guerra de guerrilhas com que nossos camaradas de Moscou ajustaram as contas tão admirável e implacavelmente nos dias da insurreição, e os efeitos nas jornadas das famosas repúblicas lituanas.

A técnica militar progrediu ainda mais nestes últimos tempos. Na guerra japonesa, surgiu a granada de mão. As fábricas de armas leves lançaram no mercado o fuzil automático. Estas duas armas começam a ser empregadas com êxito na revolução russa, mas em proporção que está longe de ser suficiente. Podemos e devemos aproveitar os progressos da técnica, ensinar aos destacamentos operários a fabricar bombas em grande escala, ajudá-los, da mesma forma que a nossos destacamentos de combate, a armazenar explosivos, fulminantes e fuzis automáticos. Se as massas operárias participam na insurreição nas cidades citadas, se lançam ataques em massa contra o inimigo, se lutamos com decisão e habilidade para atrair as tropas, que vacilam ainda mais depois da Duma, depois de Sveaborg e de Kronstadt, e se asseguramos a participação das zonas rurais na luta geral, a vitória será nossa na próxima insurreição armada de toda a Rússia!

Desenvolvamos, portanto, mais amplamente nossa atividade e coloquemos, com maior audácia, nossas tarefas, ao mesmo tempo em que assimilamos as lições das grandes jornadas da revolução russa. Nosso trabalho baseia-se numa avaliação correta dos interesses de classe e das necessidades do desenvolvimento em toda a nação no momento. Em torno das palavras-de-ordem derrubada do poder czarista e convocação de uma assembléia constituinte por um governo revolucionário, estamos agrupando e agruparemos setores cada vez mais vastos do proletariado, do campesinato e do exército. Como sempre, a base e o conteúdo principal de nosso trabalho é desenvolver a compreensão política das massas. Porém não esqueçamos que, em momentos como os que vive hoje a Rússia, se acrescentem a essa tarefa geral, constante e fundamental, outras

áreas particulares e especiais. Não nos transformemos em pedantes e filisteus, não nos esqueçamos destas tarefas especiais do momento, tarefas especiais das formas atuais de luta, com referências sem sentido a nossos deveres permanentes, que se mantêm imutáveis em qualquer momento e em todas as situações.

Recordemos que se avizinha uma grande luta de massas. Será uma insurreição armada. Na medida do possível, deverá estourar de uma só vez em todas as partes. As massas devem saber que empreendem uma luta armada, sangrenta e encarniçada. O destemor da morte, que deve difundir-se entre elas, há de assegurar a vitória. A arremetida contra o inimigo deve ser a mais vigorosa possível; ataque, não defesa: deve ser a palavra-de-ordem das massas; extermínio implacável do inimigo; esta é sua tarefa; a organização de combate deve ser ágil e flexível; os elementos vacilantes das tropas serão arrastados à participação ativa. E, nesta luta transcendental, o partido do proletariado, com consciência de classe, deve cumprir plenamente o seu dever.

"Proletari", n.º 2, 29 de agosto de 1906

Publica-se de acordo com o texto do jornal.

III — INFORME DE 1905 E O SIGNIFICADO DA PRIMEIRA REVOLUÇÃO RUSSA

áreas particulares e especiais. Não nos transformemos em pedantes e filisteus, não nos esquivemos destas tarefas especiais do momento, tarefas especiais das formas atuais de luta, com referências sem sentido a nossos deveres permanentes, que se mantêm imutáveis em qualquer momento e em todas as situações.

Recordemos que se avizinha uma grande luta de massas. Será uma insurreição armada. Na medida do possível, deverá estourar de uma só vez em todas as partes. As massas devem saber que empreendem uma luta armada, sangrenta e encarniçada. O destemor da morte, que deve difundir-se entre elas, há de assegurar a vitória. A arremetida contra o inimigo deve ser a mais vigorosa possível; ataque, não defesa: deve ser a palavra-de-ordem das massas; extermínio implacável do inimigo; esta é sua tarefa; a organização de combate deve ser ágil e flexível; os elementos vacilantes das tropas serão arrastados à participação ativa. E, nesta luta transcendental, o partido do proletariado, com consciência de classe, deve cumprir plenamente o seu dever.

“Proletari”, n.º 2, 29 de agosto de 1906

Publica-se de acordo com o texto do jornal.

III — INFORME DE 1905 E O SIGNIFICADO DA PRIMEIRA REVOLUÇÃO RUSSA

1 - A PRIMEIRA VITÓRIA DA REVOLUÇÃO Genebra, 1.º de novembro (19 de outubro)

Na noite de 2ª feira, o telégrafo transmitiu para a Europa a notícia do manifesto czarista de 17 de outubro. "O povo venceu. O czar capitulou. A autocracia deixou de existir", comunicava o correspondente do "Times". De outra maneira expressavam-se os amigos distantes da revolução russa, que de Baltimore (América do Norte) enviaram um telegrama a "Proletari": "Felicitações pela primeira grande vitória da revolução russa".

Esta última apreciação dos acontecimentos é, sem dúvida alguma, muito mais acertada. Temos todas as razões para nos sentirmos alegres. A concessão do czar é, na verdade, uma grande vitória da revolução, mas esta vitória está longe de decidir a sorte da causa da liberdade. O czar não capitulou ainda, muito pelo contrário. A autocracia ainda não deixou de existir. Ela só retrocedeu, deixando o campo de batalha para o inimigo; recuou depois de duro combate, mas está longe de ter sido derrotada; ainda reagrupa suas forças, e ao povo revolucionário ficam por resolver muitas e importantes tarefas de luta, para conduzir a revolução a uma vitória verdadeira e total.

O 17 de outubro ficará na história como uma das grandes jornadas da revolução russa. Uma greve de todo o povo, como o mundo não vira até agora, chegou ao apogeu. A mão forte do proletariado que, num impulso de heróica solidariedade, se levantou em todos os confins da Rússia, parou a vida industrial e administrativa da nação. O país ficou imóvel diante da tempestade. De uma e outra cidades começaram a chegar notícias, cada qual mais alarmante. As tropas vacilavam. O governo se abstinha de reprimir, os revolucionários não iniciavam ainda sérios ataques abertos, mas a insurreição irrompia com força em todas as partes.

E, no último momento, o governo czarista, cedeu, pois compreendeu que a explosão era inevitável, que, de nenhuma maneira, estava em condições de obter uma vitória completa e, de outro lado, tinha muitas possibilidades de sofrer uma derrota total. "Primeiro, haverá derramamento de sangue e, depois, constituição", declarava Trepov, segundo dizem. Não havia dúvida alguma de que a Constituição era inevitável, mesmo no caso da insurreição ser reprimida. E o governo calculou que era melhor não arriscar um grande derramamento de sangue, porque no caso de uma vitória popular o poder czarista seria varrido por completo.

Conhecemos apenas uma mínima parte das informações que, na 2ª feira, 17 de outubro, estavam em poder do governo e que o obrigaram a evitar um combate encarniçado, e a transigir. Todos os esforços das autoridades locais

e centrais estavam dirigidas para reter ou censurar as informações sobre o crescimento ameaçador da insurreição. Porém, até o escasso, ocasional e cortado material que se infiltrou na imprensa europeia não deixa dúvida de que se tratava de uma verdadeira insurreição, capaz de infundir um terror mortal ao czar e a seus ministros.

As forças do czarismo e da revolução se equilibraram, escreviamos faz uma semana, baseados nas primeiras notícias da greve política que abarca toda a Rússia. O czarismo já não tem força para reprimir a revolução. A revolução ainda não tem força para esmagar o czarismo. Mas, neste e quillíbrio de forças, toda demora significava um grave perigo para o czarismo, pois irremediavelmente provocava vacilações no exército.

A insurreição transbordava. O sangue já corria por todos os confins da Rússia. O povo se batia nas barricadas desde Reval até Odessa, desde a Polónia até a Sibéria. As tropas venciam em pequenos choques isolados, mas, ao mesmo tempo, começavam a chegar notícias sobre um fenómeno novo, jamais visto até agora, que testemunhava claramente a debilidade militar da autocracia. Eram notícias sobre as negociações entre as tropas czaristas e o povo sublevado (Jarkov), notícias sobre a retirada das tropas das cidades (Jarkov, Reval), como único meio de restabelecer a tranquillidade. Negociações com o povo sublevado, retirada das tropas, era o principio do fim. Isto demonstra melhor que qualquer raciocínio que as autoridades militares se sentiam instáveis até o último grau. Isto demonstra que o descontentamento nas tropas alcançara um nível extraordinário. Notícias e rumores isolados chegaram também à imprensa estrangeira. Em Kiev, foram detidos soldados que tinham se recusado a atirar. Na Polónia, houve casos semelhantes. Em Odessa, a infantaria foi retida nos quartéis pelo medo de fazê-la sair à rua. Em Petrogrado, era evidente que se iniciava um estado de agitação na marinha e havia notícias sobre a total falta de confiança na guarda. Com relação à frota do mar Negro, até este momento, não era possível conhecer a verdade. Já em 17 de outubro, os telegramas anunciavam que persistiam os rumores sobre uma nova sublevação desta frota, que as autoridades estavam interceptando todos os telegramas e que recorriam a todos os meios para impedir a difusão de notícias sobre os acontecimentos.

Confrontando todas estas informações fragmentárias, é forçoso concluir que a posição da autocracia, mesmo do ponto de vista puramente militar, era desesperada. Ainda conseguia reprimir alguma explosão parcial, suas tropas ainda se apoderavam de uma ou outra barricada, mas estes choques isolados só aproximavam o momento da mais forte deflagração geral, e era precisamente o que temia o governo, que já não confiava em suas tropas.

O inimigo não aceitou um combate sério. O inimigo retrocedeu, deixando o campo de batalha ao povo revolucionário; retrocedeu a uma nova posição, que lhe parece melhor fortificada e em que espera reunir efetivos mais seguros, uni-los de modo compacto, injetar-lhes ânimo e escolher um momento melhor para o ataque.

Toda uma série de opiniões relativamente "imparciais", da imprensa burguesa europeia, confirmam esta visão da grandiosa jornada de 17 de outubro.

Por um lado, a burguesia europeia respira tranquillidade. O manifesto

czarista promete uma constituição verdadeira: a Duma obtém direitos legislativos, nenhuma lei pode entrar em vigor sem a aprovação dos representantes do povo; concede-se autoridade aos ministros, outorgam-se as liberdades civicas: inviolabilidade da pessoa, liberdade de consciência, palavra, reunião e associação. E a Bolsa apressa-se a expressar maior confiança nas finanças russas. Sobre o valor dos títulos e ações russos, que ultimamente estavam em baixa. Os banqueiros estrangeiros, que tinham fugido do Petrogrado revolucionário, prometem regressar dentro de duas semanas. A Constituição parece à burguesia europeia uma garantia de pequenas concessões "pacificas" que poderão satisfazer plenamente às classes proprietárias, ao mesmo tempo não permitindo que o proletariado revolucionário adquira "demasiada" liberdade.

Mas, por outro lado, até os burgueses liberais não podem deixar de perceber que o manifesto do czar contém apenas palavras e promessas. Quem irá crer, neste momento, somente em promessas? Não são uma burla todas estas frases sobre a inviolabilidade da pessoa e da liberdade da palavra, quando os chamados delinquentes políticos superlotam os cárceres, quando ainda se mantém a censura? Quem são os que vão concretizar as promessas do czar? O ministério de Witte, que incluye, segundo rumores, Kuzmin-Karaváiev, Kosich e Koni? Isto nem sequer seria um ministério liberal burguês. Seria apenas um ministério da burocracia liberal, tantas vezes derrotada pela camarilha reacionária da corte. Acaso o povo derramou seu sangue na luta pela liberdade para confiar nos burocratas liberais, que se livram de sua responsabilidade com palavras e promessa?!

Não, o czarismo ainda não capitulou, muito pelo contrário. A autocracia está longe de ter caído. Uma série de grandes combates espera pelo proletariado revolucionário, e a primeira vitória ajuda-lo-á a unir suas forças e a recrutar novos aliados para a luta.

"O próprio êxito da causa da liberdade" — escreveu o correspondente do "Times" no dia da publicação do manifesto — "estimulará os elementos reacionários a uma maior atividade e, enquanto o exército permanecer sob o comando de seus antigos chefes, a Rússia não pode estar a salvo da ameaça de um pronunciamento". Nós nos perguntamos se essa concessão forçada do governo, outorgada no momento culminante do ascenso revolucionário, não servirá de sinal para um novo impulso da revolução? Não se sabe se a burocracia foi desalojada de sua cidadela ou se somente retrocedeu das posições avançadas" — dizem os burgueses otimistas, ainda que os fatos demonstrem, com evidência, que a "cidadela" da autocracia, apesar de tudo, conserva toda a sua potência.

O que mais inquieta os burgueses moderados é o caráter forçado da concessão. O órgão da classe dominante francesa, o periódico "Le Temps", estava terrivelmente indignado com a "anarquia" e lançava injúrias e calúnias contra os organizadores e participantes da greve política da Rússia. Agora, este periódico, satisfeito com as promessas constitucionalistas do czar, observa inquieto: "Em vez de atuar por sua própria iniciativa, o czar simplesmente deu "instruções" para a oposição liberal. É um mau método, que dá às reformas um caráter forçado, é algo fragmentário, repentino. Este método coloca o governo

em contradição consigo mesmo e outorga um prêmio à compulsão. Infelizmente, é certo que as coisas haviam ido longe demais, e não havia outra saída para a situação a que fora levado o governo. Esqueçamos, pois, o mais rapidamente possível, o caráter desta capitulação, uma capitulação não ante os constitucionais, gente moderada que deveria ter sido ouvida, mas uma capitulação ante a greve, ante a revolução”.

Não, senhores burgueses, os trabalhadores jamais esquecerão o caráter forçado da capitulação czarista! Os trabalhadores jamais esquecerão que só graças à força de sua organização, de sua solidariedade, do heroísmo das massas, arrancaram do czarismo o reconhecimento da liberdade num pedaço de papel, no manifesto, e que também a arrancarão na prática.

Jamais dissemos que o inimigo recuou, deixando o campo de batalha para o proletariado revolucionário. Devemos acrescentar agora: segue-se perseguindo com energia o inimigo que retrocede. Na 2ª feira, 17 de outubro, publicou-se o manifesto do czar. Na 3ª, dia 18, apareceu, segundo informa a agência Wolf, um manifesto do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, editado em Petrogrado com uma grande tiragem, declarando que a publicação do manifesto czarista não interrompe em absoluto a luta do proletariado. A tática do proletariado deve consistir em aproveitar os direitos que foram concedidos sob a pressão de seus golpes, em organizar assembleias de operários para resolver o problema da continuação da greve, em organizar a milícia para defender os direitos revolucionários, em apresentar a exigência de uma anistia total. Os oradores social-democratas, nas reuniões populares, insistem na convocação da assembleia constituinte. O Comitê da greve, segundo telegrama, exige a anistia e a imediata convocação da constituinte, baseada no direito eleitoral universal e direto.

Seu instinto revolucionário, em seguida, sugeriu aos operários de Petersburgo a palavra-de-ordem exata: seguir lutando energeticamente, aproveitar as novas posições conquistadas para continuar o ataque, para aniquilar, de verdade, a autocracia. E a luta continua. A alegria e o legítimo orgulho da primeira vitória não impedem a nova organização de forças, chamada a levar a revolução até o fim. Seu êxito depende de que sejam ganhos para a causa da liberdade novos e mais amplos setores populares, de que os esclareçam e organizem. A classe operária manifestou seu poderio gigantesco na greve política geral, entretanto, bastante trabalho espera por nós entre as camadas atrasadas do proletariado urbano. Ao mesmo tempo em que criamos a milícia operária — baluarte seguro da revolução —, preparando-nos para uma nova e ainda mais decidida luta e sustentando nossas velhas palavras-de-ordem, devemos prestar uma atenção particular ao exército. A concessão forçada do czar deve ter provocado muitas vacilações em suas fileiras e, neste momento, além de convidar para as reuniões operárias, intensificar a agitação nos quartéis, ampliar as relações com a oficialidade, devemos criar (juntamente com o exército revolucionário operário) quadros de revolucionários com consciência de classe também no exército, que se ainda ontem era exclusivamente czarista, agora se encontra às vésperas de converter-se em exército do povo.

O proletariado revolucionário conseguiu neutralizar as tropas, paralisando-as nas grandes jornadas da greve geral. Deve agora conseguir que as

uipas passem totalmente para a causa do povo.

O proletariado revolucionário conseguiu a primeira grande vitória da revolução na cidade. Deve agora ampliar e aprofundar a base da revolução, estendendo-a ao campo. Levantar o campesinato para a defesa consciente da causa da liberdade, exigir as mais importantes medidas em benefício do campesinato, preparar o movimento camponês que, ligado ao proletariado urbano de vanguarda, haverá de abater a autocracia e conquistar a total e verdadeira liberdade: esta é a tarefa imediata da social-democracia russa.

O êxito da revolução depende da magnitude das massas operárias e camponesas que se levantarão para defendê-la e levá-la até o fim. A guerra revolucionária diferencia-se das outras guerras porque extrai sua principal reserva do campo dos que ontem eram aliados de seu inimigo, dos antigos partidários do czarismo, entre as pessoas que o seguiam cegamente, e o êxito da greve política de toda a Rússia dirá mais à inteligência e ao coração do mui; que que as confusas palavras de não importa que manifestos e leis.

Quando a revolução russa apenas começava a desenvolver-se, os burgueses liberais ocupavam todo o cenário político e isto ocorria há um ano atrás.

Com a ação da classe operária urbana, em 9 de janeiro, a revolução se firmou.

A revolução conseguiu a primeira vitória quando o proletariado de todos os povos da Rússia se levantou como um só homem e fez cambalear o trono czarista, que tantas desgraças causou a estes povos e, sobretudo, às classes trabalhadoras.

Quando os operários se levantaram mais uma vez e levaram atrás deles o campesinato, a revolução abaterá o inimigo e apagará da face da terra o trono do czar sanguinário.

E mais à frente... para mais à frente a revolução russa conta ainda com outras reservas. Já se foram os tempos em que os povos e os Estados podiam viver isolados uns dos outros. Observem: a Europa se comove. Sua burguesia está perturbada e disposta a gastar milhões para sufocar o incêndio da Rússia. Os dirigentes das potências militares européias já pensam em dar ajuda militar ao czar. O kaiser Guilherme enviou vários couraçados e duas divisões de torpedeiros para estabelecer relações diretas entre os militares alemães e Peterhof. A contra-revolução européia estende as mãos à contra-revolução russa.

Faça a prova, tente, cidadão Hohenzollern! Nós também temos a reserva européia da revolução russa. Esta reserva é o proletariado socialista internacional, a social-democracia revolucionária internacional. Os trabalhadores de todo mundo saúdam com comovido júbilo a vitória dos trabalhadores russos e, como conhecem a estreita relação entre os destacamentos do exército internacional e os do socialismo, preparam-se também eles para a grandiosa e decisiva luta.

Operários e camponeses da Rússia, vocês não estão sós! E se conseguirem derrubar, abater e aniquilar os tiranos da Rússia feudal, polícial, latifundiária e czarista, a vitória que obtêm será o sinal da luta contra a tirania do capital em todo o mundo, a luta pela total emancipação, não só

política mas também econômica dos trabalhadores, para libertar a humanidade da miséria e pela realização do socialismo.

*“Proletari”, nº 24, 7 de novembro (25 de outubro) de 1905
Publica-se de acordo com o texto do jornal, conferido com o manuscrito.*

2 - NOSSAS TAREFAS E O SOVIETE DE DEPUTADOS OPERÁRIOS

Camaradas:

A significação e o papel do Soviete de deputados operários figuram agora na ordem do dia da social-democracia de Petrogrado e de todo o proletariado da capital. Escrevo para expor algumas idéias acerca deste candente problema, porém considero absolutamente imprescindível formular antes uma ressalva importantíssima. Minhas observações são as de um “expectador”. Devo escrever desta distância, deste odioso “estrangero”, do exílio. E é quase impossível formar-se uma idéia acertada sobre este problema prático e concreto, sem ter estado em Petrogrado, sem ter visto sequer uma vez o Soviete de deputados operários, nem ter trocado opiniões com os camaradas de trabalho. Deixo, portanto, a critério da redação publicar ou não esta carta, escrita por uma pessoa pouco informada. Reservo-me o direito de trocar de opinião quando conseguir, finalmente, me pôr a par do assunto, através de algo mais que papéis”.

E, vamos ao assunto. Creio que o camarada Radin não tem razão quando, no nº 5 “Nóvaia Zhizn”, (Não vi mais do que cinco números deste periódico, que é virtualmente o órgão central do POSDR) coloca o problema do seguinte modo: Soviete de deputados operários ou partido? Penso que não é assim que se deve propor, que a resposta deve ser forçosamente: Soviete de deputados operários e partido. O problema — e de capital importância — é unicamente como distribuir e coordenar as tarefas do Soviete e as tarefas do Partido Operário Social-Democrata da Rússia.

A meu parecer, não será conveniente que o Soviete se ligue a um só partido com exclusividade. Esta opinião talvez espante os leitores, por isto (insisto mais uma vez que se trata da opinião de um expectador) passo diretamente a explicar minhas idéias.

O Soviete de deputados operários nasceu de uma greve geral, por causa da greve e para facilitar os objetivos da greve. Quem sustentou e concluiu vitoriosamente a greve? Todo o proletariado, dentro do qual se contam, felizmente em minoria, os que não são social-democratas. Que fins perseguia a greve? Econômicos e políticos ao mesmo tempo. Os econômicos interessavam a todo proletariado, a todos os operários e, em parte inclusive a todos os trabalhadores, e não só aos trabalhadores assalariados. Os objetivos políticos interessavam a todo o povo, melhor dizendo a todos os povos da Rússia. Os objetivos políticos consistiam na libertação de todos os povos da Rússia do jugo da autocracia, da servidão, da ausência de direitos e da opressão policial.

Prossigamos. Deve o proletariado continuar a luta econômica? Sem dúvida alguma, não pode haver, entre os social-democratas, dois critérios a respeito. Só os social-democratas devem sustentar esta luta? Deve-se travar apenas

sob a bandeira da social-democracia? Creio que não; mantenho a opinião que expressei em "Que fazer?" (certo que em condições completamente distintas, que já pertencem ao passado); não é conveniente restringir a composição dos sindicatos e por conseguinte daqueles que participam na luta sindical, econômica, aos membros do partido social-democrata (22). Acho que, como organização de todos os trabalhadores, o Soviete dos deputados operários deve tratar de incluir deputados de todos os operários, empregados, serventes, peões, etc., de todos os que quiserem e possam lutar em comum para melhorar a vida do povo trabalhador, de todos os que possam ao menos certa honestidade política elementar; de todos, menos os partidários das centúrias negras⁽²³⁾. E nós, os social-democratas, trataremos por nosso lado, primeiro, de que a totalidade das organizações de nosso partido (na medida do possível) ingressem em todos os sindicatos e, segundo, de aproveitar a luta conjunta com os camaradas proletários, sem estabelecer diferenças por suas idéias, para pregar sem descanso e com firmeza o "marxismo", a única concepção do mundo verdadeiramente consequente e proletária. Para esta pregação, para este trabalho de propagação e agitação, não há dúvida de que manteremos, fortaleceremos e ampliaremos nosso partido de classe, do proletariado consciente, completamente independente e firme quanto os princípios, isto é, o Partido Operário Social-Democrata da Rússia. Cada passo da luta proletária, indissolavelmente unido à nossa atividade planificada e organizada de social-democratas, aproximará cada vez mais as massas da classe operária russa da social-democracia.

Porém, este aspecto do problema, o referente à luta econômica, é relativamente simples e não acreditamos que origine discrepâncias. Distinto é o outro aspecto, o da direção política, o da luta política. Correndo o risco de espantar ainda mais os leitores, devo antecipar que também neste sentido não me parece conveniente pedir ao Soviete dos deputados operários que adote o programa social-democrata e que ingresse no Partido Operário Social-Democrata Russo. Minha opinião é que para dirigir hoje a luta política são necessários indubitavelmente, e por igual, tanto o Soviete (transformado no sentido que vamos expor), como o partido.

Talvez esteja equivocado, porém creio (a julgar pelos informes que possuo, incompletos e tomados dos "papéis" unicamente) que, no aspecto político, devemos considerar o Soviete de deputados operários como embrião do "governo provisório revolucionário". Creio que o Soviete deve proclamar-se, o quanto antes, governo provisório revolucionário de toda a Rússia ou — o que é o mesmo dito de outra maneira — deve criar o governo provisório revolucionário.

A luta política chegou a um grau de desenvolvimento em que as forças da revolução e da contra-revolução quase se equilibraram: em que o governo czarista já é incapaz de sufocar a revolução e a revolução não é ainda bastante forte para varrer por completo o governo das centúrias-negras. A decomposição do governo czarista é total. Porém, ao decompor-se em vida, o mau-cheiro que exala envenena toda a Rússia. A decomposição das forças czaristas, contra-revolucionárias, é imprescindível e oportuna imediatamente sem a menor demora, a "organização" das forças revolucionárias. Esta organização avança, ultimamente com admirável rapidez. Assim o comprova a formação de

destacamentos de um exército revolucionário (grupos de defesa, etc.), o rápido desenvolvimento das organizações social-democratas de massas do proletariado, a formação de comitês de camponeses pelo campesinato revolucionário e as primeiras assembleias livres de nossos irmãos proletários que vestem uniformes de marinheiros ou soldados, e que iniciam um caminho duro e difícil, porém acertado e luminoso, para a liberdade e o socialismo.

O que falta agora é unificar todas as forças realmente revolucionárias, que atuam já de modo revolucionário. Falta um centro político comum para toda a Rússia, dinâmico, ágil, forte com seu profundo enraizamento no povo, que goze da confiança absoluta das massas, que possua uma ardente energia revolucionária, intimamente relacionado com os partidos revolucionários e socialistas organizados. Esse centro só pode criá-lo o proletariado revolucionário que levou a cabo de maneira admirável uma greve política, que organiza agora a insurreição armada de todo o povo, que conquistou parcialmente a liberdade para a Rússia e que conquistará a liberdade completa.

Por que o Soviete de deputados operários não pode ser o embrião deste centro? Porque não são social-democratas todos os que formam? Isso não é inconveniente, mas uma vantagem. Sempre falamos da necessidade de unidade de luta dos social-democratas com os democratas burgueses revolucionários. Nós o dissemos e os operários fizeram-na. E trabalham bem. Quando li em "Nóvaia Zhizn" a carta dos "camaradas operários"⁽²⁴⁾, pertencentes ao partido socialista revolucionário, na qual protestam contra a inclusão do Soviete em um dos partidos, não pude deixar de pensar que, na realidade, estes camaradas têm razão em muitos aspectos. Certamente, discordamos deles quanto às idéias; nem sequer se pode falar no momento numa fusão de social-democratas com socialistas revolucionários, mas não se trata disso. Estamos profundamente convencidos de que os operários que compartilham a ideologia dos socialistas, revolucionários e que lutam nas fileiras do proletariado não são consequentes, porque atuam como verdadeiros proletários e, ao mesmo tempo, conservam idéias que não são proletárias. Temos o dever de combater no terreno ideológico, com a máxima energia, sua inconseqüência, porém devemos fazê-lo de tal modo que não prejudique o trabalho revolucionário candente, dinâmico, essencial, que todos reconhecem e que une todas as pessoas honestas. Seguimos considerando que as concepções dos socialistas revolucionários não são concepções socialistas, mas democrático-revolucionárias. Não obstante, para atingir os objetivos da luta, temos o dever de marchar juntos, conservando a autonomia completa dos partidos, e o Soviete é, e deve ser, uma organização de luta. Seria absurdo e insensato expulsar os democratas revolucionários leais e honestos no momento em que fazemos a revolução democrática. Não nos custará grande esforço superar sua inconseqüência porque nossas concepções estão apoiadas pela história e pela realidade cotidiana. Se não aprenderam em nossos livros a ser social-democratas, aprenderão em nossa revolução. Tampouco são consequentes, certamente, os operários cristãos que, apesar de tudo, creem em Deus, nem os intelectuais partidários (ufl) do misticismo, mas não os expulsaremos seja do Soviete, nem mesmo do partido, pois temos a firme convicção de que a luta real e o trabalho comum mostrarão a todos os elementos

sadios a verdade do marxismo e eliminação todo o inepto e estéril. E de nossa força, da força avassaladora dos marxistas no seio do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, não duvidamos nem por um instante.

Em minha opinião, o Soviete dos deputados operários, como centro político dirigente da revolução, não é uma organização demasiadamente ampla, mas, pelo contrário, demasiadamente estreita. O Soviete deve proclamar-se governo provisório revolucionário ou, então, constituir-lo incorporando novos deputados, não só dos operários, mas, primeiro, dos marinheiros e soldados, que em todas as partes, se sentem atraídos pela liberdade; segundo, dos camponeses revolucionários, e, terceiro, dos intelectuais burgueses revolucionários. O Soviete deve eleger um núcleo forte para o governo provisório revolucionário e cercá-lo de representantes de todos os partidos revolucionários, e de todos os democratas revolucionários (porém, sem dúvida, só revolucionários, não os liberais). Não tememos tal amplitude e diversidade, mas desejamo-la, pois sem a união do proletariado e dos camponeses, sem a aliança combativa de social-democratas revolucionários, é impossível o êxito total da grande revolução russa. Será uma aliança provisória com fins práticos e imediatos bem definidos; e para defender os interesses fundamentais, os interesses vitais do proletariado socialista, para defender seus objetivos finais, sempre estará o Partido Operário Social-Democrata da Rússia, partido independente e ideologicamente firme nos princípios.

Poderão objetar: será possível criar um centro com uma composição tão ampla e diversa, e, ao mesmo tempo, bastante coeso e unido para exercer a direção prática? Responderei com outra pergunta: o que ensina a revolução de outubro?(25) Por acaso o Comitê de greve não foi, de fato, um centro reconhecido por todos, um verdadeiro governo? E acaso este Comitê não aceitará de bom grado em suas fileiras representantes do setor das "uniões" e da "União das uniões" que é realmente revolucionário e que apóia de verdade o proletariado em sua luta implacável pela liberdade? O que faz falta é a existência no governo provisório revolucionário de um forte núcleo puramente proletário, por exemplo, que por cada cem operários, marinheiros, soldados e camponeses haja dez deputados das uniões de intelectuais revolucionários. Creio que os proletários saberão fixar logo, na prática, a proporção correta.

Poderão objetar: é viável que esse governo tenha um programa tão completo para assegurar o triunfo da revolução e tão amplo para possibilitar uma aliança combativa sem reticências, vacuidades, reservas e hipocrisias? Responderei que a vida já formulou todos os pontos desse programa. Todos os elementos politicamente conscientes de todas as classes e camadas da população, até os sacerdotes ortodoxos, já o aceitaram em princípio. No primeiro ponto do programa deve figurar a vigência completa e efetiva da liberdade política que o czar prometeu com tanta hipocrisia. A abolição de todas as leis que restringem a liberdade de palavra, de consciência, de reunião, da imprensa, de associação e de greve, e a supressão de todas as instituições que travam o exercício destas liberdades deve ser uma conquista real, imediata, garantida e levada à prática.

Este programa deve incluir a convocação de uma assembléia consultiante

malmente eleita por todo o povo livre e armado, com todo o poder e toda a força para implantar um novo regime na Rússia. Este programa deve incluir a necessidade de armar o povo, e que todos compreenderam. Resta levar até o fim e unificar a obra que se começou e prossegue em todas as partes. O programa do governo provisório revolucionário deve incluir também a concessão imediata de uma liberdade verdadeira e completa às nacionalidades oprimidas pelo monstruoso regime czarista. A Rússia livre já nasceu. O proletariado permanece em seu posto e não tolerará que a heróica Polónia volte a ser massacrada. Ele se lançará ao combate não mais numa greve pacífica, mas lutará com armas nas mãos pela liberdade da Rússia e da Polónia. O programa deve referendar a jornada de oito horas, que os operários já estão "conquistando", e outras medidas urgentes destinadas a pôr freio à exploração capitalista. Por último, o programa deve incluir indefectivelmente a transferência de todas as terras aos camponeses, para confiscar todas as terras (sem apoiar, claro, as ilusões "igualitaristas" a respeito da posse de pequenas parcelas) e a criação de comitês de camponeses revolucionários, que já começaram a constituir-se espontaneamente.

Quem, exceto os centurioneiros e seu governo, não admite agora a urgência e o caráter decisivo e prático deste programa? Se até os liberais burgueses estão dispostos a aceitá-lo, de palavra, o que necessitamos é pô-lo em prática, empregando as forças do povo revolucionário e, para isto, devemos agrupar o quanto antes estas forças, mediante a proclamação pelo proletariado do governo provisório revolucionário. É certo que a base eficaz deste governo não pode ser outra que a insurreição armada. Porém, o governo que projetamos será justamente o "orgão" desta insurreição que cresce e já amadurece. Era impossível iniciar na prática a formação do governo revolucionário enquanto a insurreição não alcançasse proporções evidentes — tangíveis, poderíamos dizer — para todos. O que, agora falta é dar unidade política a esta insurreição, organizá-la, proporcionar-lhe um programa claro e converter todos os destacados do exército revolucionário, já numerosos e em constantes crescimento, em sustentáculo e instrumento deste novo governo, autenticamente livre e popular. A luta é indubitável, a insurreição inevitável, o choque decisivo é iminente. É hora de lançar um desafio direto, de opor ao czarismo em decomposição o poder organizado do proletariado, de dirigir um manifesto a todo o povo, em nome do governo provisório revolucionário, instituído pelos operários de vanguarda.

Hoje vemos claro que do povo revolucionário sairão homens capazes de cumprir esta grande obra, homens abnegadamente fiéis à revolução e, principalmente, de uma energia ardente e ilimitada. Hoje vemos claro que existem elementos do exército revolucionário que apoiarão esta empresa, que o que há de honesto, ativo e politicamente consciente em todas as classes da população voltará as costas pra sempre ao czarismo, assim que o novo governo declare uma guerra decisiva à Rússia agonizante, feudal e policialesca.

Cidadãos! — deveria dizer esta declaração de guerra, este manifesto do governo revolucionário. — Escolham cidadãos! Ali estão a antiga Rússia, as forças sinistras que exploram, oprimem e zombam do ser humano. Aqui, a aliança de

cidadãos livres, iguais em direitos em todos os assuntos públicos. Ali, a união dos exploradores, dos ricos e policiais. Aqui, a aliança de todos os trabalhadores, de todas as autênticas forças populares, de todos os intelectuais honrados. Ali, as centúrias negras, aqui, os operários organizados que lutam pela liberdade, a cultura e o socialismo.

Escolham cidadãos! Este é o nosso programa, há tanto tempo desejado pelo povo. Estes são nossos objetivos e, por eles, declaramos a guerra ao governo dos centurioneiros. Não impomos ao povo uma novidade que inventamos; limitamo-nos a tomar a iniciativa de realizar aquilo, sem o qual, de acordo com a opinião unânime, não se pode continuar vivendo na Rússia. Não nos isolamos do povo revolucionário, mas submetemos a seu veredito cada um de nossos passos, cada uma de nossas decisões; apoiamo-nos total e exclusivamente na livre iniciativa das próprias massas trabalhadoras. Agrupamos todos os partidos revolucionários e convidamos para enviar a nossas fileiras deputados de todos os grupos da população dispostos a lutar pela liberdade e por nosso programa, que garante os direitos e satisfaz as necessidades primordiais do povo. Em particular, estendemos a mão aos camaradas operários que vestem uniforme militar e a nossos irmãos camponeses, para lutarmos juntos, até o fim, contra o jugo dos latifundiários, e dos funcionários, para lutar pela terra e liberdade.

Cidadãos! Devem se preparar para a luta decisiva. Não permitiremos que o governo centurioneiro continuei escarnecendo da Rússia. Não nos deixaremos enganar com a troca de alguns funcionários ou com a destituição de alguns policiais, quando o conjunto da polícia centurioneira conserva o poder para continuar assassinando, roubando, esmagando o povo. Que os burgueses liberais se humilhem ante esse governo centurioneiro com suas petições. Os centurioneiros riem quando se ameaça julgá-los nesse tribunal que continuam integrando os próprios funcionários czaristas. Nós daremos aos destacamentos de nosso exército a ordem de prender os heróis das centúrias negras, que embriagam e subornam as pessoas ignorantes do povo, submeteremos todos esses monstros, como o chefe de polícia de Cronstadt, ao julgamento público, revolucionário de todo o povo.

Cidadãos! Todos, menos as centúrias negras, se afastaram do governo czarista. Unam-se em torno do governo revolucionário, não paguem nenhuma contribuição nem imposto, destinem seus esforços a organizar e armar as milícias livres do povo. A Rússia só terá garantida a liberdade efetiva na medida em que o povo revolucionário derrote as forças do governo centurioneiro. Na guerra civil não existem, nem podem existir pessoas neutras. O partido dos brancos está impregnado de uma covarde hipocrisia. Quem se afasta da luta, apóia os desafetos dos centurioneiros. Quem não está com a revolução, está contra ela. Quem não é revolucionário, é centurioneiro.

Nós nos encarregamos de agrupar e preparar as forças da insurreição. Que, no aniversário da grande jornada de 9 de janeiro, não reste na Rússia nem rastro das instituições do poder czarista. Que a festa de primavera do proletariado internacional veja uma Rússia livre, com uma assembléia constituinte livremente convocada por todo o povo!

É assim que vejo a transformação do Soviete de deputados operários em governo provisório revolucionário. Estas são as tarefas que proporia em primeiro plano para todas as organizações de nosso partido, a todos os operários com consciência de classe, ao próprio Soviete, ao congresso operário que vai se realizar em Moscou e ao congresso da União Camponesa.

3- INFORME SOBRE A REVOLUÇÃO DE 1905⁽²⁶⁾

Jovens amigos e camaradas:

Hoje se cumpre o 12.º aniversário do "Domingo Sangrento", considerado com toda a razão o começo da revolução russa.

Milhares de operários, não social-democratas, mas súditos fiéis, temerosos de Deus, dirigidos pelo padre Gapon, afluíram ao centro de todos os rincões da Capital, à praça em frente ao Palácio de Inverno, para entregar uma petição ao czar. Os operários levavam tochas. Seu chefe de então, Gapon, em carta ao czar, havia pedido que aparecesse para o povo e garantido sua segurança pessoal.

As tropas foram chamadas. Ulanos e cossacos lançaram-se contra a multidão com os sabres desembainhados. Fizeram fogo contra os operários desarmados que, de joelhos, suplicavam aos cossacos que lhes permitissem ver o czar. Segundo o informe da polícia, houve nesse dia mais de mil mortos e mais de dois mil feridos. A indignação dos operários era indescritível.

Este, em linhas gerais, é o quadro do 9(22) de janeiro de 1905, o "Domingo Sangrento".

Para que vocês compreendam melhor a significação histórica deste acontecimento, lerei algumas passagens da petição dos operários. Começa com estas palavras:

"Nós, operários, habitantes de Petersburgo, acudimos a Ti. Somos escravos desgraçados, escarnecidos, esmagados pelo despotismo e a tirania. Esgotada nossa paciência, deixamos o trabalho e rogamos a nossos amos nos dessem só aquilo sem o qual a vida é uma tortura. Mas isto nos foi negado, para os patrões tudo é ilegal. Milhares de nós nos reunimos aqui. Por causa dos atos de Teus funcionários, nos convertemos em escravos".

A petição continha as seguintes reivindicações: anistia, liberdades cívicas, salário justo, entrega gradual da terra ao povo, convocação de uma assembléia constituinte baseada no sufrágio universal e igual para todos. Terminava com estas palavras:

"Senhor! Não negues ajuda a Teu povo! Derruba o muro que se ergue entre Ti e Teu povo. Ordena que nossos rogos sejam atendidos e, ao prometer, farás a felicidade da Rússia; se não o fazes, estamos dispostos a morrer aqui mesmo. Só temos dois caminhos: a liberdade e felicidade ou a tumba".

Ao ler agora esta petição de operários ignorantes e analfabetos, dirigidos por um sacerdote patriarcal, experimentamos um sentimento estranho. Involuntariamente comparamos esta ingênua petição às atuais resoluções de paz dos social-pacifistas, os supostos socialistas que, na realidade, são charlatães burgueses. Os operários não esclarecidos da Rússia pré-revolucionária não sabiam que o czar era o chefe da classe dominante, precisamente da classe dos grandes

latifundiários, ligados já por milhares de vínculos à grande burguesia e dispostos a defender, por toda a sorte de meios violentos, seu monopólio, seus privilégios e lucros. Os social-pacifistas de hoje, que — sem brincadeira — pretendem ser pessoas “muito cultas”, não compreendem que esperar uma paz “democrática” dos governos burgueses, que travam uma guerra imperialista de rapina, é tão tolo como era acreditar que, com petições pacíficas, se induziria o sangrento czar a outorgar reformas democráticas.

Apesar de tudo, há uma grande diferença entre ambos os fatos: os social-pacifistas de hoje são principalmente hipócritas que, mediante amáveis exortações, tratam de desviar o povo da luta revolucionária, enquanto que os operários ignorantes da Rússia pré-revolucionária demonstraram com fatos que eram homens sinceros que, pela primeira vez, despertavam para a consciência política.

E é neste despertar de imensas massas populares para a consciência política e para a luta revolucionária que se assenta a significação histórica do 9(22) de janeiro de 1905.

Dois dias antes do “Domingo Sangrento”, o senhor Piotr Struve, então dirigente dos liberais russos, editor, no exterior, de um órgão jornalístico ilegal não censurado, escrevia: “Não existe ainda na Rússia um povo revolucionário”. A idéia de que num país camponês, analfabeto, pudesse surgir um povo revolucionário parecia absurda a este “cultíssimo”, arrogante e estúpido dirigente dos reformistas burgueses.

Antes do 22 de janeiro (ou 9 de janeiro segundo o antigo calendário) de 1905, o partido revolucionário da Rússia consistia num pequeno grupo de pessoas e os reformistas de então (exatamente como os de hoje) em tom de bula nos chamavam *seita*. Os partidos revolucionários e a social-democracia revolucionária, em particular, antes do 22 de janeiro de 1905, constituíam-se de centenas de organizadores revolucionários, milhares de membros das organizações locais, meia dúzia de periódicos revolucionários, que não apareciam mais de uma vez por mês, que se editavam sobretudo no estrangeiro e que entravam na Rússia de contrabando, vencendo dificuldades incriveis e à custa de muitos sacrifícios. Esta circunstância dava aos mesquinhos e altivos reformistas o direito formal de afirmar que, na Rússia, não havia ainda um povo revolucionário.

Em poucos meses, contudo, o panorama mudou por completo. As centenas de social-democratas revolucionários converteram-se de imediato em milhares; os milhares converteram-se em dirigentes de dois ou três milhões de proletários. A luta proletária produziu uma agitação geral, frequentes movimentos revolucionários entre as massas camponesas que somavam de 50 a 100 milhões de pessoas, o movimento camponês teve repercussão no exército e provocou insurreição de soldados, choques armados entre um setor do exército e outro: Deste modo, um imenso país, com cento e trinta milhões de habitantes, lançou-se à revolução; deste modo, a Rússia adormecida converteu-se em uma Rússia com um proletariado e um povo revolucionário.

É necessário estudar esta transição; compreender porque foi possível, quais foram, por assim dizer, seus métodos e caminhos.

O fator principal desta transição foi a “greve das massas”. A peculiaridade da revolução russa é que, por seu conteúdo social, foi uma revolução “democrático-burguesa”, enquanto, por seus métodos de luta, foi uma revolução “proletária”. Foi democrático-burguesa porque o objetivo imediato a que se propôs, e que poderia alcançar diretamente com suas próprias forças, era uma república democrática, a jornada de oito horas e o confisco dos imensos latifúndios da nobreza, todas as medidas que a revolução burguesa da França realizou quase plenamente em 1792 e 1793.

Ao mesmo tempo, a revolução russa foi uma revolução proletária, não só por ter sido o proletariado sua força dirigente, a vanguarda do movimento, como também porque uma arma especificamente proletária de luta, a greve, foi o meio principal para pôr as massas em movimento e o fenômeno mais característico do sinuoso desenvolvimento dos acontecimentos decisivos.

A revolução russa foi a primeira grande revolução na história — ainda que não a última, sem dúvida — na qual a greve política das massas desempenhou um papel de extraordinária importância. Pode-se, inclusive, afirmar que é impossível compreender os acontecimentos da revolução russa e a sucessão de suas formas políticas, sem um estudo da “estatística das greves”, a fim de descobrir o *fundo* desses acontecimentos e dessa sucessão de formas.

Sei muito bem que os áridos dados estatísticos são pouco apropriados para uma conferência e é provável que aborreçam os ouvintes. Todavia não posso deixar de citar algumas cifras para que possam apreciar a base objetiva e real de todo o movimento. Durante os dez anos que precederam a revolução, a média anual de grevistas na Rússia foi de 43 mil pessoas, o que significa 430 mil em toda a década. Em janeiro de 1905, primeiro mês da revolução, o número de grevistas foi de 440 mil. Ou seja, em um mês houve mais grevistas que em toda a década precedente!

Em nenhum país capitalista do mundo, mesmo nos países mais avançados, como Inglaterra, Estados Unidos ou Alemanha, houve algo comparável ao grandioso movimento grevista de 1905, na Rússia. O número total de grevistas foi de 2 milhões 800 mil, duas vezes maior que o número total de operários fabris no país! Isto, naturalmente, não significa que os operários fabris urbanos da Rússia fossem mais cultos ou mais fortes, ou melhor se adaptassem à luta que seus irmãos da Europa ocidental. O certo é o contrário.

Mas demonstra quão grande pode ser a energia latente do proletariado. Demonstra que um período revolucionário — digo sem nenhum exagero, baseando-me nos dados mais exatos da história russa —, o proletariado pode desenvolver uma energia combativa cem vezes maior que nas épocas correntes, pacíficas. Demonstra que, até 1905, a humanidade não conheceu quão grandes, que imensas massas são as forças que o proletariado é e será capaz de colocar em tensão numa luta por objetivos realmente grandes, numa luta realizada de modo verdadeiramente revolucionário!

A história da revolução russa mostra que quem lutou com maior abnegação foi precisamente a vanguarda operária, o melhor elemento dos trabalhadores. Quanto maiores eram as fábricas e empresas, mais obstinadas eram as greves, maior era a frequência com que se repetiam em um mesmo ano.

Quanto maior era a cidade, mais importante era o papel do proletariado na luta. Três grandes cidades — Petrogrado, Riga e Varsóvia — que têm uma população operária mais numerosa e com mais consciência de classe deram, com relação ao total de operários, um número incomparavelmente maior de grevistas que qualquer outra cidade, e certamente muito maior que o campo.

Na Rússia — provavelmente da mesma forma que nos outros países capitalistas — os metalúrgicos são a vanguarda do proletariado. E a este respeito, observamos o seguinte fato ilustrativo: se tomamos todas as indústrias, em 1905, entre cem operários fabris, houve cento e sessenta grevistas, enquanto, a cada cem metalúrgicos, corresponderam nesse mesmo ano trezentos e vinte grevistas! Calculou-se que cada operário fabril russo perdeu, em 1905, em consequência das greves uma média de 10 rublos em salários — aproximadamente uns 26 francos ao câmbio de antes da guerra —, sacrificando este dinheiro, por assim dizê-lo, em favor da luta. Porém, se tomarmos os metalúrgicos, vemos que a perda em salários foi três vezes maior! Os melhores elementos da classe operária marchavam na frente, arrastando atrás de si os vacilantes, despertando os adormecidos e animando os fracos.

Um traço característico foi como se entrelaçaram as greves econômicas com as políticas durante a revolução. Não cabe a menor dúvida de que só este vínculo muito estreito das formas de greve foi que deu ao movimento sua força extraordinária. As amplas massas de explorados não poderiam ser incorporadas ao movimento revolucionário, se não lhes tivessem proporcionado exemplos diários de como os operários de diferentes ramos industriais obrigavam os capitalistas a conceder melhoras imediatas e diretas em sua situação. Esta luta infundiu um novo espírito na massa do povo russo. E só então a velha Rússia feudal, indolente, patriarcal, devota e submissa, derrubou o velho Adão: só, verdadeiramente revolucionária.

Quando os senhores burgueses e seus inescrupulosos imitadores, os socialistas reformistas, falam com petulância da “educação” das massas, geralmente entendem por isto algo pueril e pedante, algo que desmoraliza as massas, introduzindo nelas preconceitos burgueses.

A verdadeira educação das massas não pode estar nunca separada de sua luta política independente, e sobretudo revolucionária. Só a luta educa a classe explorada, só a luta revela a magnitude de sua força, amplia seus horizontes, desenvolve sua inteligência e forja sua vontade. Por isso, inclusive os reacionários tiveram que reconhecer que o ano de 1905, o ano da luta, “ano de loucura”, enterrou para sempre a Rússia patriarcal.

Estudemos mais de perto a correlação entre os metalúrgicos e os operários têxteis, durante as lutas grevistas de 1905. Os metalúrgicos são os proletários melhor remunerados, com maior consciência de classe e mais cultos. Os operários têxteis, cujo número, em 1905, superava em mais de duas vezes e meia o dos metalúrgicos, são os trabalhadores mais atrasados e pior remunerados da Rússia, e, em muitos casos, não romperam definitivamente com seus parentes do campo. Aqui encontramos um detalhe importante.

As greves sustentadas pelos metalúrgicos durante todo o ano de 1905

mostram uma preponderância das greves políticas sobre as econômicas, ainda que esta preponderância fosse muito maior no final do ano do que no início. Pelo contrário, entre os operários têxteis, observamos no início de 1905 uma enorme preponderância de greves econômicas e, somente no final do ano, predominam as greves políticas. Deduz-se disto que evidentemente só a luta econômica, a luta por melhorias diretas e imediatas da situação, é capaz de despertar as camadas mais atrasadas das massas exploradas, educa-as verdadeiramente e as converte — nas épocas revolucionárias —, em poucos meses, num exército de lutadores políticos.

Certamente que, para que isto ocorra, é necessário que o destacamento de vanguarda dos operários não considere a luta de classes como uma luta pelos interesses de uma pequena camada privilegiada, uma concepção que os reformistas tratam, com demasiada frequência, de inculcar, mas que o proletariado atue como a verdadeira vanguarda dos explorados, e incorpore essa maioria à luta, como sucedeu na Rússia em 1905 e como deverá suceder e inevitavelmente sucederá na revolução proletária que se avizinha na Europa.

O ano de 1905 começou com a primeira grande onda de greves que abarcou todo o país. Já na primavera desse ano, vemos surgir na Rússia o primeiro grande movimento camponês, não só econômico, mas também político. Se avaliaria a importância desta virada histórica, se levarmos em conta que o campesinato russo foi libertado da forma mais cruel de servidão feudal só em 1861, que a maioria dos camponeses analfabetos vive numa miséria indescritível, oprimidos pelos latifundiários, enganados pelos padres, e isolados entre si por enormes distâncias e por uma quase absoluta ausência de caminhos.

A Rússia presenciou o primeiro movimento revolucionário contra o czarismo em 1825, um movimento no qual participaram quase exclusivamente os nobres. Desde então até 1881, quando Alexandre II foi assassinado por terroristas, o movimento foi dirigido por intelectuais da classe média, que deram provas de um grande espírito de sacrifício e espantaram o mundo com seu heróico método terrorista de luta. Seu sacrifício não foi certamente em vão.

Eles contribuíram, sem dúvida — direta ou indiretamente — para a posterior educação revolucionária do povo russo. Porém, não alcançaram, nem podiam alcançar, seu objetivo imediato: produzir uma revolução popular.

Isto foi conseguido através da luta revolucionária do proletariado. Só a onda de greves de massas, que se estendeu por todo o país, greves vinculadas às cruéis lições da guerra imperialista russo-japonesa, despertou as amplas massas camponesas de seu sono. A palavra “grevista” adquiriu, entre os camponeses, um sentido do completamente novo, significava um rebelde, um revolucionário, um termo que antes se expressava com a palavra “estudante”. Mas o “estudante” pertencia à classe-média, aos “doutores”, aos “senhores”, e era, por isto, estranho ao povo. O “grevista” pelo contrário era do povo, pertencia à classe explorada. Deportado de Petrogrado, ele retornava frequentemente à aldeia onde falava a seus vizinhos do incêndio que se estendia por todas as cidades e que destruiria os capitalistas e a nobreza. Na aldeia russa, apareceu um tipo novo: o jovem camponês com consciência de classe. Ele mantinha relações com os “grevistas”, lia os jornais, contava aos camponeses os acontecimentos que ocorriam nas cidades, explicava

aos camaradas camponeses o significado das reivindicações políticas e instava-os a lutar contra a nobreza latifundiária, contra os padres e funcionários públicos. Os camponeses reuniam-se em grupos para discutir sua situação e pouco a pouco foram se incorporando à luta. Enormes multidões atacaram as grandes fazendas, incendiaram as casas da nobreza, apossaram-se das provisões, apoderaram-se dos cereais e de outros víveres, mataram os guardas e exigiram que as imensas fazendas fossem entregues ao povo.

Na primavera de 1905, o movimento camponês apenas começava abarcando só uma pequena parcela, aproximadamente, a sétima parte dos distritos.

Porém, a combinação das greves proletárias de massas nas cidades com o movimento camponês nas zonas rurais foi suficiente para fazer vacilar o último e mais firme apoio do czarismo. Estou me referindo ao exército.

Uma série de insurreições começou na marinha e no exército. Cada nova onda de greves e do movimento camponês, durante a revolução, foi acompanhada de insurreições em todos os confins da Rússia. A mais conhecida destas insurreições foi a do couraçado "Príncipe Potemkin", da frota do mar Negro, tomado pelos sublevados, que participaram da revolução em Odessa. Depois da derrota da revolução e de algumas tentativas infrutíferas de conquistar outros portos (por exemplo, de Feodosia, na Criméia), entregaram-se às autoridades romenas em Constanza.

A fim de oferecer-lhes um quadro completo dos acontecimentos no momento culminante, permitam-me relatar detalhadamente um pequeno episódio da insurreição da frota do mar Negro.

"Organizavam-se reuniões de operários e marinheiros revolucionários cada vez com maior frequência. Como os recrutas estavam proibidos de assistir a reuniões operárias, grande número de operários começou a participar das reuniões dos militares. Vinham aos milhares. A idéia de uma ação conjunta teve grande ressonância. Os delegados eram eleitos nas companhias onde havia maior compreensão política.

As autoridades militares decidiram tomar providências. Alguns oficiais tentaram pronunciar discursos "patrióticos" nas reuniões, mas fracassaram lamentavelmente: os marinheiros, acostumados, a discutir, puseram os chefes em fuga vergonhosa. Em vista disto, resolveu-se proibir toda a sorte de reuniões. Na manhã de 24 de novembro de 1905, uma companhia de marinheiros, com equipamentos de guerra completa, montava guarda nas portas dos quartéis da marinha. O contra-almirante Pisarievski ordenou em voz alta: "Que ninguém saia dos quartéis!". Abram fogo contra quem desobedecer!" Um marinheiro chamado Petrov, da companhia que acabara de receber esta ordem, adiantou-se saindo das fileiras e, diante de todos, descarregou o fuzil, com um tiro matou o capitão Stein do Regimento de Bielostok e com o segundo feriu o contra-almirante Pisarievski. Um dos oficiais gritou: "Prendam-no!" Ninguém se moveu. Petrov atirou seu fuzil ao solo, exclamando:

"Por que não se movem? Detenham-me! "Foi aprisionado. Os marinheiros que afluíam de todas as partes exigiram sua liberdade, com raiva,

afirmando que respondiam por ele. A agitação aumentou.

"Petrov, o disparo foi acidental? não foi?" perguntou um dos oficiais, procurando uma saída para a situação.

— "Por que acidental? Me adiantei, carreguei o fuzil e aponteí. Isto pode ser um acidente?"

— "Os marinheiros exigem tua liberdade..."

E Petrov foi posto em liberdade. Os marinheiros, entretanto, não se contentaram com isto: prenderam todos os oficiais da guarda, desarmaram-nos e encerraram-nos nos porões. Os delegados dos marinheiros — uns quarenta — deliberaram durante toda a noite. Decidiram colocar os oficiais em liberdade, porém proibir-lhes no futuro a entrada aos quartéis.

Este pequeno incidente demonstra claramente como se desenrolaram os acontecimentos na maioria das insurreições militares. O fermento revolucionário do povo não poderia deixar de estender-se também ao exército. É demonstrativo que os dirigentes do movimento provinham daqueles elementos do exército e da marinha que tinham sido recrutados, principalmente, entre os operários industriais, dos quais se exigia uma melhor preparação técnica, como por exemplo, os sapadores. As amplas massas, todavia, eram ainda demasiadamente ingênuas, de ânimo muito passivo, muito bondoso, cristão demais. Inflamavam-se com bastante facilidade; qualquer injustiça, o tratamento excessivamente grosseiro dos oficiais, a comida ruim, etc, podiam provocar a rebelião. Porém, faltava-lhes perseverança, uma percepção clara do objetivo, uma compreensão clara de que só a mais enérgica continuidade da luta armada, só uma vitória sobre todas as autoridades militares e civis, só a derrocada do governo e a tomada do poder em todo o país, poderia garantir o êxito da revolução.

As amplas massas de marinheiros e soldados rebelavam-se com facilidade. Mas, com essa mesma facilidade libertavam totalmente os oficiais presos: deixavam-se apaziguar pelas promessas e exortações dos oficiais; deste modo os oficiais ganhavam um tempo precioso, traziam reforços e enfraqueciam a força dos rebeldes, e vinham depois a mais cruel repressão do movimento e a execução dos dirigentes.

É de particular interesse comparar estas insurreições de 1905 com a insurreição dos dezembristas em 1825. Em 1825, os dirigentes do movimento político eram quase que exclusivamente oficiais oriundos da nobreza. Haviam-se contaminado com as idéias democráticas da Europa, ao entrar em contato com elas durante as guerras napoleônicas. A tropa formada então por servos permanecia passiva.

A história do ano de 1905 apresenta um quadro diametralmente oposto. Os oficiais, salvo raras exceções, eram liberal-burgueses, reformistas, ou abertamente anti-revolucionários. Os operários e camponeses uniformizados foram a alma das insurreições. O movimento estendeu-se a todos os setores da população e, pela primeira vez na história da Rússia, abarcou a maioria dos explorados. Porém, o que faltou a este movimento foi, por um lado, firmeza e resolução das massas, que erravam por excesso de confiança; e, por outro lado, faltou a organização dos operários revolucionários social-democratas que estavam recrutados: não souberam tomar a direção nas mãos, colocar-se à frente do

exército revolucionário e lançar uma ofensiva contra o poder governamental. A propósito, devo assinalar que esses dois defeitos serão eliminados — indefectivelmente, ainda que mais vagarosamente do que desejaríamos — não só pelo desenvolvimento geral do capitalismo, mas também pela guerra atual. . .

De todo modo, a história da revolução russa, assim como a da Comuna de Paris de 1871, nos ensina a lição irrefutável de que o militarismo jamais, em nenhum caso, poderá ser derrotado e destruído de outro modo que não seja a luta vitoriosa de um setor do exército nacional contra o outro. Não basta simplesmente denunciar, denegrir e repudiar o militarismo, criticá-lo e mostrar que é prejudicial. É tolice se negar pacificamente a fazer o serviço militar. A tarefa consiste em manter em tensão a consciência revolucionária do proletariado e adestrar seus melhores elementos, não só de maneira geral, mas concretamente, para que, quando a efervescência popular alcançar o ponto mais alto colocarem-se à frente do exército revolucionário.

Assim nos ensina também a experiência diária de qualquer país capitalista. Cada "leve" crise que sofre um destes países descobre, em miniatura, os elementos, os rudimentos dos combates que terão lugar inelutavelmente em grande escala numa grande crise. E o que é, por exemplo, uma greve, senão uma pequena crise da sociedade capitalista? O ministro prussiano do interior, senhor von Puttkammer, não teria razão quando concebeu sua famosa frase: "Em cada greve se oculta a hidra da revolução"? O emprego das tropas nas greves em todos os países capitalistas, inclusive nos mais pacíficos, nos mais "democráticos" — com perdão da palavra — não demonstra, acaso, como sucederão as coisas numa crise verdadeiramente grande?

Porém, voltemos de novo à história da revolução russa.

Tratei de mostrar-lhes como as greves operárias sacudiram o país inteiro e às camadas exploradas mais amplas e atrasadas, como se iniciou o movimento camponês e como foi acompanhado de insurreições militares.

O movimento alcançou o apogeu no outono de 1905. No dia 19 (6) de agosto, surgiu um manifesto do czar implantando a representação popular. A chamada Duma de Bulguin devia ser criada sobre a base de um sufrágio que envolvia um número irrisório de votantes e esse original "parlamento" não teria poderes legislativos de nenhum tipo, só faculdades consultivas, de assessoria! A burguesia, os liberais, os oportunistas se dispunham a se aferrar com ambas as mãos a este "obsequio" do assustado czar. Como todos os reformistas, os nossos de 1905 não compreendiam que há situações históricas nas quais as reformas, e em particular as promessas de reformas, perseguem exclusivamente um objetivo: apiacar o descontentamento popular, obrigar a classe revolucionária a suspender ou pelo menos debilitar sua luta.

A social-democracia revolucionária da Rússia compreendia muito bem qual era o verdadeiro caráter desta dádiva de uma constituição fantasma em agosto de 1905. Por isso, sem hesitações, lançou as palavras-de-ordem: Abaixo a Duma consultiva! Boicote à Duma! Abaixo o governo czarista! Continuação da luta revolucionária para derrubá-lo! Não o czar, mas um governo provisório revolucionário é quem deve convocar a primeira assembleia representativa autenticamente popular na Rússia!

A história mostrou que os social-democratas revolucionários tinham razão, pois a "Duma de Bulguin" nunca se reuniu. Foi varrida pela tormenta revolucionária antes que pudesse ser convocada. E essa tormenta obrigou o czar a promulgar uma nova lei eleitoral, que ampliava consideravelmente o número de votantes e reconhecia o caráter legislativo da Duma.

Outubro e dezembro de 1905 assinalaram o ponto mais alto na maré ascendente da revolução russa. Todas as fontes da energia revolucionária do povo fluíram numa torrente muito mais ampla do que antes. O número de grevistas que — como já disse —, em janeiro de 1905, fora de 440 mil, em outubro de 1905, alcançou meio milhão (só em um mês!). A esse número, que compreende unicamente os operários fabris, temos que somar várias centenas de milhares de ferroviários, empregados dos Correios e Telégrafos, etc.

A greve geral dos ferroviários interrompeu todo o tráfego de trens e paralisou efetivamente a força do governo. As portas das universidades abriram-se de par em par, e as aulas — destinadas, em tempo de paz, exclusivamente, a escurecer os jovens cérebros com sabedoria acadêmica e pedante, convertendo os estudantes em dóceis serviçais da burguesia e do czarismo — converteram-se num teatro de reuniões públicas nas quais milhares e milhares de operários, artesãos e empregados discutiam abertamente e livremente os problemas políticos.

Conquistou-se a liberdade de imprensa. A censura foi simplesmente ignorada. Nenhum editor se atrevia a apresentar às autoridades, para a censura, o exemplar obrigatório e as autoridades não se atreviam a adotar qualquer medida contra o fato. Pela primeira vez na história da Rússia apareceram, livremente, em Petrogrado, e outras cidades, jornais revolucionários. Só em Petrogrado publicavam-se três diários social-democratas, com uma tiragem de 50 a 100 mil exemplares.

O proletariado marchava à frente do movimento. Ele havia se proposto conquistar a jornada de oito horas pela ação revolucionária. O grito de guerra do proletariado de Petrogrado era "Jornada de oito horas e armas!" Era evidente para uma massa cada vez maior de operários, que a sorte da revolução só podia se decidir, e se decidiria, pela luta armada.

No fragor da luta surgiu uma organização de massas original: os célebres Sovietes de deputados operários, que incluíam delegados de todas as fábricas. Estes Sovietes começaram a desempenhar gradualmente, em várias cidades, o papel de governo provisório revolucionário, o papel de organismos e de dirigentes da insurreição. Tentou-se organizar Sovietes de deputados soldados e marinheiros e unificá-los com os Sovietes de deputados operários.

Durante certo tempo, várias cidades da Rússia converteram-se em algo parecido com pequenas "repúblicas" locais. As autoridades governamentais foram destituídas e o Soviete de deputados operários funcionava realmente como novo governo. Estes períodos foram, por desgraça, muito curtos, as "vitórias" muito frágeis, bastante isoladas.

O movimento camponês alcançou, no outono de 1905, dimensões ainda maiores. Os chamados "excessos camponeses" e as permanentes insurreições camponesas afetaram, na época, mais de um terço de todos os distritos. Os camponeses incendiaram mais de duas mil casas da nobreza com suas

dependências, e repartiram os viveres que a nobreza ladra havia roubado do povo.

Desgraçadamente, este trabalho não se fez bastante a fundo! Desgraçadamente, os camponeses destruíram só um-quinze-avos do número total de casas dos nobres, só um-quinze-avos do que deveriam ter destruído para varrer do solo russo, de uma vez para sempre, esta vergonha que é o grande latifúndio feudal! Por desgraça, os camponeses estavam demasiadamente dispersos, demasiadamente isolados uns dos outros nas ações. Não estavam suficientemente organizados, não foram arrojados o bastante; e nisto reside uma das causas fundamentais da derrota da revolução.

Entre os povos oprimidos da Rússia estourou um movimento de libertação nacional. Mais da metade, quase três quintas partes (exatamente 57%) da população da Rússia sofrem a opressão nacional, nem sequer têm liberdade para utilizar seu idioma nacional, são russificados à força. Os muçulmanos, por exemplo, que chegam a dezenas de milhões, apressaram-se a organizar uma liga muçulmana — era uma época de crescimento rápido de todo o tipo de organização.

O exemplo seguinte proporcionara ao público, em particular a juventude uma mostra de como, em união com o movimento operário, surgiu naquela época, o movimento de libertação nacional na Rússia.

Em dezembro de 1905, os escolares polacos queimaram, em centenas de escolas, todos os livros russos, os quadros e retratos do czar, e agrediram e expulsaram os mestres russos e seus colegas russos com o grito: "Fora daqui, voltem para a Rússia"! Os estudantes secundários apresentaram, entre outras, as seguintes reivindicações: 1) Todas as escolas secundárias devem passar a depender do soviete de deputados operários; 2) reuniões conjuntas de estudantes e operários nas escolas; 3) que se autorize os estudantes secundários a usar blusas vermelhas em sinal de adesão à futura república operária.

Quanto mais crescia a onda do movimento, com maior energia e decisão unia-se a reação para lutar contra os revolucionários. A revolução russa de 1905 confirmou a verdade do que escrevera Kautsky em 1902 (quando, certamente, ainda era um marxista revolucionário e não, como agora, um defensor do social-patriotismo e do oportunismo) em seu livro "A revolução social". Eis aqui o que digo:

"A revolução iminente... se parecerá menos a uma insurreição espontânea contra o governo que a uma guerra civil prolongada."

Com efeito, assim ocorreu! Indubitavelmente, assim sucederá, também na futura revolução europeia!

O czarismo descarregou seu ódio particularmente contra os judeus. Por um lado, os judeus proporcionavam uma alta porcentagem de dirigentes para o movimento revolucionário (em comparação com o total da população judia). E, agora, também é necessário anotar no haver dos judeus que proporcionam uma porcentagem relativamente elevada de internacionalistas, em comparação com outros povos. Por outro lado, o czarismo explorou habilmente os piores preconceitos anti-semitas das camadas mais ignorantes da população para organizar, senão para dirigir diretamente, *progroms* — em cem cidades, mais de

quatro mil judeus foram mortos e mais de dez mil mutilados. Estas matanças atrozmente pacíficas judeus, de suas mulheres e filhos, provocaram a repulsa de todo o mundo civilizado. Refiro-me, naturalmente à repulsa dos verdadeiros elementos democráticos do mundo civilizado, que são exclusivamente os operários socialistas, os proletários.

Inclusive nos países mais liberais, inclusive nos países republicanos da Europa ocidental, a burguesia procura uma maneira de combinar suas frases hipócritas sobre as "atrocidades russas", com os negócios mais desavergonhados, especialmente com o apoio financeiro do czarismo e com a exploração imperialista da Rússia através da exportação de capitais, etc.

A revolução de 1905 alcançou seu ponto culminante com a insurreição de dezembro em Moscou. Durante nove dias, um pequeno número de insurretos operários organizados e armados — não seriam mais de oito mil — lutaram contra o governo czarista, que não confiava na guarnição de Moscou. Na verdade, viu-se obrigado a deixar as tropas rigorosamente aquarteladas, e só pode sufocar a insurreição fazendo vir de Petrogrado o regimento de Semionov.

A burguesia agrada ridicularizar a insurreição de Moscou e qualificá-la de artificial. Por exemplo, na chamada literatura "científica" alemã, o senhor professor Max Weber, em seu extenso estudo sobre o desenvolvimento político da Rússia, tacha de "putsch" a insurreição de Moscou. "O grupo leninista — escreve este eruditíssimo senhor professor — e um setor dos socialistas revolucionários vinham preparando esta desorganizada insurreição, há muito tempo."

Para avaliar corretamente esta obra da sabedoria acadêmica da covarde burguesia, basta recordar a estatística das greves. Nas greves puramente políticas de janeiro de 1905; na Rússia, participaram apenas 123 mil operários; em outubro, 330 mil; e, em dezembro, chegou-se ao máximo: 370 mil operários participaram de greves puramente políticas — num só mês! Recordemos também os progressos da revolução, as insurreições de camponeses e soldados, para vermos com clareza que o juízo "científico" burguês sobre a insurreição de dezembro não é só um absurdo, mas um subterfúgio de que se utilizam os representantes da covarde burguesia, que vê no proletariado o seu mais perigoso inimigo de classe.

Na realidade, todo o desenvolvimento da revolução russa impulsionava de modo inevitável para a luta armada, para o combate decisivo entre o governo czarista e a vanguarda do proletariado com consciência de classe.

Já assinaléi, em observações prévias, em que consistiu a debilidade da revolução russa que a conduziu a sua derrota temporária.

Ao ser esmagada a insurreição de dezembro, inicia-se o descenso da revolução. Porém, neste período, se observam também momentos bastante interessantes; basta recordar que em duas oportunidades os elementos mais combativos da classe operária tentaram frear o recuo da revolução e preparar uma nova ofensiva.

Porém, esgotei quase todo o tempo de que disponho e não quero abusar da paciência do público. Creio, entretanto, haver esboçado, na medida em que

é possível fazê-lo plenamente, tratando-se de uma conferência breve e de um tema tão amplo, os aspectos mais importantes da revolução russa: seu caráter de classe, suas forças motrizes e seus métodos de luta.

Mais algumas breves observações a respeito da significação internacional da revolução russa.

Geográfica, econômica e historicamente, a Rússia faz parte não só da Europa, mas também da Ásia. Por isto a revolução russa não conseguiu apenas despertar definitivamente o maior e mais atrasado país da Europa, e foijar um povo revolucionário, dirigido por um proletariado revolucionário.

Conseguiu mais do que isso. A revolução russa pôs toda a Ásia em movimento. As revoluções da Turquia, Pérsia e China demonstram que a poderosa insurreição de 1905 deixou marcas profundas e que sua influência, que se manifesta no movimento progressista de centenas de milhões de pessoas, é indestrutível.

A influência da revolução russa fez-se sentir também de um modo indireto nos países do Ocidente. Não devemos esquecer que a notícia sobre o manifesto constitucional do czar, que Viena recebeu em 30 de outubro de 1905, desempenhou um papel decisivo na vitória definitiva do sufrágio universal na Áustria.

Durante uma das sessões do congresso dos social-democratas austríacos, quando o camarada Ellenbogen — que ainda não era um social-patriota, mas um camarada — apresentava seu informe sobre a greve política, foi colocado em sua mesa um telegrama com essa notícia. Os debates foram suspensos imediatamente. “Nosso lugar é nas ruas”, foi a palavra-de-ordem que ressoou por toda a sala onde se reuniam os delegados da social-democracia austríaca. Nos dias subsequentes eclodiram as maiores manifestações de rua em Viena e barricadas em Praga. Ganhar-se na Áustria a batalha pelo sufrágio universal.

Constantemente nos encontramos com pessoas da Europa Ocidental que falam da revolução russa como se os acontecimentos, o curso e os métodos de luta neste país atrasado tivessem muito pouco em comum com os modelos da Europa ocidental, e por isso dificilmente podem ter alguma significação prática.

Nada mais errado.

É indubitável que as formas e os motivos dos iminentes combates da futura revolução européia diferirão em muitos aspectos das formas da revolução russa.

Mas, apesar disto, a revolução russa — graças precisamente a seu caráter proletário, no sentido particular a que já me referi — é o prólogo da futura revolução européia. É indubitável que essa futura revolução só pode ser uma revolução proletária, e além disto, num sentido mais profundo da palavra: uma revolução proletária e socialista também por seu conteúdo. Essa futura revolução mostrará, mais ainda, por um lado, que só duras batalhas, só guerras civis podem libertar a humanidade do jugo do capital; e, por outro lado, que só os proletários com consciência de classe podem dirigir e dirigirão a imensa maioria dos explorados.

Não devemos nos deixar enganar pelo silêncio sepulcral que agora

na Europa. A Europa está prenhe da revolução. Os espantosos horrores da guerra imperialista, os sofrimentos causados pelo alto custo de vida criam em todas as partes o espírito revolucionário, e as classes dominantes — a burguesia e seus servidores, os governos — se metem cada vez mais num beco sem saída, do qual não poderão sair sem tremendos cataclismos.

Da mesma forma que na Rússia, em 1905, começou, sob a direção do proletariado, uma insurreição popular contra o governo czarista, cujo objetivo era a conquista da república democrática, na Europa, os próximos anos conduzirão justamente por causa desta guerra de pilhagem, a insurreições populares dirigidas pelo proletariado contra o poder do capital financeiro, contra os grandes bancos, contra os capitalistas. E esses cataclismos só poderão terminar com expropriação da burguesia, com o triunfo do socialismo.

Nós, os da velha geração, talvez não cheguemos a ver as batalhas decisivas dessa revolução. Não obstante, creio que posso expressar com plena segurança a esperança de que a juventude, que está trabalhando tão magnificamente no movimento socialista da Suíça e de todo o mundo, não só terá a sorte de lutar, mas também de triunfar na futura revolução proletária.

Escrito em alemão antes do 9 (22) de janeiro de 1917.

Publicado pela primeira vez em 22 de janeiro de 1925, no Pravda, nº 18

Assinado: N. Lenin

Publica-se de acordo com o manuscrito.

NOTAS

- 1 - As cartas que Lenin menciona fazem parte da correspondência do bolchevique B. Guiev; publicaram-se no n.º 4 do Vperiod, de 31 (18) de janeiro de 1905, com o título de "Cartas dos Social-Democratas de Petrogrado".
- 2 - Trata-se de Vorwarts ("Adiante"), órgão oficial da social-democracia alemã, mencionado no n.º 4 de Vperiod, de 31 (18) de janeiro de 1905, no artigo intitulado "Na praça do Palácio. Carta de uma testemunha ocular".
- 3 - Por certo que nossos sabichões neo-iskristas (sabichões à Martinov) procuraram confundir, debilitar e diminuir esta palavra-de-ordem (Veja-se o n.º 62 de Iskra, o editorial "Preparamo-nos na forma devida?"). Mas nosso partido rechaça categoricamente os Martinov neo-iskristas, em particular desde o famoso plano de "acordo" com os Zemstvos para não provocar pânico. (Esta nota foi riscada no manuscrito e não se publicou em Vperiod. Apareceu impressa pela primeira vez em 1934, com o título de "Nota para o artigo - O paizinho czar e as barricadas".
- 4 - Jornal que se publicou em Petrogrado de 1904 a 1906.
- 5 - Mensageiro do Governo: diário oficial da Direção Geral para assuntos de imprensa. Publicou-se em Petrogrado de 1869 a 1917.
- 6 - Notícias da Administração de Petrogrado - continuação com título diferente de "Notícias da Polícia urbana de Petrogrado". Publicou-se até 1917.
- 7 - Este artigo seria incluído no n.º 4 de Vperiod, dedicado ao começo da revolução na Rússia, mas não foi assim. Publicou-se pela primeira vez em 1924, no suplemento do livro Vperiod e Proletari, os primeiros jornais bolcheviques em 1905.
- 8 - Trata-se de uma greve política de massas, que estalou em Kiev em julho de 1905. No n.º 47 de Iskra, de 1.º de setembro desse ano, publicou-se um extenso artigo do correspondente do jornal, intitulado: "Greve Geral em Kiev".
- 9 - O manuscrito se interrompe neste ponto (editor soviético).
- 10 - Krichevski no n.º 10 de Rabocheie Dielo, Martov e Zaslulich, por causa do disparo de Lekkert. Os neoiskristas em geral, num volante publicado por causa do assassinato de Pleve (refere-se ao volante n.º 16, intitulado "Ao povo operário"), e assinado pela redação da Iskra menchevique, onde se defende sem dissimulação a tática do terrorismo individual (editor soviético).
- 11 - Este artigo, publicado em Iskra, foi escrito por Plejanov e corresponde ao período em que Iskra (n.ºs 46 a 51) aparecia sob redação de Plejanov e Lenin. Naquela época, Plejanov não pensava ainda no novo rumo da famosa transigência diante do oportunismo.
- 12 - V.I. Lenin, "Por que renunciei à redação de Iskra". (editor soviético).
- 13 - Triapichkin é um personagem secundário de "O Inspetor", de Gogol; também

aparece numa nota de Saltikow-Schedrin. Lenin designa com este nome os autores das cartas que a nova Iskra publicava. (editor soviético).

14 — Já escritas as linhas anteriores, chegam-nos as seguintes notícias do campo liberal, que não deixam de ter interesse. O correspondente especial do jornal democrático-burguês alemão Frankfurter Zeitung, em Petrogrado, cita (no n.º de 17 de fevereiro de 1905) as seguintes manifestações de um jornalista liberal de Petrogrado sobre a situação política: "Os liberais seriam uns néscios se não aproveitassem o momento presente. Têm todos os trunfos na mão, porque conseguiram juntar os operários a seu carro, enquanto o governo carece agora de homens, já que a burocracia não permite que ninguém se destaque". Por certo que a santa simplicidade da nova Iskra tem que ser muito grande para falar, num momento como este, da morte do liberalismo.

15 — Refere-se à nota intitulada "A desorganização dos comités locais" e as resoluções dos grupos social-democratas de Minsk e Odessa, publicadas no n.º 7 de Vperiod de 21 (8) de fevereiro de 1905, na seção "Do Partido". (editor soviético).

16 — Trata-se do artigo de um jornalista, publicado no n.º 218 do periódico "Rus", de 13 (26) de setembro de 1905, com o título: "Na imprensa e na sociedade".

17 — C. Marx y F. Engels, "Obras Escolhidas", ed. Cartago, Buenos Aires, 1957, pág. 73.

18 — Na noite de 8 (21) de dezembro de 1905, os soldados e a polícia cercaram o parque Aquário, em cujo teatro se realizava um comício bastante concorrido. A abnegada defesa dos grupos operários que cuidavam do ato impediu que o choque com a polícia terminasse de forma cruenta; alguns assistentes que possuíam armas, conseguiram escapar por um caminho protegido, mas os que saíram pela porta principal foram golpeados e, em muitos casos, presos.

19 — No edifício da escola Fidler realizavam-se constantemente reuniões do partido. Na noite de 9 (22) de dezembro de 1905, durante uma das habituais reuniões, assistidas principalmente por membros das brigadas de choque, o prédio foi cercado pelas tropas. Os assistentes recusaram-se a render-se e entriçeiraram-se para defender-se. As tropas atacaram com fuzis e metralhadoras. Mais de trinta pessoas foram mortas ou feridas e cento e vinte detidas.

20 — Esta tese foi reiteradamente desenvolvida por Engels em várias de suas obras e, em particular, em "Anti-Dühring".

21 — Lenin trata deste tema em seu trabalho "A revolução russa e as tarefas do proletariado".

22 — V.I. Lenin, ob. cit. t. V. "Que fazer?"

23 — "Centurias negras", grupos monárquicos, ultra-revolucionários, organizados pela polícia czarista para lutar contra o movimento revolucionário. Assassinavam os revolucionários, agrediam os intelectuais e organizavam "progroms".

24 — A "Carta de deputados do Soviete, membros do partido socialista revolucionário" foi publicada no n.º 4 de "Novaia Zhizn", de 30 de outubro de 1905.

25 — Refere-se à greve política de toda a Rússia em outubro de 1905.

26 — Este informe foi lido por Lenin em alemão, em 9 (22) de janeiro de 1917, na Casa do Povo, de Zurich, numa reunião da juventude operária suíça. Lenin começou a trabalhar no informe por volta de 20 de dezembro de 1916. Em carta a V.A. Karpinski de 7 (20) de dezembro, Lenin comunica sua intenção de ler em Zurich um informe sobre a revolução de 1905 e indica a bibliografia necessária, solicitando que lhe seja enviada.